

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS – GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CCE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED

EMANUELLA GEOVANA MAGALHÃES DE SOUZA

**ENTRE TÊNIS E CADARÇOS – A LITERATURA INFANTIL  
AFRODESCENDENTE: O QUE ENSINA O MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO?**

TERESINA – PI  
2019

EMANUELLA GEOVANA MAGALHÃES DE SOUZA

**ENTRE TÊNIS E CADARÇOS – A LITERATURA INFANTIL  
AFRODESCENDENTE: O QUE ENSINA O MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED da Universidade Federal do Piauí – UFPI como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Movimentos Sociais e Políticas Públicas.

Orientador: Professor Pós-Dr. Francis Musa Boakari.

TERESINA - PI  
2019

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco  
Serviço de Processamento Técnico

S729e Souza, Emanuella Geovana Magalhães de.  
Entre tênis e cadarços - a literatura infantil afrodescendente :  
o que ensina o mercado editorial brasileiro? / Emanuella  
Geovana Magalhães de Souza. – 2019.  
159 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade  
Federal do Piauí, Teresina, 2019.

“Orientador: Professor Pós-Dr. Francis Musa Boakari”.

1. Literatura infantil. 2. Mercado Editorial.  
3. Meninas/Mulheres afrodescendentes. 4. Epistemicídio.  
I. Título.

CDD 372

EMANUELLA GEOVANA MAGALHÃES DE SOUZA

**ENTRE TÊNIS E CADARÇOS – A LITERATURA INFANTIL  
AFRODESCENDENTE: O QUE ENSINA O MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED da Universidade Federal do Piauí – UFPI como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Movimentos Sociais e Políticas Públicas.

Orientador: Professor Pós-Dr. Francis Musa Boakari.

Aprovada em: 15 / 02 / 2019

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. PHD Francis Musa Boakari – PPGED/UFPI  
**Orientador/Presidente**



Prof. Dr. Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti – PPGED/UFPI  
**Examinador interno**



Prof.ª Dr.ª Assunção de Maria Sousa e Silva - UESPI  
**Examinadora externa a instituição**

*“[...] uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida”.*

*(Glória Anzaldúa)*

## AGRADECIMENTOS

Foram dois anos de alegrias, conquistas, raivas, tristezas, um misto de sentimentos. Mas cheguei até aqui. Com o sentimento de dever cumprido, um corpo mais leve e a mente inquieta desejando novos desafios.

Agradeço antes de tudo a Deus e os seres benéficos que conspiraram para essa conquista.

Aos meus pais Raimundo Antônio e Geovana Magalhães sou inteiramente grata pela confiança, amor e apoio. São minha base, meu orgulho. Esse trabalho é para vocês, sobre vocês. Minha madrinha e grande incentivadora, Lilia Maria, bem como, minha tia, “Tia Chaga”, agradeço pelo incentivo e carinho. Esse trabalho também é para vocês, sobre vocês. Obrigada também a minha afilhada, Jasmim Magalhães, por deixar meus dias mais coloridos e por ensinar a simplicidade da vida.

Outras pessoas foram extremamente importantes nessa caminhada, como meu namorado João Paulo, que me ouviu, apoiou e ajudou e acima de tudo deu motivação e carinho. Obrigada por tudo. Espero te acompanhar em São Carlos - SP, no doutorado.

Obrigada aos meus amigos que compreenderam a falta de tempo e atenção para com eles, principalmente minhas amigas mais próximas, Larisse e Aycha.

Um agradecimento cheio de amor e afeto a minha amiga de pesquisa, Alessandra Alves, que se tornou minha amiga de vida. Obrigada por me escutar e está perto de mim nos momentos bons e ruins. Essa pesquisa tem muito sobre você. Não tenho palavras para descrever meu afeto, só me resta agradecer do fundo do coração por sua amizade.

Não poderia deixar de mencionar as/os amigas/os da 27ª turma de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí pelas vivências e experiências compartilhadas. Em especial a minha irmã e irmão de orientador, Ilanna Brenda e Kácio Santos, pelas risadas e medos empreendidos durante esses dois anos. Com certeza, a caminhada foi mais leve com vocês.

Deixo também meus sinceros agradecimentos aos professores do referido programa pelas aprendizagens experimentadas. Agradeço em especial aos professores que compuseram a banca de qualificação: Ednardo Monti, Armstrong Evangelista e Martha Queiroz, suas dicas, apontamentos, questionamentos foram imprescindíveis para a construção desse trabalho.

O Núcleo de Estudos RODA GRIÔ-GEAFRO: Educação, Gênero e Afrodescendência na UFPI foi de fundamental importância. Além de adquirir novos conhecimentos, fiz amizades e aprendi com nossas próprias experiências.

Agradeço ao meu orientador, por todos esses anos juntos. Foram muitos anos, desde a graduação... Pela paciência, pelos ensinamentos, pela orientação de vida.

Meu orientador “posticho”, que não conheço pessoalmente, mas que me ajudou imensamente. Sou muita grata por todas as dicas e apoio, o professor Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET – MG).

Outro agradecimento cheio de admiração e afeto as profissionais de edição que participaram dessa pesquisa, Maria Mazarello e Editora Pallas. Vocês foram essenciais nesse estudo.

Agradeço também o incentivo e fomento financeiro recebido da FAPEPI (Fundação de Amparo a Pesquisa do Piauí).

Por fim, agradeço a todxs que de alguma forma contribuíram para a construção dessa pesquisa: sim, eu cheguei até aqui!

Com coração cheio de amor e alegria,  
Obrigada a todxs.

SOUZA, Emanuella Geovana Magalhães de. **ENTRE TÊNIS E CADARÇOS – A LITERATURA INFANTIL AFRODESCENDENTE: o que ensina o mercado editorial brasileiro?** Dissertação (Mestrado em Educação). 159 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2019.

## RESUMO

O mercado editorial no Brasil é agente educador uma vez que ensina e fomenta a sociedade brasileira marcada pelos meandros do epistemicídio, configuração que desqualifica os grupos considerados outros/as, em sua condição humana – racional, e assim invisibiliza as produções intelectuais desses grupos, como as pessoas de descendência africana. Como consequências são alimentados vários estereótipos negativos em relação aos afrodescendentes, construindo dessa maneira sociedades desiguais, refletindo seus preconceitos e várias práticas discriminatórias. Dentro desse viés, a mulher afrodescendente sofre de maneira interseccional discriminações de gênero-raça-classe (e por causa de outros fatores). Como forma de reproduzir esses estereótipos, têm-se a chamada literatura infantil clássica que invisibiliza a menina de descendência africana. Diante dessa situação, algumas editoras especializadas na produção de obras sobre afrodescendência tentam provocar rachaduras nessa estrutura, e por isso, foi elaborado a seguinte indagação: o que poderiam ensinar estas/estes profissionais do mercado editorial brasileiro em suas ações de enfrentamento as ausências e silenciamentos de personagens afrodescendentes na literatura infantil? Considerando assim, educações no plural, ou seja, acontece fora e na escola. Com base em experiências acadêmicas anteriores, esta pesquisa visa compreender as respostas de algumas instituições, como as editoras, em relação às ausências e esquecimentos de meninas descendentes de africanas/os na literatura considerada infantil. Nesse sentido, vislumbra-se a construção de aberturas epistemológicas uma vez que meninas/mulheres afrodescendentes encontram espaços e falas na literatura produzida no Brasil para crianças e adolescentes. Deste modo, acreditando que existem fontes que podem ajudar entender melhor esta problemática, foi delimitado duas editoras especializadas na temática da afrodescendência, a saber: Mazza Edições e Pallas. A abordagem foi qualitativa do tipo exploratório-descritivo e como instrumentos para acessar as informações, entrevistas e levantamentos caracterizando os catálogos das editoras. Os resultados demonstraram que as editoras participantes da pesquisa, estão produzindo respostas criativas e objetivas em relação à exclusão/esquecimento de personagens afrodescendentes na literatura infantil e mais do que isso, viabilizando novos olhares e provocando outras perspectivas sobre as meninas/mulheres descendentes de africanas/os através das obras publicadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mercado Editorial. Meninas/Mulheres afrodescendentes. Epistemicídio. Literatura infantil.

SOUZA, Emanuella Geovana Magalhães de. **ENTRE TÊNIS E CADARÇOS – A LITERATURA INFANTIL AFRODESCENDENTE: o que ensina o mercado editorial brasileiro?** Dissertação (Mestrado em Educação). 159 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2019.

## RESUMEN

El mercado editorial en Brasil es agente educador ya que enseña y fomenta la sociedad brasileña marcada por los meandros del epistemicidio, configuración que descalifica a los grupos considerados otros/as, en su condición humana - racional, y así borra las producciones intelectuales de esos grupos, como las personas de ascendencia africana. Como consecuencia son alimentados varios estereotipos negativos en relación a los afrodescendientes, construyendo de esa manera sociedades desiguales, reflejando sus prejuicios y varias prácticas discriminatorias. Dentro de ese sesgo, la mujer afrodescendiente sufre de manera interseccional discriminaciones de género-raza-clase (y debido a otros factores). Como forma de reproducir esos estereotipos, se tiene la llamada literatura infantil clásica que borra a la niña de descendencia africana. En esta situación, algunas editoras especializadas en la producción de obras sobre afrodescendencia tratan de provocar grietas en esa estructura, y por eso, se elaboró la siguiente indagación: ¿qué podrían enseñar estos profesionales del mercado editorial brasileño en sus acciones de enfrentamiento las ausencias y silenciamientos de personajes afrodescendientes en la literatura infantil? Considerando así, educaciones en el plural, o sea, sucede fuera y en la escuela. Con base en experiencias académicas anteriores, esta investigación busca comprender las respuestas de algunas instituciones, como las editoras, en relación a las ausencias y olvidos de niñas descendientes de africanas/os en la literatura considerada infantil. En ese sentido, se vislumbra la construcción de aberturas epistemológicas ya que niñas/mujeres afrodescendientes encuentran espacios y palabras en la literatura producida en Brasil para niños y adolescentes. De este modo, creyendo que existen fuentes que pueden ayudar a entender mejor esa problemática, se han delimitado dos editoras especializadas en la temática de la afrodescendencia, a saber: Mazza Ediciones y Pallas. El enfoque fue cualitativo del tipo exploratorio-descriptivo y como instrumentos para acceder a las informaciones, entrevistas y levantamientos caracterizando los catálogos de las editoras. Los resultados demostraron que las editoras participantes en la investigación están produciendo respuestas creativas y objetivas en relación a la exclusión/olvido de personajes afrodescendientes en la literatura infantil y más que eso, viabilizando nuevas miradas y provocando otras perspectivas sobre las niñas/mujeres descendientes de africanas/os a través de las obras publicadas.

**PALABRAS CLAVE:** Mercado editorial. Niñas/Mujeres afrodescendiente. Literatura infantil.

## LISTA DE SIGLAS

CEFET/MG - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

CEP - Comitês de Ética em Pesquisa

DOPS - Departamento de Ordem Política e Social

FAFICH - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

ICV - Iniciação Científica Voluntária

IMACO - Instituto Municipal de Administração de Ciências Contábeis

LIBRE - Liga Brasileira de Editores

LITERAFRO - Portal da literatura afro-brasileira

MEC - Ministério da Educação

PABAAE - Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar

PIB - Produto Interno Bruto

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola

PNLD - Plano Nacional do Livro Didático

PNLL - Plano Nacional do Livro e da Leitura

PPGED - Programa de Pós-Graduação em Educação

PUCRJ - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RODA GRIÔ-GEAFRO – Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre Gênero Educação e Afrodescendência

SEB - Secretaria de Educação Básica

UFF - Universidade Federal Fluminense

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UFPI - Universidade Federal do Piauí

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b>	Gráfico da “Cauda Longa”.....	41
<b>Figura 02</b>	Etapas da Análise de Conteúdo.....	81
<b>Figura 03</b>	Procedimentos utilizados para levantamento dos catálogos....	84

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b>	Livros com protagonistas femininas afrodescendentes - Editora Pallas.....	109
<b>Quadro 02</b>	Livros com protagonistas femininas afrodescendentes - Editora Mazza.....	110
<b>Quadro 03</b>	Livros com protagonistas femininas afrodescendentes - Selo Peninha, Editora Mazza.....	113

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
	Primeiras Palavras.....	14
<b>1.1</b>	<b>Caminhos Introdutórios.....</b>	<b>15</b>
	RESUMO.....	24
<b>2.</b>	<b>NAS TRAMAS DO PRODUZIR: A ATIVIDADE EDITORIAL BRASILEIRA.....</b>	<b>25</b>
	Primeiras Palavras.....	25
<b>2.1</b>	<b>Interpretando a dinâmica da atividade editorial brasileira.....</b>	<b>26</b>
<b>2.2</b>	<b>Mercado de Nicho: o mercado fragmentado dos gostos.....</b>	<b>38</b>
	RESUMO DA SEÇÃO .....	45
<b>3.</b>	<b>INTERFACES ENTRE AFRODESCENDÊNCIA, GÊNERO E LITERATURA.....</b>	<b>46</b>
	Primeiras Palavras.....	46
<b>3.1</b>	<b>Prólogo: Diálogos em primeira pessoa do singular.....</b>	<b>47</b>
<b>3.2</b>	<b>Pensando de maneira interseccional raça-gênero-classe.....</b>	<b>52</b>
<b>3.3</b>	<b>Máscaras de silenciamento: respostas de mulheres afrodescendentes na literatura.....</b>	<b>57</b>
	RESUMO DA SEÇÃO.....	69
<b>4.</b>	<b>CAMINHOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>70</b>
	Primeiras Palavras.....	70
<b>4.1</b>	<b>Escolha da metodologia: percorrendo os caminhos.....</b>	<b>71</b>
<b>4.2</b>	<b>Trilhando novos e velhos caminhos: acessando as informações relevantes.....</b>	<b>74</b>
<b>4.2.1</b>	<b>Nas malhas virtuais da internet: a utilização dos <i>sites</i> e catálogos <i>online</i> .....</b>	<b>79</b>

4.3	Imensidade de dados: é chegada a hora de organizar e analisar.....	80
	RESUMO DA SEÇÃO.....	85
<b>5</b>	<b>AS EDITORAS PALLAS E MAZZA EDIÇÕES: CONSTRUINDO, PERSISTINDO E RESISTINDO.....</b>	<b>86</b>
	Primeiras Palavras.....	86
5.1	As editoras Pallas e Mazza Edições: enfrentando o epistemicídio.....	87
5.1.1	Vários caminhos, várias direções: características das editoras.....	88
5.1.2	Linha editorial: escolhendo direções para seguir.....	91
5.1.3	Perspectivas das profissionais de edição: mercado editorial voltado às questões raciais.....	95
5.1.4	Atividades realizadas e medidas implementadas pelas editoras .....	99
5.2	Os catálogos: as meninas afrodescendentes na literatura infantil.....	107
5.2.1	As meninas afrodescendentes na literatura infantil: o sapatinho de cristal desapareceu!.....	108
5.3	Tentando compreender os dados: o que ensinam as profissionais de edição e os catálogos?.....	114
	RESUMO DA SEÇÃO.....	121
<b>6.</b>	<b>CONCLUSÃO EM PALAVRAS INCONCLUSIVAS.....</b>	<b>122</b>
	Primeiras Palavras.....	122
6.1	Pés descalços: algumas palavras inconclusivas .....	123
	RESUMO.....	130
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>131</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>141</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>146</b>

## 1 INTRODUÇÃO

### **Primeiras Palavras**

E aqui damos início à dissertação intitulada “*Entre tênis e cadarços – a literatura infantil afrodescendente: o que ensina o mercado editorial brasileiro?*”, para conseguirmos chegar até aqui o processo foi demorado, permeado de alegrias, cansaço e momentos confusos. “Entre tênis e cadarços” é uma metáfora que indica mudanças recentes na literatura apresentando novas representações de meninas afrodescendentes e será logo explicado nas próximas páginas. O título “Primeiras palavras” é uma espécie de apresentação de cada seção percorrida ao longo deste estudo. Ao continuar com a leitura irão encontrar a parte introdutória da pesquisa, no qual, discorre noções preliminares deste estudo e de maneira conectada e interligada é destacado a inquietação central da pesquisa e seus objetivos, bem como, as experiências que consolidaram a construção desse trabalho, e por isso, em alguns momentos da escrita os pronomes “eu” e “nós” são misturados. Espero que a presente dissertação proporcione novos questionamentos, pensamentos e conhecimentos, como forma de quebrar os silenciamentos impostos aos afrodescendentes, principalmente no que se refere às mulheres desse mesmo segmento racial.

## 1.1 Caminhos introdutórios

Pense por um instante na sua infância e nos livros infantis que possuía, seja através da escola ou como incentivo familiar e responda: quantos livros com personagens afrodescendentes você leu? Lembra-se de alguma personagem feminina afrodescendente? Se sim, como era retratada? Possivelmente a maioria das respostas apontará o desconhecimento de obras que retratem personagens descendentes de africanas/os. Vasculhando minhas lembranças não recorro de nenhum livro com esse tipo de personagem, o mais próximo das minhas experiências de leitura foram às princesas *Jasmine* e *Pocahontas*, a primeira de origem asiática e a segunda indígena no contexto estadunidense. Partindo dessa escassez, ou melhor, da falta de incentivo à literatura voltada à temática da afrodescendência que construímos a presente pesquisa.

“Entre tênis e cadarços” como faz menção o título dessa dissertação, trata-se de uma metáfora para compreendermos que outras possibilidades literárias, e mais do que isso, estética, corporal e de conhecimento, começam a ganhar forças, principalmente em tempos mais recentes. O tênis entra em cena fazendo alusão ao sapatinho de Cristal de Cinderela, revelando novas formas de feminilidade, as mulheres, em especial as afrodescendentes, trabalham, estudam, se movimentam constantemente, o tênis fala de mudança, dinamicidade, novas representações e desejos. Por outro lado, os cadarços, se apresentam como aquilo que prende. Ao mesmo tempo em que empreendemos respostas aos silenciamentos, também nos deparamos com obstáculos, como os racismos, as discriminações e os meandros do epistemicídio.

O sapatinho de Cristal, símbolo de delicadeza das princesas tipicamente eurodescendentes atravessou minha infância e acredito que de outras meninas também, por ser um padrão de beleza e comportamento exigido pelo mundo ocidental. Assim, esta pesquisa tem a ver com minhas experiências como criança que não se sentia representada na literatura infantil clássica, principalmente no que se refere aos contos de fadas com aquelas princesas eurodescendentes de cabelos lisos, magras representando um modelo ideal de beleza e comportamento.

Esse sentimento de não pertencimento me acompanhou até mesmo quando adentrei na universidade. Porém, neste espaço consegui problematizar essa situação e entender os meandros dos silenciamentos impostos às mulheres afrodescendentes, tanto na literatura como no cotidiano vivido. Esse sentimento de não pertencimento foi aos poucos se diluindo a partir de três experiências acadêmicas durante o curso em Licenciatura Plena em Pedagogia. A

primeira ocorreu na disciplina de “Literatura Infantil”, ao estudar detalhadamente os contos considerados clássicos percebi cada vez mais o silenciamento de personagens afrodescendentes, trazendo inquietações relacionadas aos motivos e consequências dessa realidade. A segunda experiência foi à participação no programa ICV (Iniciação Científica Voluntária), proporcionando dois projetos de investigação que discorriam sobre a não inclusão de personagens femininas afrodescendentes nos contos de fadas e suas possíveis consequências nas identidades de mulheres afrodescendentes.

Foi evidenciado durante essas investigações que os contos de fadas afetaram na construção da identidade afrodescendente das mulheres da pesquisa, uma vez que as mesmas relataram algumas situações de discriminação, incorporação de estereótipos negativos e transformações físicas, como no cabelo e corpo. A terceira experiência, diz respeito a minha inserção no Núcleo de Estudos RODA GRIÔ – GEAFRO (Gênero, educação e afrodescendência) que trouxe outras perspectivas sobre as questões relacionadas à raça-gênero-educação. Assim, o presente estudo é resultado dessas experiências e principalmente da expansão desses projetos de investigação acadêmica, que tinha como objetivo investigar os efeitos positivos e negativos dos contos clássicos de fadas na construção identitária de mulheres afrodescendentes. Mais detalhes sobre esses projetos de pesquisa encontram-se no tópico “Prólogo: diálogos em primeira pessoa do singular”.

Essas experiências de “não pertencimento e silenciamentos” colaboram para aquilo que Sueli Carneiro (2005) e Boaventura de Sousa Santos (2007) apontam como epistemicídio: a desqualificação do conhecimento produzido pelos grupos subalternizados e mais que isso, a inferiorização, anulação do outro/a. A predominância de uma literatura que aponta apenas os conhecimentos, saberes, cultura de um povo, nesse caso, o europeu, e que apaga outras formas de conhecimento, é exemplo evidente dos meandros do epistemicídio.

Como forma de não ajudar na manutenção do epistemicídio utilizamos neste trabalho o termo afrodescendente, pois as outras denominações, como, “mulato”, “negro”, “preto”, “pardo” mascaram, enganam e apagam as origens das pessoas de origem africana, bem como, de afrodescendentes genotípica e/ou fenotipicamente de pele escura. Sem contar que são conceitos negativos que descaracterizam essas pessoas, naturalizando certas ideologias racistas. Coelho e Boakari apontam algumas expressões corriqueiras que exemplificam a assimilação negativa a esses termos: “[...] se encontra um gato ‘preto’, já o azar lhe cruzou o destino; se o dia apresentar sofrimento: ‘dia negro’; se alguém ‘sujar’ a imagem de outro com atributos negativos, pronto! denegriu a sua imagem, ou seja, deixou-a ‘negra’, ‘suja’...” (2013, p. 08).

O termo afrodescendente provoca inquietações numa tentativa de repensar as ideologias racistas impregnadas em outros termos depreciativos como, por exemplo, preto, mulato, moreno, negro e outros. Torna-se assim, estímulo e valorização da africanidade, de nossas origens e identidades, como discorre Boakari: “[...] **Afrodescendência** é tentativa de assumir a **africanidade** com a sua história de lutas, resistência, resiliência, perspicácia e consistência” (2011, p. 194-195). A utilização desse termo ganhou novas perspectivas e possibilidades, principalmente quando passou a ser empregado em documentos oficiais, como ressalta Coelho e Boakari:

Desde a III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, realizada em 31 de agosto a 8 de setembro de 2001, em Durban, na África do Sul, o termo afrodescendente passou a ser o oficial na redação da Organização das Nações Unidas (ONU) e vem sendo empregado em textos oficiais do governo federal considerando esse fato uma grande conquista histórica, fruto das lutas dos afrodescendentes, organizados em movimentos em busca dos seus direitos (2013, p. 11).

Ainda nesse movimento de combater o epistemicídio destacamos a pergunta que estampa o título dessa dissertação “O que poderia ensinar o mercado editorial brasileiro?”, pois evidencia o que entendemos por educação neste trabalho. Primeiro consideramos “educações” no plural, por compreender que a mesma não é única, mas atravessa toda a nossa vida, como já diria Brandão em seu livro “*O que é educação*”: “Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar” (2007, p. 08). As medidas empreendidas por instituições como as editoras podem nos ensinar através da resistência e representatividade que é possível romper com as armadilhas do epistemicídio lançando novas perspectivas de conhecimentos e realidades. Além disso, são produtoras de ideias, conceitos e imagens presentes nas escolas e/ou nas casas de algumas crianças, saber o que essas instituições estão realizando para combater certas ideologias racistas e estigmas negativos das/os afrodescendentes ajuda-nos a repensar e elaborar respostas frente a essas situações opressoras viabilizadas por instituições discriminatórias.

Além das experiências na graduação relatadas anteriormente, outras vivências durante o curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí (PPGED – UFPI) foram imprescindíveis para a construção da presente pesquisa. E por isso, volto novamente a falar na primeira pessoa do singular. Dentre essas vivências, destaco o componente curricular cursado no segundo semestre do referido curso, a saber, “Educação e Diversidades Culturais” que foi bastante construtivo para o

fomento dessa pesquisa, pois discuti questões importantes sobre a educação (escolar e social) levando em consideração as diferenças e diversidades existentes na sociedade ocidental. No primeiro dia de aula foi solicitado aos estudantes que falassem sobre seus projetos de pesquisa, nesse tempo, meu projeto de pesquisa estava direcionado as experiências de mulheres afrodescendentes na construção de suas identidades em relação as suas vivências com os contos de fadas. Após apresentação de algumas ponderações feitas pela professora da disciplina como, “se esse projeto foi investigado na iniciação científica e na monografia, de certa forma os resultados já são conhecidos pela pesquisadora”; “ao invés de ressaltar os chamados contos ‘clássicos’ de fadas, seria interessante evidenciar os contos africanos ou que retratassem as meninas e meninos afrodescendentes”, decidiu-se após conversa com o orientador dessa pesquisa que o projeto precisava de algumas mudanças.

Nesse momento começaram as buscas de artigos, teses e dissertações sobre literatura infantil que retratassem as/os afrodescendentes, bem como, outros tipos de fontes como vídeos, entrevistas, artigos em revistas, *sites*, entre outros. Durante essas buscas, me deparei com o universo da atividade editorial e suas interferências na publicação e fomento dos livros, entendendo os meandros do mercado editorial tanto como reprodutor e/ou agente de mudanças em relação ao epistemicídio. Mergulhada em inquietações achei oportuno me comunicar através de *e-mail* com o professor Dr. Eduardo de Assis Duarte da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), referência em relação à literatura afro-brasileira no Brasil, sobre minha pesquisa e o interesse em investigar editoras especializadas em obras sobre a afrodescendência. Para minha surpresa, o professor em questão me respondeu no dia seguinte, mencionando o nome do professor Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET – MG) que pesquisava esse tipo de editoras, sendo uma referência nessa temática.

E assim fiz, enviei *e-mail* a esse professor descrevendo as pretensões do meu projeto de pesquisa envolvendo as editoras com escopo específico na afrodescendência, além disso, pontuei algumas inquietações como a metodologia a ser utilizada e possíveis conexões com o campo educacional. Depois de alguns dias o Prof. Dr. Luiz Henrique respondeu o referido *e-mail*, com várias dicas e comentários, e acima de tudo me incentivando a realizar a pesquisa. Destaco ainda que o mesmo me acompanhou em outros momentos, principalmente no que se refere à escolha das editoras e como entrar em contato com as mesmas. Seu apoio e interesse ainda nas primeiras formulações do projeto de pesquisa foi um grande incentivo para a realização do presente estudo. Foi assim, que essa pesquisa ganhou força.

Diante das experiências relatadas surgiu a necessidade de disseminar outras representações de meninas/mulheres afrodescendentes na literatura infantil. Encontramos uma literatura que visa desmistificar e desnaturalizar os estereótipos relacionados aos afrodescendentes, trazendo histórias relacionadas ao continente africano, bem como, temas cotidianos relacionados à construção das identidades raciais, essa literatura é conhecida como “literatura negra”, “literatura afro-brasileira” e “literatura afrodescendente”. Não pretendemos discutir nessa pesquisa o termo mais adequado para esse tipo de literatura, entretanto, enfatizamos que utilizamos nesse estudo o termo “literatura afrodescendente”, pois, entendemos que esse termo consegue abarcar nossas origens e identidades, proporcionando diálogos e questionamentos, de acordo com Fonseca (2006) o referido termo num movimento duplo faz conexões entre as matrizes culturais africanas e as mudanças e heranças advindas das diásporas. Compreendemos que os termos apresentados é uma forma de evidenciar e resistir aos silenciamentos da literatura brasileira frente as/os escritores afrodescendentes, bem como, da temática relacionada a esse segmento da população. Embora não seja o objetivo deste estudo aprofundar as implicações de cada uma dessas terminologias, citamos autoras e autores que podem contribuir com essa discussão como Zilá Bernd, Luiz Silva Cuti, Eduardo de Assis Duarte, dentre outras/os.

Percebemos que as grandes e médias editoras pouco viabilizam a inserção da literatura afrodescendente no mercado editorial, e com isso, definem e delimitam o que devemos ler e conhecer. Numa tentativa de entender os processos editoriais na publicação de livros, em especial daqueles relacionados à afrodescendência, encontramos escritoras/es afrodescendentes e outros profissionais empenhadas/os a enfrentar as barreiras editoriais e sociais/culturais organizando editoras especializadas na temática. De acordo com Debus (2013) as Leis Federais 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e 11.645/2008 (BRASIL, 2008), que estabelecem a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas podem ter contribuído indiretamente na consolidação dessas editoras, pois os livros são ferramentas fundamentais para a implementação do ensino de História e cultura afro-brasileira na educação básica.

Diante disso, procuramos nesse estudo editoras brasileiras com recorte específico na afrodescendência que potencializa a visibilidade e representatividade de personagens femininas afrodescendentes, principalmente aquelas escritas por mulheres brasileiras descendentes de africanas/os. Essa escolha tem como pretensão romper com o imaginário social de que não existem escritoras desse segmento racial, bem como, possibilitar a leitura e reconhecimento da escrita dessas mulheres, uma vez que o campo das letras foi

historicamente relegado aos homens de descendência europeia; além disso, mostra-se como estratégia para disseminar obras pouco valorizadas pelas grandes e médias editoras (que escolhem e direcionam o que devemos ler). Trata-se de ecoar as vozes dissonantes de mulheres brasileiras afrodescendentes, é a partir do nosso “lugar de fala” que encontraremos estratégias potentes para romper com as estruturas do epistemicídio. Os lugares de falas são plurais, diferentes, pois entra em cena intersecções de várias categorias, como, racial, gênero, sexual, classe, e tantas outras. Essa discussão será ampliada nos próximos capítulos.

Através de um levantamento parcial de dados obtidos no estudo dos autores Oliveira e Rodrigues (2016), bem como, nas informações contidas no portal “Literafro - Portal da literatura afro-brasileira” – espaço de divulgação, estímulo à pesquisa e à reflexão sobre a literatura dos/as afrodescendentes, coordenado pelo Prof. Dr. Eduardo de Assis Duarte, totalizamos um número de oito editoras especializadas na afrodescendência (em funcionamento) e duas que parecem estar desativadas, a saber: Malê Edições; Selo Negro – Summus; Mazza Edições; Nandyala; Ciclo Contínuo Editorial; Pallas; Ogum’s; Kapulana; Príncipes Negros e Grupo Editorial Rainha Ginga. As duas últimas parecem que não estão funcionando, o *site* e *blog* da editora “Príncipes Negros” estão desativados e não encontramos nenhum *site*, *blog* ou rede social do “Grupo Editorial Rainha Ginga”.

A criação e manutenção dessas editoras demonstram que há afrodescendentes e/ou outras pessoas não pertencentes a esse segmento racial estão empreendendo respostas fortes e ousadas contra o epistemicídio no campo editorial e literário, assim, o que poderiam ensinar estas/estes profissionais do mercado editorial brasileiro em suas ações de enfrentamento aos silenciamentos de personagens afrodescendentes na literatura infantil? Suas respostas e medidas adotadas frente à realidade vivida podem nos trazer diversificados ensinamentos e lições. Ensinando, aprendendo e interpretando foi nesse movimento dinâmico que construímos essa pesquisa. Caminhando nesse sentido, entendemos que compreender as respostas/medidas de algumas instituições, como as editoras, em relação às ausências e esquecimentos de meninas descendentes de africanas/os na literatura considerada infantil como forma de superar ou diminuir esses silenciamentos é a razão maior deste estudo.

Dando continuidade a construção da pesquisa, tivemos que delimitar as editoras a serem investigadas. Para realizarmos essa escolha enviamos convites de participação para oito editoras com recorte específico na afrodescendência, citadas anteriormente (Malê Edições; Selo Negro – Summus; Mazza Edições; Nandyala; Ciclo Contínuo Editorial; Pallas; Ogum’s; Kapulana), entretanto apenas três responderam o referido *e-mail* aceitando colaborar com a pesquisa, foram às editoras, Mazza Edições, Pallas e Ogum’s. Pensando na melhor forma de

acessar as informações das/os profissionais responsáveis da edição dessas empresas, escolhemos a entrevistas via *Skype*, visto que as/os participantes residem em estados e país diferentes dessa pesquisadora. A Editora Mazza Edições está localizada na cidade de Belo Horizonte no estado de Minas Gerais; a Editora Pallas se encontra na cidade do Rio de Janeiro e o editor chefe da editora Ogum's reside atualmente nos Estados Unidos. Durante o percurso de realização das entrevistas tivemos algumas mudanças de planos, pois a profissional responsável pela Editora Mazza Edições preferiu responder um questionário aberto via *e-mail*, sem contato simultâneo com a pesquisadora, a justificativa para essa escolha foi falta de tempo da entrevistada, além disso, a mesma se sentiu mais a vontade dessa maneira.

No que se refere à editora Ogum's fizemos quatro tentativas, duas tentativas não obtiveram êxito por causa de contratemplos pessoais do editor chefe da empresa, sendo remarcado para outra data; nessa data posterior, ocorreu incompatibilidade no *software* que realiza chamada de vídeo, diante disso, o entrevistado deu a opção de responder um roteiro de perguntas via *e-mail*, pois se sentiria mais a vontade e teria a colaboração de outra editora para responder o mesmo. Entretanto, o roteiro das perguntas devidamente respondido não retornou a essa pesquisadora. Por fim, conseguimos realizar a entrevista com a pessoa responsável da edição da Editora Pallas via *Skype*, como planejado a princípio.

Buscamos a partir das falas das pessoas responsáveis pela edição de livros das editoras Pallas e Mazza Edições, analisar as relações estabelecidas dessas profissionais com o mercado editorial, descrevendo as situações existentes antes e depois de entrar no seu setor em particular. Os catálogos das editoras participantes da pesquisa, disponíveis em seus *sites*, também constituíram fonte de dados, principalmente no que se refere ao produto comercializado, a linha editorial que propõe, bem como, que autoras/es estão lançando no mercado. Com essa fonte, estabelecemos a quantidade de livros, anos de publicação, autoria e temas das publicações com personagens femininas afrodescendentes no segmento infantil, como forma de melhor conhecer o que está sendo produzido por essas editoras. Juntando as informações das falas das/os profissionais de edição com os levantamentos oriundos dos catálogos das editoras da pesquisa, alcançamos meios para descrever as atividades/medidas adotadas pelas editoras Mazza Edições e Pallas em relação ao combate a não inclusão/participação de personagens femininas afrodescendentes na literatura infantil.

Percebemos essa pesquisa como forma de questionar e romper os silenciamentos, estereótipos e preconceitos em relação aos afrodescendentes na literatura, no mercado editorial, nas educações e educação escolar, e por isso se mostra como tarefa urgente. Com a repercussão desse tipo de pesquisa é possível que crianças, meninas e mulheres

afrodescendentes construam positivamente suas identidades, calcadas de autoestima, conseguindo superar as discriminações. Além disso, é um alerta para que professoras e professores atendam a Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e 11.645/2008 (BRASIL, 2008) em suas aulas, percebendo na literatura infantil uma aliada para tal empreitada. É necessário repensar o que reproduzimos para as crianças como pais, professores, quanto pessoas.

Entender as relações produzidas pelo processo do epistemicídio em nossas vivências e experiências mostra-se como alternativa para desvencilhar de suas armadilhas e assim, conseguir projetar outras epistemologias, como a afrodescendente e sem esquecer a indígena, que são presas por conjunturas dominantes. E aqui insistimos na fala de Anzaldúa “Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel” (2000, p. 235). Essa pesquisa apresenta-se como ferramenta para romper com as estruturas do epistemicídio.

Como fruto dessa educação pautada no epistemicídio, machismo e racismo tento me desvencilhar das armadilhas perpetuadas por cada uma dessas configurações sociais/culturais/históricas impregnadas em nossas vidas. Percebo através da escrita uma ferramenta para romper com esses processos que cala, sufoca e desqualifica aquela/e considerada outra/o. Por muito tempo, acreditei que os contos de fadas fossem a única forma de representação de “ser feminino”, acarretando em dificuldades na minha construção identitária como mulher brasileira afrodescendente. Conflitos como esses são encontrados nas escolas brasileiras e na maioria dos casos ignorados pelas próprias/os professoras/es. Assim, medidas empreendidas por instituições como as editoras estão fortemente ligadas à educação (seja no espaço escolar como fora dele), pois com a disseminação de livros que valoriza e apresenta outras possibilidades de ser menina/menino afrodescendente contribui para o enfraquecimento do epistemicídio e outras formas correlatas de desqualificação.

Para efeito de organização o trabalho está dividido em quatro seções, com exceção desta introdução e das considerações “finais” entendidas como ponderações a serem continuadas, intitulada de “*Palavras inconclusivas*”. As seções são: *Nas tramas do produzir: a atividade editorial brasileira*, em que realizamos uma interpretação da atividade editorial no Brasil até chegar ao atual mercado de nicho. Na segunda seção intitulada *Interfaces entre gênero, afrodescendência, literatura e educações* discutiremos sobre as categorias gênero-raça-classe de maneira interseccional e as respostas de algumas mulheres afrodescendentes na literatura frente ao epistemicídio. Na terceira seção denominada de *Caminhos Metodológicos* apontamos os caminhos percorridos no fazer-pesquisa. Na quarta seção intitulada *As editoras Pallas e Mazza Edições: construindo, persistindo e resistindo* demonstramos a partir das

entrevistas realizadas com as profissionais de edição, bem como, através do levantamento dos catálogos *online* o universo das duas editoras da pesquisa. Cada parte desse trabalho apresenta uma descrição prévia do conteúdo denominado de *Primeiras palavras* e também uma descrição resumida do que foi discutido em cada seção, chamado de *Resumo da Seção*.

## **RESUMO**

Nesta parte introdutória percorremos as motivações, a pergunta central, a metodologia proposta e os objetivos desse trabalho. Além disso, discorremos sobre pontos fundamentais que entrelaçam essa pesquisa, como: as mulheres afrodescendentes, o epistemicídio, a literatura, o mercado editorial e as educações. Apresentamos a metodologia pensada e aplicada, ressaltando as editoras que colaboraram com a pesquisa, a saber: Pallas e Mazza Edições. Pontuamos alguns termos que foram utilizados no decorrer da pesquisa, nesse caso, o termo “afrodescendente” e “literatura afrodescendente”. Por fim, mencionamos como o presente trabalho está organizado. Na próxima seção discorremos sobre a atividade editorial brasileira, transitando por alguns aspectos históricos e posteriormente apresentamos as novas configurações econômicas que repercutem no mercado editorial.

## 2 NAS TRAMAS DO PRODUZIR: A ATIVIDADE EDITORIAL BRASILEIRA

### **Primeiras Palavras**

Esta seção focaliza as questões relacionadas à atividade editorial brasileira, buscando num primeiro momento algumas pistas para interpretar essa dinâmica. Entendemos que essa discussão é fundamental para esse estudo, uma vez que o foco dessa pesquisa se encontra nas editoras especializadas em obras relacionadas à afrodescendência, por isso, consideramos importante discorrer sobre a dinâmica do mercado editorial brasileiro. Esta talvez tenha sido a escrita mais difícil e permeada de inquietações. Buscando não cair na armadilha de uma “história única”, pois ao mesmo tempo em que precisava contextualizar o contexto nacional da atividade editorial brasileira não poderia deixar de evidenciar o contexto trazido pelas/os afrodescendentes nesse mesmo processo. Por isso, a decisão de agrupar tudo isso numa mesma discussão, entendendo que essas configurações históricas não são fragmentadas, nem separadas, mas fazem parte de uma mesma história e precisam ser encaradas dessa forma. Não existe história breve, mas tentei captar de maneira dinâmica o processo histórico da atividade editorial brasileira de forma menos extensa possível. Tarefa extremamente difícil para quem não é historiadora. Nas próximas conversas, fazemos um salto para os dias atuais, evidenciando as novas configurações econômicas que se traduzem numa nova forma de mercado editorial. Entram em cena os nichos, os pequenos grupos, o mundo fragmentado dos gostos.

## 2.1 Interpretando a dinâmica da atividade editorial brasileira

O cenário atual referente às mídias e meios de comunicação está cada vez mais sofrendo modificações. Falar sobre o mercado editorial num contexto brasileiro é trazer a tona as novas configurações econômicas, culturais e sociais que se instalam de maneira rápida e desigual em nossa sociedade. Em contraposição, faz-se necessário, também, entender o contexto histórico desse mercado, a fim de produzir conexões com o vivido de agora.

Antes de aprofundarmos a discussão sobre a atividade editorial brasileira, achamos oportuno justificar os motivos em realizar essa contextualização histórica. Para isso pontuamos duas ideias de Nóvoa (1992) em defesa ao ensino de História da Educação, a primeira “analisa o passado em si mesmo, isto é, nas suas diferenças com o presente” (p. 13) e a segunda “ajuda a cultivar um *saudável* ceticismo...” (p. 13). Essas duas concepções nos fazem perceber a importância de conhecer o passado, bem como, aprender a relativizar as ideias. Por último, destacamos as palavras de Saviani (2008, p. 151) quando diz que “[...] o conhecimento histórico emerge como uma necessidade vital de todo ser humano”.

Consideramos que o ponto de partida para essa discussão é a seguinte pergunta: o que é ser um/uma editor/editora? Realizando uma busca simples no *Google*, encontramos que a origem do nome “editor/a” é latina e significa “o que gera, produz, o que causa”. Entra em cena a dinâmica da produção e “do fazer acontecer”. Para ajudar nessa empreitada, utilizamos as explicações de Bragança (2002) quando aponta três tipos de editor/a: o impressor-editor; livreiro-editor e o editor, simplesmente.

Como explica este autor, o primeiro tipo de editor/a, o chamado “impressor-editor” está relacionado diretamente com a tipografia, ou seja, é aquele/a que domina as suas técnicas “desde a fundição dos pontos e tipos à composição e impressão do texto” (BRAGANÇA, 2002, p. 07). Seu local é a oficina tipográfica, assume a função de selecionar os livros; toma conta das vendas ao público, como nos balcões, nas feiras, ou realizando trocas com outros impressores, sem contar que poderia utilizar-se do serviço de viajantes ou vendedores ambulantes.

O segundo tipo, denominado de “livreiro-editor” é descrito pelo mesmo autor como aquele/a que domina as questões referentes ao mercado e os canais de comercialização. Sua ocupação está na loja e não na oficina, e tem como maior preocupação as demandas existentes e manter boas relações com os clientes (BRAGANÇA 2002).

E por último, o “editor, simplesmente”, tal como conhecemos nos dias atuais. Esse tipo de editor/a como aponta Bragança (2002) é aquele/a que fica no escritório e tem como

preocupação primeira os títulos originais. Não precisa ter experiência no “mundo das gráficas ou no mundo das livrarias” (p. 08), mas, ter conhecimentos sobre “mercado de bens culturais, para criar uma política editorial e estabelecer as linhas de atuação para realizá-la” (p. 09). Esses conhecimentos são necessários para que consiga “decidir no processo de seleção de originais” (p. 15). Outras características importantes são evidenciadas:

É conveniente que conheça os processos de produção, de suas técnicas e estética, mas poderá delegar a profissionais as tarefas de execução dos projetos editoriais da empresa. Deve conhecer bem o mercado e as técnicas mercadológicas, mas pode entregar a comercialização a empresas especializadas em distribuição e venda. Pode ter gráfica ou livraria, mas isso não é necessário, o importante é estabelecer com elas boas relações (BRAGANÇA, 2002, p. 15).

Os três tipos de editores/as se delineiam de forma diversificada apontando dinâmicas de atuação distintas. Temos aquele/a voltado/a para o domínio técnico da impressão; o/a ligado/a ao mercado e sua demanda; e por último, aquele/a que se volta à seleção de títulos originais, que coordena e orienta as várias etapas do processo de selecionar, produzir, divulgar e vender. Bragança (2002) em seus estudos esclarece que nos primórdios da atividade editorial brasileira, prevalecem os dois primeiros tipos, sendo “um pouco retardada a emergência do terceiro” (p. 06).

A configuração histórica de como a produção editorial se instalou no Brasil perpassa o colonialismo, caracterizando-se por duras e rígidas censuras por parte da metrópole e está diretamente ligado ao processo de escolarização. Pensando nas relações coloniais entre Brasil e Portugal, percebemos como a possibilidade de uma produção escrita ou o simples emprego de tipografias na colônia era assustadora para a metrópole Portuguesa. De acordo com os estudos de Hallewell (1985) o Brasil colônia era encarado apenas como produtor agrícola e habitado por poucas pessoas assim, julgou-se que não havia necessidade dos serviços de tipografia. Quem seriam essas poucas pessoas que habitavam o solo “brasileiro”? Além dos portugueses, havia uma quantidade expressiva de indígenas e africanas/os escravizadas/os. Ora, trazendo as bases do colonialismo as/os indígenas e as africanas/os escravizadas/os não eram considerados humanos como bem já relatou Fanon (2008) em sua obra “Pele negra máscaras brancas”, mas, selvagens, primitivos, incivilizados, então, sob essa perspectiva não haveria necessidade de tipografias.

De acordo com Hallewell (1985) a chegada dos livros no Brasil ocorreu com os Jesuítas no qual, possuíam grandes bibliotecas, porém não eram disponíveis para a população; enquanto que as primeiras impressoras neste país foram surgir a partir da ocupação holandesa

na região nordeste entre os anos de 1630 e 1655. Porém, essas impressoras tinham como função principal exigências administrativas, como tentativa de amenizar o trabalho de copiar.

Percebe-se que existia uma regulação e controle bastante ferrenho da metrópole portuguesa em relação a qualquer tipo de atividade impressa no Brasil. Hallewell (1985) aponta como principais motivos: a única função das colônias para os portugueses era fornecer matérias-primas; desejava-se o isolamento da colônia, como forma de impedir qualquer possibilidade de comércio, além disso, os colonos ficariam impedidos de obter informações referentes à metrópole.

Esse controle excessivo não era sem propósito, afinal, cada vez mais o Brasil era visado por outras metrópoles como fonte de matérias-primas lucrativas, desejava-se a todo custo limitar qualquer relação do Brasil com os estrangeiros. A necessidade de impressoras era cada vez mais requerida e necessária para os habitantes da colônia e ao mesmo tempo fortemente combatida pela metrópole portuguesa.

Algumas mudanças foram possíveis com a chegada da corte ao Brasil, em 1808, ocasionando algumas mudanças e impactos, principalmente no que se refere ao plano econômico, Hallewell (1985) aponta a liberação econômica e a criação de alguns empreendimentos como Jardim Botânico, Escola de medicina, laboratório de química, uma Academia de Belas Artes, um Museu Nacional, o Banco do Brasil e a Biblioteca Real (hoje Nacional). Em decorrência de tais mudanças houve gradativamente o aumento de livrarias, chegando a 12 em 1816, porém, uma maior expansão das livrarias não ocorreu devido à rígida censura sobre o comércio livreiro. Como estratégia para burlar a censura se intensifica o contrabando de livros, prática já realizada antes da chegada da corte ao Brasil.

Com a criação desses empreendimentos, em especial das escolas de ensino superior ligadas às áreas da saúde e direito, intensificou-se a atividade editorial, aumentando o número de livrarias (que também funcionavam como oficinas tipográficas) para abarcar as necessidades dos/as professores/as e alunos/as, assim percebe-se a forte ligação entre a atividade editorial e a educação formal. Afinal, sem um público leitor formado não existiria a necessidade da criação desse tipo de comércio. Mas, sabemos que a educação formal não era um direito de todos/as, ficando restrita a uma pequena elite.

Com a instalação da Coroa Portuguesa no Brasil não havia como negar a necessidade das impressoras, mesmo que para fins burocráticos como estabelecer contato/ordens com as demais províncias e manter relações com o “Velho Continente” e suas outras colônias. A consolidação da atividade livresca e editorial foi proporcionada principalmente pela criação

da Imprensa Régia, inaugurada em 1808; e pelo fim da censura em 1821 (mesmo que efetivada de maneira lenta).

Entretanto antes da criação da Imprensa Régia, ocorreu outra empreitada significativa para a atividade editorial no Brasil, neste caso, foi em Minas Gerais, com a figura do Frei Mariano da Conceição Veloso. Em síntese, Bragança (2002) explica que essa empreitada foi decorrente de um projeto vislumbrado pelo Frei Mariano enquanto estava em Portugal, no período entre 1741-1742, no qual, consistia em criar redes de tipografias. Sabendo disso, o ministro da Marinha, D. Rodrigo de Sousa Coutinho solicitou ao Frei a reunião e tradução em português dos escritos estrangeiros para os estabelecimentos brasileiros. Após esse pedido, o Ministro da Marinha convidou o Frei Mariano para assumir um "estabelecimento científico" no Arco do Cego, nesse empreendimento concentrou-se jovens estudantes e intelectuais que fizeram traduções e até mesmo edições de suas próprias obras. O autor ainda ressalta que esse acontecimento foi o marco inicial da imprensa livreira no Brasil, mesmo que tendo início ainda em Portugal.

“Concentrou-se jovens estudantes e intelectuais” essa é a definição das pessoas que compunham o “estabelecimento científico” dirigido pelo Frei Mariano Veloso; a partir disso é possível dimensionar como o campo das letras, da atividade livresca e do processo de editoração tem classe, gênero e raça. E como que esse panorama da atividade editorial também está entrelaçado com outras dimensões, como a educação formal. Afinal, a quem pertenciam os bancos escolares e das faculdades nesse período? Quem tinha acesso à escolarização (para além da catequização e/ou instrução básica)? Ficam-se aqui excluídos do processo de escolarização (e conseqüentemente da atividade editorial) as mulheres e homens afrodescendentes e indígenas.

Nesse mesmo período, em 1770, uma medida corajosa é realizada por uma mulher brasileira afrodescendente escravizada. Mesmo não sendo uma obra editada pelas tipografias brasileiras da época, consideramos oportuno dar visibilidade ao ato de ousadia de Esperança Garcia. Segundo Souza (2015) esta mulher na condição de escravizada redige uma carta ao Governador da Província do Piauí, no dia 06 de setembro de 1770, reivindicando seus direitos e denunciando o sistema escravista, “[...] a ‘Carta’ de Esperança Garcia faz uma fotografia real da experiência humana de homens e mulheres negras que desceram aos infernos da escravidão” (p. 145).

Importante lembrar que as/os afrodescendentes escravizadas/os não tinham direito a educação escolar. Silva e Araújo (2005) mencionam que a legislação de 1824 coibia a inserção de cidadãos não brasileiros/os, o que automaticamente barrava a inserção das/os

afrodescendentes na condição de escravizadas/os, uma vez que em sua grande maioria eram oriundas/os do continente africano. Uma pequena mudança foi obtida a partir da Reforma de Couto Ferraz (1854) que autorizava a inserção das/os afrodescendentes libertos na escola, desde que suas famílias tivessem algum tipo de recurso. Outra medida que permitiu, restritamente, a escolarização de escravizadas/os foi a “Lei do Ventre Livre de 1871”, estabelecendo que as/os filhas/os de escravizadas/os nascidas/os após a data de aprovação da lei poderia ter acesso gratuito a educação formal até os 21 anos, como discorre Fonseca:

[...] O artigo segundo instituía que o governo poderia entregar a associações por ele autorizadas os filhos das escravas nascidos após a data de aprovação da lei e que fossem cedidos ou abandonados pelos senhores, ou, ainda, tirados destes em virtudes de maus-tratos. Essas associações teriam o direito a serviços gratuitos dos menores até a idade de 21 anos, podendo, inclusive, alugar seus serviços; em contrapartida, eram obrigadas a criar e educar os menores, a constituir um pecúlio e procurar, após o fim do tempo de serviço, uma colocação para os egressos (FONSECA, 2002, p.30).

Além dessas medidas que previam a escolarização de afrodescendentes escravizadas/os, Alexandre Ribeiro Neto (2002) aponta a “Lei da Soldada”. Segundo este autor a referida lei consistia num documento judicial com fins de regularização da prestação de serviço de crianças/jovens descendentes de africanas/os escravizadas/os, normalmente órfãos de pai, incluindo escolarização e pagamento aos serviços prestados. O pedido de tutela normalmente era realizado em decorrência do falecimento do pai da criança escravizada. Assim, legitimava-se aqui o trabalho de crianças e jovens afrodescendentes, sem tempo de lazer, garantindo o controle social da classe trabalhadora por parte dos senhores colonizadores, “as crianças negras entravam cedo no mundo do trabalho, e que o valor pago pelas tarefas diminuía conforme a idade, embora não diminuíssem as tarefas executadas” (2002, p. 06). Percebe-se que a criança afrodescendente desde cedo estava inserida numa “educação profissional” no exercício de algum ofício, porém, vale ressaltar, que de forma desumana.

Diante desse contexto, indagamos: como Esperança Garcia poderia ser alfabetizada, visto que a escolarização de escravizadas/os africanas/os era proibida? A Lei da Soldada parece trazer algumas pistas de possíveis respostas a essa indagação. Souza (2015) aponta para a possibilidade da existência de outros/as escravizados/as alfabetizados/as na Província do Piauí, embora ressalte que as fontes que tratam da escolarização dos/as escravizados/as no Brasil, e em especial no Piauí, é restrita,

Alguns historiadores asseguram que, além de Esperança Garcia, haveria outros escravos alfabetizados nas fazendas de gado da Capitania do Piauí, estas de propriedade e gerenciadas pelos padres Jesuítas até a ascensão do Marquês de Pombal. Mas estudiosos piauienses como o historiador Solimar Lima (UFPI) ponderam quanto à existência de inúmeros cativos alfabetizados no Piauí, considerando-se a falta de provas materiais, como a inexistência de outros documentos que tenham sido escritos por escravos neste Estado [...] Os estudos acerca da educação ou do ensino das primeiras letras ao trabalhador escravizado no Brasil e, particularmente, no Piauí, ainda são muito restritos ou de difícil acesso (p. 03).

Pouco se sabe se as reivindicações de Esperança Garcia foram atendidas, se chegaram às mãos do Governador daquele período. Mas, devemos registrar o ato de protagonismo, força e resistência dessa mulher, afinal, a mesma utilizou-se de um instrumento (a escrita) restrito a uma pequena parcela da população. Souza (2015) ainda considera que essa carta pode ser interpretada como “uma gênese da literatura afro-brasileira” (p. 07). Este autor ainda aponta outros/as afrodescendentes na situação de escravizadas/os alfabetizadas/os que conseguiram burlar o sistema escravista, como o poeta Luiz Gama (1830-1882) e sua mãe Luíza Mahin dentre outros nomes (2015, p. 12).

A escolarização para as/os escravizadas/os passou a ser uma forma de resistência e sobrevivência as violências e condições sub-humanas vivenciadas no período de escravização brasileira, como destaca Silva (2018) “Do ponto de vista teórico, a educação como resistência e caminho para a emancipação ancora-se na história social naquilo que diz respeito a pensar o fazer-se dos sujeitos, partindo das margens, sendo a educação compreendida como ferramenta de luta dos sujeitos escravizados” (p. 08). Em tempos recentes, a educação formal como possibilidade de ascensão social e ferramenta de luta frente às opressões e desigualdades ainda continua, principalmente para aquelas/es que estão em situação marginalizada, como as/os afrodescendentes e indígenas.

Com o fim da censura, em 1821, houve considerável aumento de produção e consolidação de outras tipografias, Bragança (2002) aponta que este acontecimento foi oriundo da revolução constitucionalista do Porto em 1820 que decretou o fim da censura no ano seguinte. De acordo com Hallewell (1985) nos anos 1821 e 1822 o país testemunhou um aumento considerável de publicação, totalizando um número de 243 e 296 respectivamente; sendo possível também o surgimento de outras tipografias, especialmente, em Pernambuco, Maranhão, Bahia, Paraíba e Pará, além da Corte.

No regime Imperial outro marco importante no contexto da atividade editorial brasileira foi o que aconteceu na Bahia. O editor oriundo de Portugal Manuel Antônio da Silva Serva foi o primeiro editor que conseguiu licença para instalar-se no Brasil. Esse editor

conseguiu permissão para imprimir em 1810, no qual, sua editora segundo menciona Hallewell (1985) teve uma produção considerável, somando aproximadamente 176 títulos publicados durante sua vida.

Após ter acesso a essas informações como você imagina Silva Serva em termos de aparência física? Esse editor é descrito como "alto, gordo, rosto redondo, trigueiro e bastante barba" (HALLEWELL, 1985, p. 60). Realizando uma pesquisa básica do que significa "trigueiro", encontramos "Com a cor do trigo maduro, escura; moreno, escuro" (DICIO, 2018), ou seja, um homem afrodescendente editor com papel imprescindível para a consolidação das atividades editoriais na Bahia. Quantos homens/mulheres afrodescendentes são apagados/as nessa história?

Outro acontecimento que merece destaque é de Nísia Floresta. Hallewell (1985) relata que essa mulher fez a tradução livre do trabalho de Mary Wollstoncraft Godwin, *Vindication of the rights of women*, sendo nomeado por Nísia Floresta como "Direitos das mulheres e injustiças dos homens", no qual, realizou a própria edição, conseguindo publicação em Recife no ano de 1832, pois morava nessa cidade. Diante desse acontecimento, algumas perguntas foram delineadas: Quantas mulheres foram (são) invisibilizadas na história da editoração brasileira? Quais outras mulheres tiveram êxitos semelhantes e não são conhecidas? Merece destaque também o título do livro, que possui como pano de fundo o direito das mulheres, focalizando nas condições desiguais entre mulheres e homens.

Segundo aponta Duarte (2003) Nísia Floresta tem um papel fundamental nas reivindicações do movimento feminista brasileiro, que lutavam nesse período, pelo direito básico de ler e escrever. Nísia consegue transgredir a ordem social que impunha o espaço da casa e do privado para as mulheres. Duarte ainda deixa claro que o livro de Nísia não é apenas uma tradução (versão literal do texto original para outro idioma), mas uma "[...] nova escritura ainda que inspirado na leitura de outros" (2003, p. 153). Importante lembrar que este movimento feminista é composto em sua maioria por mulheres de fenótipo europeu e de classes economicamente favorecidas, logo, tão raro lutavam pelas bandeiras das mulheres afrodescendentes, que por sinal, estavam em condição de escravizadas nesse período.

Até então as mulheres eurodescendentes não tinham acesso à educação formal ficando responsáveis apenas pela manutenção e organização do lar e cuidados com a família. A escolarização era um direito reservado apenas aos homens ditos "brancos" e de posse material. A partir dos estudos de Duarte (2003) somente em 1827 a legislação autorizou "escolas públicas femininas", destinadas a mulheres consideradas "brancas" e favorecidas economicamente, essas escolas tinham currículo voltado especificamente para as prendas

domésticas. Antes disso, as alternativas eram alguns conventos, com a missão de resguardar as mulheres para o casamento; raras escolas particulares nas casas das professoras, ou ensino individual. As poucas mulheres que tiveram essas oportunidades, “tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever” (DUARTE, 2003, p. 153).

Bragança (2002) aponta outra figura importante para a atividade de editoração no Brasil no século XIX, foi o editor “[...] brasileiro Francisco de Paula Brito, nascido no Rio de Janeiro, mulato, de origem humilde” (2002, p. 15). Francisco de Paula iniciou suas atividades como aprendiz na Tipografia Imperial e Nacional. Posteriormente aos 22 anos conseguiu comprar uma loja de encadernação de livros que passou a funcionar como tipografia e no ano de 1850, com o apoio de D. Pedro II, criar a “Empreza Typographica Dous de Dezembro de Paula Brito”. Mais uma vez, outro afrodescendente tem papel de destaque no processo de editoração brasileira. A descrição de Francisco de Paula Brito, como “mulato” pode ser encarada como uma tentativa de “embraquecimento”, “aceitação” para o contexto destacado.

Francisco de Paula Brito pode ser considerado “[...] o primeiro ativista a inserir no debate político-editorial a questão racial, sendo considerado, o precursor da imprensa ‘negra’. Ele também foi o primeiro editor de Machado de Assis” (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2016, p. 97). Essa informação é silenciada pelos autores Bragança (2002) e Hallewell (1985), por isso é necessário refletirmos a todo o momento: Quem está contando a história? História de quem? Do/a dominante ou dominado/a? Como bem alertou Chimmamanda Adiche (2012) em sua palestra intitulada “O perigo de uma história única”.

Ainda no século XIX a literatura afro-brasileira está fortemente atrelada ao jornalismo, no qual, as publicações ocorriam majoritariamente nesse meio. Oliveira e Rodrigues (2016) apontam que era forte a vertente de agrupar os chamados “homens de cor” e educá-los para lutar contra o complexo de inferioridade nos jornais no final dos oitocentos. No que se refere o número de publicações por autores/as afrodescendentes, os mesmos pesquisadores conseguiram catalogar “[...] 11 publicações individuais de contos afro-brasileiros e 10 romances afro-brasileiros publicados, contudo, por cinco autores: Francisco de Paula Brito, José do Patrocínio, Machado de Assis, Maria Firmina dos Reis e Antônio Gonçalves Crespo” (2016, p. 97).

Destaca-se aqui a figura de uma mulher brasileira afrodescendente, Maria Firmina dos Reis. Esta autora possui uma história peculiar. De acordo com a descrição de Vianna (2017) em seu projeto de digitalização de acervo brasileiro, a autora nasceu em São Luís, em 11 de

outubro de 1825, filha bastarda que nunca conhecera o pai, porém a família materna possuía algumas posses. Autodidata, prestou concurso para Instrução Primária e foi aprovada, lecionou até 1881. Neste mesmo ano, fundou uma escola mista no povoado de Maçaricó, encontravam-se nos mesmos bancos escolares filhos/as de engenhos e os filhos/as de pobres lavradores, o que causou escândalo e ameaças à figura de Maria Firmina dos Reis, sendo obrigada a fechar seu empreendimento com apenas dois anos de existência. No que se refere a sua produção literária, em 1859, revolucionou o campo das letras, sendo considerada a primeira mulher afrodescendente a escrever um livro, intitulado “Úrsula”, e o mesmo é apontado até o presente momento como o primeiro romance abolicionista brasileiro, sendo produzido pela Tipografia do Progresso de São Luís.

Até então a literatura brasileira caracterizava a mulher afrodescendente sob os estigmas da mulata disponível sexualmente, promíscua, focalizando o seu corpo como fonte de prazer, Duarte (2009, p. 13) aponta que na obra “Úrsula” “[...] a autoria feminina e afro-identificada substitui o protagonismo da mulata pelo da negra”. Maria Firmina dos Reis consegue romper com os estigmas da “mulata para fornicar” e trazer à tona a escravização na perspectiva da/o africana/o escravizada/o.

Uma mulher brasileira afrodescendente autodidata, escritora e professora que consegue romper com as estruturas racistas e sexistas, trazendo para o seu cenário uma escrita feminina e afrodescendente, um ato de coragem, força e resistência. É necessário problematizarmos a pouca notoriedade dada à autora como romancista abolicionista, tudo indica que o motivo desse silenciamento está relacionado com seu pertencimento racial e de gênero, Vianna (2017) menciona também outro motivo: a autora assinava suas obras como “uma maranhense”. Podemos até mesmo inferir que essa alternativa adotada por Maria Firmina foi uma estratégia para burlar os meandros racistas e sexistas de sua época. Segundo Galvez e Costa (2011) a mesma foi autora de outras obras como o romance “Gupeva”, em 1861, no jornal “O Jardim dos Maranhenses” em formato de folhetim; em 1887 publicou na “A Revista Maranhense” o conto “A Escrava” e em 1888 compôs o “Hino da libertação dos escravos”.

A tendência da literatura voltada às questões raciais atreladas ao jornalismo perdurou até as duas primeiras décadas do século XX, período no qual a denominada “Imprensa Negra” paulista se solidifica. Nilma Lino Gomes (2012) destaca alguns jornais que circularam nos primeiros anos do século XX até meados dos anos de 1960, sendo eles “O Xauter (1916), Getulino (1916-1923), O Alfinete (1918-1921), O Kosmos (1924-1925), O Clarim d’Alvorada (1929-1940), A Voz da Raça (1933-1937), Tribuna Negra (1935), O Novo

Horizonte (1946-1954), Cruzada Cultural (1950-1966), entre outros” (p. 736). A mesma autora ainda ressalta a importância da “Imprensa Negra” como fonte de produção e abertura epistemológica do período:

A imprensa negra rompe com o imaginário racista do final do século XIX e início do século XX que, pautado no ideário do racismo científico, atribuía à população negra o lugar de inferioridade intelectual. Os jornais tinham um papel educativo, informavam e politizavam a população negra sobre os seus próprios destinos rumo à construção de sua integração na sociedade da época (2012, p. 736).

No final do século XIX e início do século XX os editores receosos em apostar em títulos originais acabavam optando pelo campo seguro dos livros didáticos e livros sobre legislação, e como consequência ficava a cargo do autor a impressão e a divulgação dos mesmos (HALLEWELL, 1985).

Novos rumos para a atividade editorial surgem a partir das medidas adotadas por Monteiro Lobato, até então cafeicultor paulista, que resolvera adentrar no campo das letras. As medidas adotadas por Lobato conseguem modificar a atividade editorial brasileira. Dentre essas medidas, Hallewell (1985) destaca: lançamento de novos autores, pagamento dos direitos autorais compensadores; aumento dos pontos de distribuição dos livros; mudança na forma de realizar as propagandas dos livros (através dos jornais); mudou as capas dos livros, antes com tons mais escuros e sem vida, aderindo às capas ilustradas e desenhadas; fez mudanças na aparência interna, introduzindo um novo padrão de livro, com medidas de 16,5 x 12,0 cm, formato menor que o anterior (de modelo francês - 96 cm x 76 cm); diminuiu o custo unitário das tiragens menores, conseguindo reduzir o preço de capa usual de seus livros. Além disso, no início de 1919, já importava seu próprio papel e planejava sua própria oficina gráfica.

Lobato provocou mudanças na atividade editorial brasileira, entretanto, ocupando o ofício de escritor realizou obras com representações negativas em relação aos afrodescendentes. Dentre essas obras destacamos “Histórias de Tia Nastácia”, publicado em 1937, no qual trazia como personagem principal uma mulher afrodescendente e empregada doméstica. A personagem contava histórias retomando narrativas da tradição oral, porém “[...] Seus ouvintes criticam constantemente o valor de verdade de suas histórias e fazem críticas sempre negativas sobre o conteúdo dessas histórias” (JOVINO, 2006, p. 188). Além disso, Lobato descreve a personagem como “negra de estimação” (JOVINO, 2006, p. 188). A representação do afrodescendente como vingativo, demoníaco também estampou outras obras

de Lobato, como o conto “Bocatorra” de 1923, atrelando monstruosidade, maldade e feiura ao protagonista afrodescendente do referido conto (OLIVEIRA, 2006, p. 51).

Nesse mesmo período, início do século XX até 1945, Oliveira e Rodrigues (2016) contabilizaram as produções no gênero conto de autoria afrodescendente, num total de 04 livros, dois de autoria de Raul Astolfo Marques; 01 de Machado de Assis e 01 de Lima Barreto e no gênero romance, 10 publicações, sendo 02 de Machado de Assis; 04 de Lima Barreto; 02 de Arlindo Veiga dos Santos; 01 de Nascimento Moraes e 01 de Raymundo de Souza Dantas. Com esses dados evidenciam-se as diferenças de gênero, por mais que os afrodescendentes aos poucos se insiram no campo das letras, a voz é majoritariamente masculina.

Entre os anos de 1946 e 1978, houve uma considerável diminuição na publicação de contos e romances afro-brasileiros, que contabilizou um total de cinco livros no gênero conto e seis de romance. Essa queda na publicação advém das políticas de branqueamento, o esvaziamento das condições de produção literária da população afrodescendente no início da Ditadura Militar, em 1964, onde se instaura a censura à imprensa e a qualquer discurso artístico (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2016).

Ainda utilizando a pesquisa de Oliveira e Rodrigues (2016) é possível mensurar um aumento nas publicações autorais de contos e romances afro-brasileiros no período entre 1979 até o primeiro semestre de 2016, contabilizando um total de 67 e 39 publicações respectivamente. Essas publicações aconteceram em editoras distintas, ocorrendo uma nova configuração editorial, as chamadas editoras de nicho, ou seja, editoras cuja prioridade é a escrita afrodescendente e leitoras/es interessadas/os nos aspectos dessa cultura “como é o caso da Ciclo Contínuo Editorial, do Grupo Editorial Rainha Ginga, da Mazza Edições e da Nandyala” (2016, p. 103).

Estes mesmos autores também destacam a importância dos “*Cadernos Negros*” para o coletivo de autoras/es afrodescendentes. Uma série criada pelo grupo Quilombhoje em 1978, conseguindo publicar anualmente volumes de prosa e/ou poesia “possibilitando críticas e discussões no intuito de romper com os valores estéticos vigentes, que tratavam a produção do negro brasileiro como algo menor...” (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2016, p. 101).

Duarte (2009) aponta que a série “*Cadernos Negros*” e o grupo Quilombhoje proporciona maior visibilidade para autoras afrodescendentes como Conceição Evaristo, Lia Vieira, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães, Sônia Fátima da Conceição, entre tantas mais. Estas autoras, segundo as explicações de Duarte (2009) tentam romper com os

estigmas da mulata sensual, evidenciando mulheres afrodescendentes que lutam e resistem, numa escrita que busca afirmá-las como pessoa-humana.

A partir dos estudos evidenciados até agora, percebe-se que o sistema editorial possui dinâmicas próprias para escolher aquilo que pode ser publicável ou não. Pode-se até mesmo inferir que os critérios para essa seleção estão baseados no pensamento abissal moderno e no epistemicídio, estruturas que desqualificam e anulam os conhecimentos dos grupos subalternizados (SANTOS, 2007; CARNEIRO, 2005). E assim, como forma de romper com esse “aprisionamento editorial”, autoras/autores afrodescendentes e outras/os profissionais envolvidas/os com a causa se organiza em “coletivos editoriais que fomentem as suas ideias”, denominado pelos autores Oliveira e Rodrigues (2016) como “quilombos editoriais”.

Mudanças no plano econômico, cultural, social e histórico vão dando novos contornos a atividade editorial no século XXI, no qual a/o editora/o deixa de ter o foco no negócio editorial, sucumbindo-se a executivos mais preocupados com rentabilidades e lucros do que com a qualidade do que é produzido. Mas, isso será uma conversa para o próximo tópico.

## 2.2 Mercado de Nicho: o mercado fragmentado dos gostos

Na discussão anterior enunciamos algumas pistas do cenário atual referente à atividade editorial brasileira. Neste momento evidenciam-se mudanças econômicas, sociais e culturais que repercutem diretamente nas mídias e dentro desse vasto campo encontra-se o mundo dos livros guiados/controlados pelo mercado editorial.

Como já explicado a/o editora/o da contemporaneidade está preocupada/o com a seleção de títulos originais e tem como função coordenar e orientar as várias etapas do processo de selecionar, produzir, divulgar, vender e frequentemente possui pessoal capacitado para cada um desses setores. As/os editoras/es se constituem dessa maneira como formadoras/es e produtoras/es de opiniões, selecionando aquilo que “devemos/precisamos” ter conhecimento.

Sobre esse processo de escolha dos títulos originais Muniz Jr. (2010) esclarece que a/o editora/o “[...] acaba por determinar, ao menos provisoriamente, quais textos circularão na sociedade” (p. 04). Assim, determinados assuntos e/ou temas serão marginalizados, pois são considerados não vendáveis ou sem relevância. O mesmo ocorre com as/os autoras/es, pois a/o editora/o pode dar preferência a algumas escritoras/es e aquelas/es que são rejeitadas/os passam a ocupar “uma posição marginal no mercado simbólico de que desejam fazer parte” (MUNIZ JR., 2010, p. 04). O que ocorreu (e continua acontecendo) em grande medida com os autores afrodescendentes e principalmente com as autoras desse mesmo grupo. Na ótica racista e sexista do grupo dominante a literatura produzida pelas/os afrodescendentes são consideradas “secundária” e “inferior”, e por isso, não pertencente ao “cânone literário”.

A tradição estética erudita e ocidental acaba legitimando “formas e temas do ‘bom gosto’ e do ‘bom tom’” (SOUZA, 2006, p. 14). Define aquilo que é vulgar, secundário e de menor valor, separando-o daquilo que é considerado clássico, requintado e de maior relevância e assim, pertencente ao cânone literário. Souza (2006) aponta que várias críticas vêm sendo realizadas em relação a esse cânone único, propondo alteridade na construção desses valores e representações, este movimento de reivindicação ocorre com maior força nas duas últimas décadas do século XX e recebe resistências por parte da crítica institucional.

Dentre essas críticas, a mesma autora menciona que tudo aquilo que está relacionado com o cotidiano, com as experiências, com o popular, foi definido pelo grupo letrado do cânone como “representantes do desprestigiado e carentes de qualidade estética” (SOUZA, 2006, p. 15). E assim desqualificam todos os textos dessa ordem, como aqueles que correspondem à literatura afrodescendente que focaliza as experiências de afrodescendentes

em suas resistências cotidianas contra o racismo, valorizando uma construção positiva de suas identidades. Outro motivo, apontado por Souza (2006) para a rejeição das reivindicações contra o cânone definido como universal, diz respeito ao respaldo e ratificação destas concepções pelas próprias instituições e práticas acadêmicas. A negação das nossas próprias experiências e de tudo aquilo que está ligado ao cotidiano é facilmente percebido dentro da academia, não somos incentivados a falar sobre nós mesmos neste espaço, e por isso indagamos: Como possibilitar aberturas epistemológicas no sentido de amplificar nossas vozes, experiências e histórias?

Além desses contornos, a atividade editorial insere-se numa nova dinâmica econômica, “[...] a oligopolização e a presença de grandes grupos estrangeiros” (MUNIZ JR., 2010, p. 09). A oligopolização é o processo político econômico caracterizado por poucas empresas e muito compradores, com a inserção das grandes empresas estrangeiras a tendência atual é a dominação delas em um determinado setor. De acordo com Muniz Jr. (2010) como consequência dessa nova ordem política e econômica, algumas editoras isoladas, muitas vezes pertencentes a uma família, passaram a integrar *holdings*, reunindo jornais, editoras de revistas, emissoras de televisão, empresas de *internet*, etc. Diferentemente desse caso, outras editoras de livros foram se fundindo entre si.

Na contramão dos grandes conglomerados, Muniz Jr. (2010) menciona o surgimento de pequenas editoras voltadas para públicos específicos, os chamados nichos. As/os editoras/es preocupadas/os com a qualidade dos textos produzidos e na manutenção da diversidade dos livros se organizam em alianças e/ou associações de editoras/es independentes, como exemplos o mesmo autor traz no âmbito internacional a “Aliança Internacional dos Editores Independentes, composta por editoras de 45 países diferentes” (MUNIZ JR., 2010, p. 13) e no Brasil a Libre (Liga Brasileira de Editores) que possui 100 editoras associadas.

Este mesmo autor menciona que existem diferenças entre as associações e alianças no que refere ao mercado editorial. No caso brasileiro, temos a associação intitulada Câmara Brasileira do Livro (CBL) que se difere da Libre, pois, “[...] Embora também defendam o incentivo à leitura e às bibliotecas, por exemplo, e incluam editoras que não pertencem aos grandes grupos, essas entidades não se comprometem com as causas da independência e o combate à oligopolização do setor” (MUNIZ JR., 2010, p. 17-18).

As pequenas editoras e/ou editoras independentes preocupadas em manter e fomentar a diversidade cultural dos livros, encarado como bem cultural e não como objeto comercial, se comprometem com a “bibliodiversidade” dos mesmos, Gomes (2017) pontua que o referido

termo “[...] remete à diversidade de produções livres disponíveis ao público”. Essa medida garante a ruptura da “monocultura do saber” perpetuado pelas linhas abissais do pensamento moderno ocidental proposto por Boaventura de Sousa Santos (2007), possibilitando, assim, aberturas epistemológicas.

Os contornos econômicos e políticos pautados no capitalismo afetam diretamente nos modos de produção da atividade editorial brasileira. Com a inserção de grandes grupos estrangeiros mais preocupados na rentabilidade do que na qualidade e representação dessas obras, até que ponto a diversidade dos livros é garantida? Se antes, como vimos, as/os autoras/es afrodescendentes sofriam restrições para publicar suas obras, em grande parte, trazendo como pano de fundo, o cotidiano, as próprias experiências, as questões identitárias, como então, esse tipo de produção é vista por esses grandes grupos? Quais possibilidades são encontradas por essas escritoras/es num mercado em que as colocam de maneira inferior e secundária?

Na contraposição dessa configuração econômica e social, entra em cena o mercado de nicho, fragmentado, diversificado e dinâmico que captura variedades de gostos e públicos específicos. Pensemos num conjunto de ilhas próximas, cada ilha é composta por um determinado “produto” e as pessoas tem a possibilidade de escolher e usufruir das diversas ilhas, ou seja, dos produtos, de maneira dinâmica e relacionada. Esta nova configuração econômica proporciona visibilidade a produtos até então pouco explorados pelas grandes empresas, como livros de literatura infantil com temática voltada a afrodescendência.

Andersen (2006) editor-chefe de uma das mais conceituadas revistas de tecnologia do mundo, a *Wired*, convida-nos a pensar sobre as novas configurações proporcionadas pelo mercado de nicho, principalmente através de dados obtidos da *Amazon* (antes comercializava livros, hoje uma variedade de produtos), *Netflix* (filmes e séries), *Rhapsody* (música), isso para nomear só algumas. A peça chave desses novos contornos econômicos e culturais é a *internet* que possibilitou o acesso a uma infinidade de produtos, conhecimentos e entretenimento, com custo relativamente acessível, até então pouco ou quase nada explorado pelas grandes empresas de comunicação e midiáticas. Vale ressaltar que o acesso à *internet* ainda se apresenta de maneira desigual em nossa sociedade.

Você sabe qual é a música do momento? Ou a banda, cantora/o em alta? Possivelmente você vai responder mais de um artista e/ou cantora/o, justamente porque hoje temos uma infinidade de músicas e bandas, cantoras e cantores e para cada um desses artistas encontramos um público considerável. Se voltarmos no tempo, tínhamos uma banda ou cantor/cantora que era o/a grande sucesso do momento, as rádios, a televisão, os jornais

focalizavam apenas nesse “grande *hit*”. Hoje, com inúmeros aplicativos de música, temos acesso a várias bandas até então desconhecidas e mesmo não atingindo o ápice de procura/*downloads*, estas bandas possuem número considerável de público. Essa variedade é o chamado mercado de nicho. O autor Andersen (2006) em sua obra “*A Cauda Longa: do mercado de massa para o mercado de nicho*” discute justamente essa transformação dos “grandes *hits*” para o mercado de nicho, como explicado de maneira sucinta anteriormente.

Essa nova configuração apresentada por Andersen (2006) pode ser explicado por aquilo que ele denomina de “Cauda longa”. Trata-se de um gráfico que mostra as preferências das/os consumidoras/es por um determinado produto, como podemos acompanhar na Figura 01, logo em seguida. Quanto maior a preferência por um determinado produto, a curva atinge seu auge, ou seja, o “topo” do gráfico, como pode ser observado na Figura 01. Ao mesmo tempo, quanto menor a preferência, uma curva alongada surgirá no plano mais baixo, formando uma espécie de “cauda longa”, representada de cor amarela na Figura 01. Essa cauda tende a crescer cada vez mais (em comprimento), ela simboliza o mercado de nicho, ou seja, produtos, mídias, comunicação e entretenimentos variados. O que chama atenção é que, mesmo o mercado de nicho não formando uma curva acentuada de preferencias, ainda assim, existe uma demanda razoavelmente grande para seus produtos.

**Figura 1 Gráfico da Cauda Longa**



Fonte: Página do site “Mapa Mental” Disponível em: <<https://www.mapamental.org/mapas-mentais/cauda-longa-mapa-mental/>> Acesso em: 06 mar. 2019.

Essa grande variedade proporcionada principalmente pela *internet*, especificamente pelo mercado *online* possibilita que produtos e interesses de forma geral, antes

marginalizados, atinjam uma posição de certo destaque. Agora com o status de disponível, de gosto “específico”, literaturas e autoras/es até então desconhecidas/os e indisponíveis nas livrarias físicas podem ser encontradas/os pelo mercado *online* ou até mesmo disponibilizado gratuitamente. Essa configuração econômica pode ser encarada como uma ferramenta propulsora dos produtos e interesses até então relegados ao “estoque”.

O caráter interativo da *internet* proporciona novas dinâmicas entre as mídias e seus consumidores, como destaca Vieira (2018): “Nos últimos anos o comportamento desses usuários vem mudando, pois além de consumir conteúdos, eles também estão expondo suas opiniões e experiências, seja sobre um produto que adquiriram, um local que visitaram ou um serviço que utilizaram...” (p. 01). As pessoas tem a oportunidade de procurar, consumir, disfrutar de uma diversidade de produtos, muitos dos quais estavam escondidos e silenciados.

Outra ferramenta no mercado *online* que possibilita maior interação entre as/os consumidoras/es é o “*feedback*”, de maneira sucinta esta ferramenta consiste num tipo de relato das pessoas sobre determinado produto, local ou serviço, normalmente encontrados em fóruns, *blogs*, redes sociais, *sites* de *e-commerce*. De acordo com Vieira (2018) o uso do *feedback* proporciona a troca de experiências entre as/os consumidoras/es, bem como, provocam as organizações e/ou empresas rever seus produtos, “O *feedback* é uma importante informação para a tomada de decisão dos usuários. Os consumidores podem tirar proveito da experiência de outros usuários para decidir sobre a aquisição de produtos ou serviços” (p. 02). No caso dos livros, em especial daqueles voltados à temática da afrodescendência, as/os consumidoras/es podem trocar experiências no sentido de valorizar, recomendar e fomentar a aquisição de determinada obra, além disso, podem fazer sugestões ou expor negativamente instituições, empresas e/ou organizações que ajudam na manutenção do epistemicídio ou no sentido inverso (positivar aquelas que ajudam na ruptura dessa estrutura).

Essa troca de experiência provocada pelo “*feedback*” faz com que as pessoas tenham contato com opiniões diversificadas, sendo assim, expostas a diferenças culturais, sociais, econômicas de cada um/a, e diante desse compartilhamento de ideias torna-se possível uma reflexão crítica daquilo que se consome, como aponta Magalhães (2016): “aquilo que se conversa sobre o que se consome gera interações e a partir dessas interações é desenvolvido o pensamento crítico sobre o que a mídia veicula” (p. 141). Além disso, é possível perceber que a interação entre as pessoas também abrange outros temas relacionados aos seus gostos pessoais, situações vivenciadas no cotidiano, questões políticas, dentre outros, essa interatividade ganha força principalmente com as redes sociais, como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *Youtube* e outros espaços virtuais, como *blogs*, fóruns e *sites*.

Encontramos cada vez mais a proliferação de mulheres e homens afrodescendentes que se utilizam da *internet*, mais especificamente das redes sociais como forma de produzir diálogos sobre os racismos, discriminações e preconceitos vivenciados, bem como, maneiras de positivar a identidade afrodescendente através de aspectos estéticos (como o cabelo crespo), incentivo e valorização de filmes e livros que traduzem outras representações desse segmento da população. Podemos citar nomes de algumas/alguns afrodescendentes que se utilizam de espaços como o *Instagram* e *Youtube* para falar de suas experiências, dos seus cotidianos, de aspectos políticos e culturais, estética, identidade e maternidade são elas/eles: Gabi Oliveira; Maíra Azevedo; Ana Paula Xongani; AD Júnior; Nátaly Neri; Spartakus Santiago; Naíse Caldas e outras/os.

*Sites* e *blogs* também ganham força e visibilidade, como “Geledés” (<https://www.geledes.org.br/>) e “Blogueiras Negras” (<http://blogueirasnegras.org/>) ambos destacam o feminismo interseccional, numa perspectiva das mulheres afrodescendentes, sobre este último *blog* o mesmo “tem incentivado que mais mulheres negras possam narrar suas experiências e, através de suas histórias, ajudar outras mulheres que vivenciam situações de opressão” (MALTA; OLIVEIRA, 2016, p. 62). Destacamos também outros *sites* e *blogs* que discutem mídia, artes, moda, estética, questões sociais, situações do cotidiano e literatura, como o *site* “Mundo Negro” (<https://mundonegro.inf.br/>) criado em 2001 disponibiliza informações variadas sobre mulheres e homens afrodescendentes em aspectos diversos, social, cultural, estético, tendo como objetivo informar de maneira leve e descontraída; “Negra e Crespa” (<https://negraecrespa.com/>) de autoria da blogueira Dudda Buchmann aponta principalmente aspectos estéticos das mulheres afrodescendentes, bem como, outras informações que ajudam no incentivo da autoestima dessas mulheres.

Dando continuidade, também podemos mencionar o *blog* “Afrocontos: literatura negra” (<http://afrocontosliteraturanegra.blogspot.com/>) divulga várias obras literárias relacionadas à afrodescendência além de disponibilizar textos sobre a mitologia afro-brasileira; o *site* “Escritoras Negras da Bahia” (<https://escritorasnegras.com.br/>) busca criar uma rede de escritoras afrodescendentes baianas que possam divulgar seus trabalhos literários, conta também com uma lista de escritoras afrodescendentes já cadastradas, assim como, outras informações relacionadas à literatura; “Negro Belchior” (<http://negrobelchior.cartacapital.com.br/>) é o nome do *blog* criado por Douglas Belchior em 2009, nesse espaço se discute política, educação, arte, eventos, movimentos populares, e outros temas relacionados à comunidade afrodescendente brasileira; o *blog* do Núcleo de Estudos RODA GRIÔ – GEAFFRO da UFPI (<http://rodagrioufpi.blogspot.com/>) apresenta

informações e imagens das Rodas de Conversas realizadas no referido Núcleo, bem como, sugestões de leituras e reflexões relacionados a afrodescendência, educação e gênero.

A *internet* possibilita, assim, novas dinâmicas sociais, históricas, econômicas e epistemológicas, de maneira conectada e interligada com as mudanças ocorridas na sociedade. Além disso, é cada vez mais comum que alguns espaços virtuais, como as redes sociais, seja palco de respostas ousadas de mulheres e homens afrodescendentes, e outros grupos, frente às situações vividas. Nesses espaços interativos fala-se sobre as experiências, gostos, estéticas, opiniões, denúncias às discriminações e racismos, como exemplo temos as *youtubers*, *blogueiras* e *digital influencers* que fazem desses espaços lugares políticos, onde suas vozes são escutadas e dialogadas gerando ondas de fortalecimento. Isso demonstra que cada vez mais as/os afrodescendentes estão conseguindo lançar respostas frente ao epistemicídio, além disso, mostra que esses “novos espaços” ocasionados pela *internet* proporcionam tanto rupturas nas estruturas dominantes como também aprendizagens e ensinamentos variados. Assim, editoras num mundo tecnológico, informático e virtual podem estabelecer outras aprendizagens, dinâmicas e formas de resistência.

## RESUMO DA SEÇÃO

Nesta seção discutimos os meandros da atividade editorial brasileira, percorrendo desde os períodos coloniais até chegar às novas configurações econômicas e sociais, como o “mercado de nicho” o que suscitou outras discussões, como a emergência da *internet* e suas transformações, apontando para a inserção das mulheres e homens afrodescendentes nas redes sociais, fazendo desses espaços lugares políticos. Entendemos que a discussão evidenciada nesta seção colabora para melhor interpretar as configurações do mercado editorial brasileiro e assim, gerando pistas que ajudam a compreender as respostas de algumas editoras especializadas na afrodescendência em relação aos esquecimentos de meninas descendentes de africanas/os na literatura considerada infantil. A próxima seção discute as categorias raça-gênero-classe de maneira interseccional atravessando os campos da educação/educações e literatura.

### **3 INTERFACES ENTRE AFRODESCENDÊNCIA, GÊNERO, LITERATURA E EDUCAÇÃOES.**

#### **Primeiras Palavras**

Nesta seção discutimos de maneira interseccional, interligada e interdependente questões referentes à afrodescendência, gênero e literatura. Consideramos que o fenômeno literário compreende tanto a palavra escrita como oralizada, mas neste trabalho focalizamos nas “palavras escritas”. Logo de início produzi um diálogo em primeira pessoa do singular para apresentar as minhas experiências e conexões frente às discussões pretendidas nessa seção. Colocar no papel aquilo que sentimos e experimentamos ainda apresenta-se como tarefa difícil, mas ao mesmo tempo demonstra-se como tarefa urgente, pois se trata de uma tentativa de quebrar os instrumentos e mecanismos que de alguma forma amordaça, anula e desqualifica nossas vozes. Desde já explico que as discussões trazidas nessa seção misturam os pronomes “eu”, “nós” e “elas/es”, pois ao mesmo tempo em que trouxe experiências pessoais, me identifico, me aproximo e em menor grau me distancio daquilo que é discutido. Considero esse movimento da escrita importante para problematizar e questionar nossas próprias vulnerabilidades e o quanto nós somos produtos e produtores do epistemicídio e da colonialidade, evidenciando a complexidade destas categorias e como é desafiador discuti-las. Logo em seguida, divido essa seção em dois tópicos, o primeiro discute raça-gênero-classe numa perspectiva interseccional, e o segundo, discorre sobre os mecanismos de silenciamento das vozes de mulheres afrodescendentes e, além disso, procuro demonstrar algumas respostas dadas por essas mulheres a essa realidade estabelecendo conexões com as educaçãoes.

### 3.1 Prólogo: Diálogos em primeira pessoa do singular

A literatura está presente na minha vida desde criança e me deliciava com os livros trazidos pela minha tia. Esta mulher talvez tenha sido meu referencial de leitura. Dentre as várias coleções de livros que possuía, uma me encantava mais, a de princesas. Meu mundo infantil, de menina afrodescendente, que ainda não tinha nenhuma noção sobre isso queria ser uma princesa.

Às vezes me pergunto se de fato era um gosto ou uma cobrança social. Afinal, me introduziram desde cedo essa ideia estereotipada de como ser mulher: delicada, sensível, dócil, quieta, com bons modos, assim como as princesas daqueles livros. Mas esses rótulos não pareciam se encaixar na (s) minha (s) identidade (s). Sou a única filha entre dois irmãos mais velhos e aprendi com eles a jogar bola, me aventurar em algumas árvores, a brincar de soldadinhos, a sentar de perna aberta e a falar quando quisesse, mas consciente o tempo todo daquilo que estava fazendo. Cresci nesse impasse de ser uma mulher sensível, delicada, mas ao mesmo tempo, forte, atrevida, intempestiva. De fato, identidades em fronteiras, para lembrar-se de Anzaldúa (2005) quando discute sobre a consciência “mestiza” de mulheres chicanas que tentam conciliar a cultura mexicana, a norte-americana e a indígena em suas identidades.

Até então parecia que a categoria mulher e raça não estavam postas de maneira interseccional, como diria Crenshaw (2002; 2004). Talvez, não estivesse de maneira tão evidente, pois minha identidade racial se construiu tardiamente. Não me reconhecia como afrodescendente tentava a todo o momento um padrão de beleza europeu, como a daquelas princesas que tanto gostava. Meu refúgio sempre foi meus cabelos, pretos e lisos. Por causa dessa característica me reconhecia num padrão eurocêntrico, embora este mesmo padrão não me reconhecesse.

Essas dúvidas e confusões giravam em torno da complexa pergunta “quem sou eu?” e me seguiu até minha inserção na universidade. Pude participar de três projetos de iniciação científica sobre gênero, educação e afrodescendência, orientado pelo mesmo orientador desta dissertação. No primeiro projeto, discuti as contribuições de atividades artísticas para o sucesso educacional de mulheres afrodescendentes. Esse projeto inicial foi disparador para novas descobertas e inquietações, cada vez mais, conseguia me identificar como mulher afrodescendente. Os dois últimos projetos foram relacionados aos efeitos dos contos de fadas na construção identitária de mulheres afrodescendentes. Nestas duas pesquisas, percebi como que uma literatura considerada clássica podia influenciar nossas identidades, interferindo

diretamente em nossa estética, na autoestima, nas relações sociais, produzindo silenciamentos e invisibilidades.

Essa discussão me lembrou do texto de Hall (2014) “*Quem precisa da identidade?*” quando afirma que a identidade “Têm a ver não tanto com as questões ‘quem somos’ ou ‘de onde viemos’ mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios’” (p. 109). Com a massificação de imagens negativas sobre as mulheres afrodescendentes nos livros infantis, nos filmes, na televisão, na publicidade (ou quando somos totalmente invisibilizadas) que identidade vamos construir? Qual será a nossa auto representação?

A pesquisa com os contos de fadas demonstrou a urgência da disseminação e valorização de outras histórias e outras representações da e sobre a realidade brasileira. As princesas dessas histórias são em sua maioria de fenótipo europeu, magras e com cabelos lisos e ainda elenca como característica de uma mulher ideal a delicadeza, gentileza e realizar as prendas domésticas com destreza. Essas representações invisibilizam outras formas de ser mulher e, principalmente de ser mulher afrodescendente.

Outra expressão artística que me fez repensar esse apagamento de mulheres e homens afrodescendentes foi o balé clássico, sou praticante desse estilo de dança desde os três anos de idade. Durante o curso de balé clássico percebi que sua constituição eurocêntrica apresenta apenas um tipo de realidade, a do continente europeu, além disso, são cobrados das bailarinas e bailarinos que desejam se inserir nesta arte um corpo magro com linhas finas e preferencialmente de pele clara (afinal, as personagens dos grandes balés de repertório retratam pessoas eurodescendentes). Ao perceber essa configuração de apagamento ficou nítido a importância e urgência de se pensar para além dos padrões eurocêtricos tentando interpretar outras histórias, narrativas e representações.

Minha inserção no Mestrado em Educação e integrar o Núcleo de Estudos RODA GRIÔ – GEAFRO: Educação, Gênero e Afrodescendência da Universidade Federal do Piauí (UFPI) criado no ano de 2010 sob coordenação do professor Francis Musa Boakari, me fez perceber que essa configuração apresentada nos contos de fadas e no balé clássico, bem como, os meandros da construção da minha (s) identidade (s) como mulher brasileira afrodescendente perpassa a noção de epistemicídio. A primeira vez que tomei conhecimento dos estudos voltados ao epistemicídio foram a partir do núcleo RODA GRIÔ e neste momento não conseguia entender a profundidade dessa configuração econômica-social-cultural-geográfica que estamos inseridas/os.

Nossa escrita acadêmica que normalmente privilegia os autores clássicos em detrimento das nossas experiências; o uso maciço dos contos de fadas; a prevalência de autores eurodescendentes nas grandes editoras; o apagamento do continente africano nas escolas brasileiras; nossos gostos musicais, filmes, séries, comidas; nosso idioma; as imagens e conteúdos eurocêntricos dos livros didáticos; nossas relações pessoais cotidianas são frutos dessa configuração chamada epistemicídio. Talvez, sejamos nós, aquelas/es consideradas/os “outras/os” que mais sentem as teias dessa configuração que se alastra de maneira assustadora, sendo extremamente difícil se desvencilhar de suas armadilhas.

Mas afinal o que é epistemicídio? De acordo com Carneiro (2005) essa configuração é “[...] para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural” (p. 97). Logo, destacam-se aqui dois processos de desumanização: o primeiro refere-se ao ferimento da humanidade-racionalidade daquelas/es consideradas/os outras/os e o segundo, a desqualificação e aprisionamento da produção de conhecimentos dessas pessoas. Esses dois processos estão interligados, como afirma a mesma autora “[...] não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes” (2005, p. 97). O epistemicídio torna-se uma ferramenta que aprisiona e destrói, e por isso, nossa racionalidade e capacidade são a todo o momento questionadas.

Buscando entender os meandros de consolidação e manutenção do epistemicídio Boaventura de Sousa Santos (2007) aponta que o pensamento moderno é abissal, e assim separado por duas linhas abissais invisíveis, que corresponde ao “desse lado da linha” e “do outro lado da linha”. É neste “outro lado” que se concentram as produções consideradas de menor valor, inexistente e inferior. São conhecimentos, pensamentos, produções, histórias, experiências, culturas apagadas e silenciadas pelo grupo dominante. Este último grupo inserido no “desse lado da linha” diz ser os únicos a produzir conhecimentos científicos e verdadeiras filosofias. O sufocamento das epistemologias dos “grupos subalternos” constitui o epistemicídio. E assim, ele continua a se alastrar em nossos cotidianos.

Mignolo (2007) insiste em dizer que a localização importa. Ele discorre principalmente da importância que reserva o lugar geográfico na construção do conhecimento. Mignolo defende que todo pensamento é localizado e existe uma tendência de associar e entender o pensamento como construído a partir de uma história europeia e assim consagrado como universal, enquanto que a produção dos demais lugares é considerada local, de menor valor, insuficiente para compreender a realidade global.

Essa discussão volta para nossas escritas acadêmicas: Quem estamos privilegiando em nossas produções? Quais conhecimentos estamos produzindo? Que história estamos utilizando? Em minhas experiências na academia parece nítido a linha que é instaurada àquelas/es que insistem utilizar pensamentos que fogem do eixo Europa – Estados Unidos; àquelas/es que insistem em discorrer sobre as tidas “minorias sociais”; àquelas/es que insistem em falar sobre suas próprias experiências. O que dialoga com Santos (2007) quando o mesmo aponta a existência de “linhas abissais”. Dentre essas experiências destaco as vivenciadas durante o curso de Mestrado em Educação, quando uma professora de uma determinada matéria curricular questionou a utilização de autoras/es não consideradas/os clássicos, ou seja, não pertencentes ao “cânone universal”, e por isso, a mesma deslegitimou a pesquisa como sendo de menor relevância. Diante disso, percebe-se que as linhas abissais e o epistemicídio parecem se reinventar a cada dia. O lugar do eurocentrismo pode mudar, mas o discurso persiste em continuar o mesmo.

O lugar do conhecimento importa. O lugar de fala importa. Discorrer sobre lugar de conhecimento me leva a pensar sobre o lugar de fala. Que condições sociais subscrevem a fala de quem profere/produz determinado conhecimento? Quem fala sobre as mulheres afrodescendentes? Pode a mulher afrodescendente falar? Qual a importância do lugar de fala? Todos têm lugar de fala?

Essas indagações foram provenientes da leitura do livro “O que é lugar de fala?” de Djamila Ribeiro (2017) mulher afrodescendente, feminista, mãe, mestre em Filosofia. Em seu livro realiza um recorte histórico sobre a luta de mulheres afrodescendentes como sujeitos políticos, discutindo sobre os feminismos que permeia os meandros do colonialismo, da colonialidade, do racismo reverberando na construção do que é ser “outra/o”, para então explicar o que é lugar de fala.

Djamila Ribeiro (2017) aponta que o ponto principal do “lugar de fala” é a localização social de quem fala que muitas vezes restringe e aprisiona as experiências e os conhecimentos daquelas/es que não integram o grupo hegemônico (eurodescendente/heterossexual) preconceituosamente rotulado, consequências de usurpação socioeconômica. As categorias de raça, gênero e sexualidade são elementos dessa estrutura social que impulsiona a criação de desigualdades entre os grupos sociais e são essas mesmas categorias que intensifica a localização desses grupos. Este grupo que se assume dominante historicamente possui privilégios e autorização autoproclamada de fala, e por isso, quando são interrompidos por vozes de “subalternas/os”, se sentem acuados e não querem ouvir, essa interrupção é uma tentativa de desautorizar a matriz hegemônica que determina quem pode falar e o conteúdo

que se fala. Com essa atitude, querem o segundo grupo, possibilitar “discursos de insurgências”.

Foi também a partir desta autora que conheci Grada Kiloma (2010) escritora, teórica e artista interdisciplinar, afrodescendente e oriunda de Portugal que em seu capítulo “Memórias do Plantation: Episódios do Racismo Cotidiano”, traduzido de “*Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*”, discute sobre as máscaras que as/os africanas/os escravizadas/os eram violentamente obrigadas/os a utilizar para impedir que comessem os frutos da produção de cacau e cana de açúcar e principalmente para impedir sua fala. Partindo desse episódio tento trazer diálogos sobre máscaras invisíveis que aprisionam nossa fala, nossos discursos, nossas produções e como por vezes, o grupo dominante se recusa a ouvir/entender nossas produções. Além disso, busco trazer as respostas de algumas mulheres afrodescendentes na literatura como forma de produzir ruídos e rachaduras no muro rígido e tenso do epistemicídio. O que dialoga também com as máscaras trazidas por Fanon (2008) em sua obra “*Pele negra, máscaras brancas*” que evidencia as neuroses das mulheres e homens eurodescendentes em seu complexo de superioridade e das mulheres e homens afrodescendentes ao conviver com o complexo da inferioridade.

As ponderações, inquietações, diálogos e reflexões feitas até aqui serviram de disparador para demonstrar como eu, autora desse estudo estou fortemente envolvida e mais que isso, apontar o quão de mim tem nessa pesquisa. Falar sobre nossas histórias é imprescindível, como tentativa de romper as teias fluídas e ao mesmo tempo rígidas do epistemicídio. Nos próximos tópicos, tento elucidar de maneira mais aprofundada os pontos centrais dessa discussão: respostas de mulheres afrodescendentes; literatura afrodescendente; educações e epistemicídio.

### **3.2 Pensando de maneira interseccional raça-gênero-classe.**

Por muito tempo quando eu discorria sobre gênero e raça essas duas categorias pareciam situar-se de maneira separada em dois grupos distintos. Talvez proveniente de uma educação cartesiana e eurocêntrica que ensina a classificar e agrupar como se existisse uma gaveta para tudo. Pensar de maneira interligada, dinâmica e em movimento ainda se apresenta como um desafio. Assim, discorrer sobre gênero-raça-classe num movimento de interpenetração, de cruzamento, de interligação, pode apresentar-se como tarefa complexa, mas ao mesmo tempo necessária.

Nós, mulheres afrodescendentes trazemos as marcas de gênero e raça (e também de outros marcadores, como classe, orientação sexual, idade) e por isso, não podemos dissociar essas características em grupos e/ou categorias isoladas. As discriminações, constrangimentos e outras violências vivenciadas especificamente por mulheres não são compartilhadas da mesma forma por todas elas. Existem situações e condições que são vivenciadas apenas pelas “mulheres de cor”, como Crenshaw (2002; 2004), Anzaldúa (2005) e Davis (2016) defendem.

Crenshaw (2002; 2004) a partir de suas experiências como mulher afrodescendente norte-americana explica em seus estudos como as discriminações raciais e de gênero sofridas pelas mulheres afrodescendentes estão postas de maneira interseccional. A autora utiliza a noção de interseção das ruas para explicar a interseccionalidade. Imaginemos duas ruas que se cruzam, sendo uma delas, sentido Sul – Norte e o outro Oeste – Leste. Agora pensemos no sentido Sul – Norte como um eixo de discriminações raciais e o sentido Oeste-Leste como eixo das discriminações de gênero; os carros e o tráfego são as discriminações ativas que se encontram num ponto central onde as colisões ocorrem. Essas colisões são de diversas ordens: gênero, racial, classe, sexualidade, dentre outras, sempre inter-relacionadas.

Quais as colisões enfrentadas pelas mulheres afrodescendentes? Quando uma mulher afrodescendente no seu espaço profissional (seja numa escola, num escritório de advocacia, numa clínica, numa empresa) é associada a um emprego social/culturalmente inferior e vulnerável como o de empregada doméstica, zeladora ou cozinheira evidencia-se de imediato a colisão de três categorias, a de gênero, de raça e de classe. Se essa mesma situação fosse colocada de maneira inversa, ou seja, se fosse uma mulher eurodescendente, essa “confusão” ocorreria com a mesma frequência?

Essa discussão me fez lembrar uma Roda de Conversa do núcleo RODA GRIÔ no qual uma das integrantes ao discorrer sobre suas experiências comentou que ao entrar na casa de uma amiga ficou surpresa ao encontrar uma mulher eurodescendente como empregada

doméstica – de imediato indagou ao seu marido que estava lhe acompanhando (como que essa menina bonita, aparentemente com certo nível escolar, encontra-se nessa situação?). Esse tipo de pensamento ajuda-nos entender como os estereótipos de gênero-raça-classe foram/são social, cultural e historicamente construídos e colocados de maneiras sobrepostas, como argumenta Crenshaw (2002; 2004), além disso, demonstra como algumas características/estereótipos servem de disparadores para discriminação.

Pensando nessa construção histórica dos estereótipos e discriminação interseccional de raça-gênero-classe, Ângela Davis (2016) ao discutir sobre a mulher afrodescendente escravizada num contexto norte-americano percebe que a configuração do “ser feminino” ou “natureza feminina” apresenta-se de maneira fragmentada quando se coloca em xeque as mulheres de descendência europeia e as mulheres de descendência africana.

O imaginário social da mulher ligada aos cuidados da casa e da família, estando restrita a esfera privada e afastada do espaço público prevalecendo como características de uma feminilidade ideal, a delicadeza, a condescendência, a passividade, a pureza sexual, como bem representado pelas princesas dos contos de fadas e constantemente reprimido e contestado pelas mulheres eurodescendentes não se apresentou da mesma forma para as mulheres afrodescendentes. Essa feminilidade por muito tempo (e ainda hoje) representou de maneira estereotipada as mulheres de descendência europeia, pois as mulheres afrodescendentes escravizadas (assim como os homens) não eram consideradas “seres humanos”, a sua humanidade foi negada em decorrência do aparato colonialista ocidental.

Ângela Davis (2016) explica que a ideologia de feminilidade largamente disseminada através das mídias do século XIX como revistas, novelas e livros colocava a mulher eurodescendente na figura de mãe e dona de casa, ou seja, descritores duplos de inferioridade, enquanto que as mulheres afrodescendentes escravizadas eram consideradas mão de obra, o que importava era sua rentabilidade, outras características como ser gente, mãe, dona de casa, eram desconsideradas, tratadas como anomalias as mulheres descendentes de africanas/os não faziam parte dessa configuração “mulher – dona de casa e mãe”.

Como exemplos a mesma autora aponta que as atribuições delegadas aos homens afrodescendentes escravizados também eram dadas as mulheres da mesma condição. Entretanto, as formas de castigos eram diferenciadas, essas mulheres eram exploradas, castigadas e reprimidas especificamente como mulheres, eram vítimas de abuso sexual e outros maus tratos. Além disso, as mulheres escravizadas não eram liberadas dos seus serviços quando estavam grávidas e não tinham permissão para cuidar de seus filhos, tendo como alternativa deixá-los próximos do local onde trabalhavam, no chão, ou o colocavam nas

costas através de um saco rústico, e por vezes, deixavam perto de crianças maiores ou com mulheres afrodescendentes de maior idade. E mesmo grávidas também recebiam castigos físicos. A maternidade dessas mulheres foi negada, sendo vistas apenas como “fazedoras de nascimento”, para os colonizadores elas eram a garantia do crescimento da mão de obra escrava, principalmente quando se decretou a abolição do comércio de escravizadas/os (DAVIS, 2016).

Na contemporaneidade essa realidade não parece ser distante, como exemplo, citamos o documentário “Babás” (2010) sob a direção de Consuelo Lins que através de fotografias, vídeos de família e artigos de jornais do século XX trazem à tona a realidade de mulheres brasileiras afrodescendentes que precisam abdicar de suas famílias, sonhos e da própria maternidade para cuidar dos/as filhos/as das patroas de fenótipo eurodescendente. A maternidade continua sendo “negada” e/ou vivenciada com maiores dificuldades pelas mulheres brasileiras descendentes de africanas/os, principalmente aquelas com condições econômicas desfavorecidas, demonstrando que as raízes do colonialismo ainda permanecem entranhadas na sociedade brasileira.

Numa discussão realizada no núcleo RODA GRIÔ sobre essa ideologia da feminilidade e o que representa ser mulher para as escravizadas afrodescendentes a partir dos estudos de Ângela Davis, tentamos transportar essa discussão para o contexto brasileiro e percebemos que outros contornos ganham forma, principalmente quando levamos em conta que o Brasil está pautado pelo mito da “democracia racial”. Em linhas gerais, acredita-se que por sermos “frutos de uma miscigenação” é impossível a existência de racismo, preconceito e discriminações de cunho racial, pois somos considerados iguais, vivendo em plena harmonia e por isso, uma pretensa “democracia racial”. Essa concepção romantizada de miscigenação não passou de uma tentativa de embranquecer forçosamente os povos afrodescendentes e indígenas, apagando assim, esses povos da história brasileira. Sendo então o racismo brasileiro baseado na pigmentação da pele, ou seja, epidérmico, algumas mulheres afrodescendentes podem se encaixar nessa “outra natureza feminina” (apresentada por Ângela Davis) como também pode ser que algumas dessas mulheres tenham experiências relacionadas à mesma ideologia de feminilidade imposta às mulheres eurodescendentes.

Antes de iniciarmos essa seção aponte algumas de minhas experiências e dentre elas estava o conflito com os contos de fadas, que é um exemplo claro dessa imposição de feminilidade “eurodescendente” (mulheres dóceis, sempre gentil, prendadas, graciosas...) esperando para ser salva pelo príncipe com quem se casará depois. Em minhas experiências nunca me foi cobrado ser uma mulher forte, aquela que aguenta tudo, guerreira – por ser

afrodescendente; mas, me foi cobrado desde criança ser delicada, ter bons modos, condescendente, dócil. Percebe-se que os aspectos fenotípicos podem determinar um tipo de mulher esperado pela sociedade. Eu, como mulher afrodescendente que possui tom de pele menos escuro, com cabelos lisos e traços finos do rosto – não me foi/é cobrado ser uma “mulher forte” tampouco sou vista como “sexualmente disponível”; mas, outras mulheres afrodescendentes que possuem pigmentação escura, cabelos crespos e outros traços negroides lhe são cobrados outro tipo de feminilidade – semelhante a da mulher afrodescendente escravizada apontada por Ângela Davis.

Essas representações e construções de feminilidade da mulher afrodescendente voltam para a discussão trazida por Stuart Hall (2014) em seu texto “Quem precisa de identidade?” quando menciona que esse fenômeno tem mais haver com as formas que somos representadas e como isso afeta nossa auto representação ou percepção de si. Esse outro tipo de feminilidade apresentada por Davis, construída histórica, social e culturalmente reverbera em nossas experiências, nos cotidianos, nos discursos produzidos e assim, em nossas identidades. Por isso, esse processo é caracterizado por Hall como fragmentado e sob rasura, dando indícios de como esse fenômeno é mediado por situações confusas e conflitantes, principalmente para quem não pertence aos grupos hegemônicos (homens e mulheres eurodescendentes), afinal, quem precisa da identidade é aquela/e que está na posição de outra/o (os grupos subalternos), pois estão a todo momento querendo se firmar como gente, requisitando uma humanidade negada, distorcida e silenciada.

As identidades nessa situação conflituosa encontram-se numa espécie de fronteira, tentando negociar as representações, experiências e discursos produzidos de um lado a partir do grupo dominante e do outro pelo grupo subalternizado. Essa perspectiva de identidades em fronteiras é discutida por Anzaldúa (2005) quando retrata os conflitos psíquicos e culturais vividos pelas mulheres chicanas (cidadãs norte-americanas de origem mexicana) rumo a uma “consciência outra” ou “consciência mestiza”.

Anzaldúa ao caracterizar os conflitos das mulheres chicanas (mexicanas-estadunidenses) por conviverem com a cultura eurodescendente/estadunidense, a cultura mexicana e a cultura indígena, menciona que essas mulheres passam por uma espécie de “nepantilismo mental”, que significa “está partida ao meio”, um tipo de inquietude mental proveniente dessa transferência contínua de valores, representações, discursos, experiências entre essas culturas. Comparando essa denominação asteca ao nosso contexto, é justamente o estado psíquico que enfrentamos como mulheres brasileiras afrodescendentes: ser mulher descendente de africanas/os que recebem influências de modelos, padrões e representações de

um grupo hegemônico e esquecemos constantemente das ligações existentes com a América Latina e com as indígenas brasileiras. Arriscamos em dizer que essa divisão oriunda do “nepantilismo mental” ocorre em mais de duas partes; são múltiplas partes pela natureza de tentar atender aos anseios que se apresentam na vida da gente: preocupadas/os com a família, dinheiro, profissão, estudos, e tantos mais. Por isso, diferentemente de como ocorre com as mulheres chicanas, aqui no Brasil, essa dinâmica ocorre de maneira diluída.

A mesma autora propõe como possível solução para esse conflito psíquico e cultural a construção de uma consciência outra, ou consciência *mestiza*, produzida a partir da confluência dessas culturas, gerando um produto híbrido como forma de inclusão, assim a mulher chicana “[...] Aprende a ser uma índia na cultura mexicana, a ser mexicana de um ponto de vista anglo-americano” (ANZALDUA, 2005, p. 706). Assim, aprende a se equilibrar, nada é rejeitado, nada é abandonado.

Pensar nessas intersecções de gênero-raça-classe (e outros fatores) num movimento de interpenetração leva-nos a pensar sobre a mulher afrodescendente na literatura, os conflitos e tensões enfrentadas e as rachaduras como forma de respostas para alcançar visibilidade, representatividade e mais do que isso questionar os modelos hegemônicos da literatura respaldados pelo epistemicídio. A partir disso, tentamos na próxima conversa realizar cruzamentos entre a intersecção de gênero-raça-classe com os silenciamentos produzidos pelo epistemicídio na literatura e suas conexões com as educações.

### 3.3 Máscaras de silenciamento: respostas de mulheres afrodescendentes na literatura

A partir da ideia de máscara como algo que oculta, que cobre e transfigura a realidade que construímos esse diálogo. Começamos essa discussão apoiada nos estudos de Grada Kilomba (2010) que discorre sobre as máscaras como instrumento de tortura que os colonizadores obrigavam as/os escravizadas/os afrodescendentes utilizar para impedir que comessem as frutas das plantações de cacau e cana-de-açúcar, mas na verdade o objetivo maior era silenciar a voz da/o afrodescendente. Assim, evidenciamos as máscaras de silenciamento como metáfora para entendermos os mecanismos utilizados no contexto atual que bloqueia, apaga e invisibiliza a voz de mulheres afrodescendentes na literatura brasileira.

A construção dessas máscaras de silenciamento está fortemente ligada com o mercantilismo-colonialismo. O mercantilismo tinha como principal objetivo enriquecer o continente Europeu e para isso, invadiu os territórios africanos e americanos em busca de ouro, prata e artigos tropicais, transformando-os em colônias em nome da dita civilização. Serrano e Waldman (2010) apontam como principais consequências do mercantilismo-colonialismo a escravização de africanas/os (e também de indígenas) que assumiu proporções drásticas e desumanizantes, como exemplo: o tráfico negreiro, as torturas e castigos sofridos, a imposição de uma cultura, a perda do território de origem, a humanidade negada; como segunda consequência que volta para o imaginário social é a falsa associação do continente africano como continente da escravidão, ou seja, “africano torna-se sinônimo de escravo e vice-versa” (SERRANO; WALDMAN, 2010, p. 195), que reverbera até nossos dias como justificativa para inferiorizar, subalternizar e silenciar a/o afrodescendente.

As máscaras surgem no contexto da colonização como prática desumanizante para torturar e castigar a/o afrodescendente considerada/o selvagem, inferior e subalterna/o. Essas foram às imagens vendidas pelos colonizadores sobre as/os descendentes de africanas/os e ainda hoje se proliferam. Kilomba (2010) descreve as máscaras de tortura como “[...] um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito Negro, instalado entre a língua e a mandíbula e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa” (2010, p. 172). Prática desumanizante que tinha como intuito disfarçado proibir que as/os escravizadas/os roubassem e comessem as frutas das plantações de cacau e cana-de-açúcar, porém o objetivo principal era calar sua boca.

Nesse contexto, as máscaras apresentam-se como forma de epistemicídio, ou seja, a anulação daquilo que é produzido (cultural e intelectualmente) pela/o afrodescendente. Para pensarmos sobre epistemicídio trazemos as contribuições de Carneiro (2005) que percebe esse

fenômeno para além da anulação do conhecimento trazido por Boaventura de Sousa Santos (2007), mas também um “processo persistente de produção da indigência cultural” (p. 97). Para conseguir silenciar a/o outra/o, foi necessário inferiorizá-la/o, desqualificá-la/o, hierarquizá-la/o. O epistemicídio se instaura de maneira complexa e sofisticada de forma a ferir a/o afrodescendente na sua racionalidade e mais do que isso, afeta sua condição humana, trata-se da morte de sua humanidade. As máscaras enquanto metáfora de silenciamento também simboliza as novas configurações do colonialismo, reformulado como colonialidade. De acordo com Oliveira e Candau (2010) essa configuração é resultado direto do colonialismo moderno, mas ao contrário deste último, não estabelece uma relação formal de poder entre povos, mas está presente na escrita, no trabalho, nas relações vividas, nos textos acadêmicos, nos livros didáticos de maneira à invisibilizar e subalternizar aquilo que está fora de algumas áreas do eixo Europa – Estados Unidos.

A colonialidade ainda pode se apresentar sob três formas, embora estejam intimamente conectadas, sendo elas, a colonialidade do poder, saber e ser. De acordo com Oliveira e Candau (2010) a colonialidade do poder é a imposição do conhecimento/saber do colonizador como melhor e mais adequado; enquanto que o “outro” encontra-se numa situação de subalternização. A colonialidade do saber está relacionada com a repressão a todo conhecimento que não seja de descendência europeia; e por último, a colonialidade do ser, que nega a condição humana aos povos historicamente e socialmente colocados numa situação de subalternização. As máscaras e sua tentativa de calar a boca das/os afrodescendentes bem expressam as dinâmicas do colonialismo (do passado) e da colonialidade (do presente).

Por que calar a/o afrodescendente? O que representa a boca da/o afrodescendente para o colonizador? O que teme o colonizador? Grada Kilomba (2010), explica que a boca representa o órgão de repressão do racismo, cala-se a/o afrodescendente porque o colonizador tem medo de reconhecer aquilo que ele próprio fantasiou sobre o/a outro/a, ou seja, o ladrão, o violento, o bandido, o menos que “ser humano humanizado”.

A máscara silencia a/o afrodescendente e esconde a verdadeira face do colonizador. O colonizador não quer ser confrontado com as verdades da/o outra/o e por isso quer reprimi-las, apagá-las, de fato silenciar com o uso de máscaras. Essa dualidade personifica aquilo que Fanon (2008) diz sobre a neurose do homem e mulher eurodescendentes colonizadores/as ao conviver com o complexo de superioridade e a neurose do homem e mulher afrodescendentes em relação ao complexo de inferioridade em convívio com o/a descendente europeu. O

problema é de todas e todos. Essa máscara passa a ser não apenas um instrumento de tortura, mas também um instrumento que denuncia o lugar de fala do/a colonizador/a.

Quem fala? Quem está sendo calada/o? Mulheres e homens afrodescendentes e eurodescendentes possuem lugares de falas diferentes. Ribeiro (2017) explica que o lugar de fala é a localização social que as/os sujeitas/os estão inseridas/os. Lugares e condições historicamente definidos, existindo de um lado um grupo hegemônico com autorização de fala e outro constantemente e duramente repreendido.

Como dito anteriormente mulheres e homens afrodescendentes e eurodescendentes possuem lugares de falas diferentes e isso precisa ser entendido de maneira interseccional. As categorias raça, gênero, classe, geração, sexualidade e outras, são marcadores de diferenciação desses lugares. Mulheres afrodescendentes de classes mais favorecidas e com características fenotípicas semelhantes aos eurodescendentes possuem lugar de fala distinto de mulheres do mesmo grupo racial pobre e com características fenotípicas negroides acentuadas, embora todas elas vivenciem mecanismos de invisibilidade, apagamento, discriminações e racismos.

Se antes éramos severamente punidas, castigadas, com uso de máscaras de silenciamento, que instrumentos visíveis e/ou invisíveis são impostos, hoje, para calar nossas bocas, enquanto mulheres afrodescendentes? Que mecanismos de silenciamento podem ser encontrados no espaço literário em relação à mulher afrodescendente? Quais ferramentas de apagamento as meninas afrodescendentes vivenciam no espaço escolar? O que as mulheres afrodescendentes estão produzindo como resposta a essas técnicas de apagamento? O que podemos aprender com essas respostas de resistência? Essas perguntas servem de dispositivo para pensarmos sobre e buscar algumas ponderações, possivelmente não encontraremos respostas fixas e sim, mais problematizações.

A constituição de uma literatura afrodescendente pode ser encarada como uma resposta aos mecanismos de silenciamento e desqualificação daquilo que é produzido pelas/os afrodescendentes. Sua característica principal é o combate ao racismo como menciona Cuti (2010, p. 12): “Os autores nacionais, principalmente os negros brasileiros, lançaram-se a esse empenho, não por ouvir dizer, mas por sentir, por terem experimentado a discriminação em seu aprendizado”. Trata-se de uma literatura que fala sobre os cotidianos, sobre as experiências da população afrodescendente, pode está associada a uma denúncia as desigualdades, discriminações e racismo, como também proporcionar a valorização das identidades afrodescendentes com mensagens de representatividade. São também mensagens de vitórias, resistências, sobrevivências e resiliências.

Mas, o que de fato constitui a literatura afrodescendente? Retomamos as ideias de Fonseca quando diz que esse termo “[...] parece se orientar num duplo movimento: insiste na constituição de uma visão vinculada às matrizes culturais africanas e, ao mesmo tempo, procura traduzir as mutações inevitáveis que essas heranças sofreram na diáspora” (2006, p. 24). Por isso, compreendemos que essa terminologia consegue abarcar nossas origens e identidades, proporcionando diálogos e questionamentos. Embora ao se tratar desse tipo de literatura algumas perguntas são elencadas, como, apenas autoras e autores afrodescendentes podem escrevê-la? Qual a temática dessa literatura? Quais seus objetivos? Diante dessas perguntas, recorreremos às ponderações feitas por Duarte (2007) sobre literatura afro-brasileira. Mesmo não utilizando a mesma terminologia do referido autor, entendemos que suas ponderações podem ajudar a entender a composição da literatura afrodescendente (e afro-brasileira).

Duarte (2007) numa tentativa de responder tais questões elaborou cinco premissas sobre a literatura afro-brasileira, a primeira está relacionada com a temática, no caso, a (o) afrodescendente em todos os seus aspectos (social, cultural, artístico) é o tema central desta literatura. A segunda premissa relacionada à autoria apresenta algumas controvérsias, principalmente se tratando de uma sociedade pautada na falsa democracia racial dificultando a definição de quem é afrodescendente no Brasil; além disso, outros aspectos também são levados em consideração, um deles é quando escritoras/es eurodescendentes escrevem sobre as questões relacionadas a afrodescendência sem abordar a temática de maneira adequada e muitas vezes realizam apenas uma mera representação de personagens afrodescendentes, Duarte denomina essa prática de negrismo; outro ponto é que nem todas/os afrodescendentes sentem interesse para escrever sobre essa temática; uma terceira reflexão seria a demasiada importância aos fatores externos em relação a construção literária; diante desse impasse, autoria e temática precisam estar em conjunto.

A terceira premissa diz respeito ao ponto de vista, ou seja, assumir uma perspectiva identificada a história, a cultura, a toda problemática inerente a essa população. Em quarto lugar, uma linguagem específica marcada pela expressão de ritmos e significados novos, e até mesmo um vocabulário oriundo da África. E o último elemento aponta para a formação de um público leitor afrodescendente. É preciso destacar que esses elementos isolados não configuram uma literatura afro-brasileira, todos precisam estar presentes e interagir entre si (DUARTE, 2007).

Os critérios apresentados acima foram disparadores para a seguinte indagação: estaria a/o personagem e a/o autora/o afrodescendente aprisionada/o na temática que gira em torno da

afrodescendência? Talvez possa soar uma pergunta retrógrada já que a consolidação de uma literatura afrodescendente e afro-brasileira é uma resposta a esse silenciamento de autoras/es e personagens descendentes de africanas/os na denominada “literatura brasileira”, mas, numa situação ideal onde os meandros racistas e sexistas não existissem ou fossem de proporções menores, a/o personagem e autoras/es afrodescendentes não precisariam está vinculados apenas a temática relacionada a afrodescendência. Por isso, enquanto essa situação ideal está longe de acontecer faz-se necessário fortalecer a literatura afrodescendente/afro-brasileira como potencializadora da valorização de nossas identidades, bem como, de denúncia às discriminações, racismos e sexismos.

Existem debates referentes a essa questão entre as/os estudiosas/os da literatura: se deveria existir a necessidade de uma literatura afrodescendente separada da literatura brasileira. Segundo Fonseca (2006) alguns teóricos consideram que a utilização do prefixo “afro” ou o termo “negro” particulariza a criação artística e literária, como uma cultura especial, e nesse sentido, estaria sendo excludente por não abarcar as outras culturas. No caso do Brasil, segundo esses teóricos, o correto seria “literatura brasileira”, levando em consideração a cultura dos povos brasileiros como um todo. Nessa concepção as/os afrodescendentes deveria se sentir contemplados com as/os personagens estereotipadas das/os descendentes de africanas/os apresentadas em grande quantidade na literatura brasileira. Uma tentativa evidente de manter e sustentar os meandros do epistemicídio. Dando continuidade, outras/os estudiosas/os consideram essa particularização necessária, pois a utilização de termos abrangentes não consegue capturar a complexidade de determinado povo e sua cultura(s), deixando-os de maneira minimizados e nivelados (FONSECA, 2006).

A literatura afrodescendente apresenta-se como forma de romper a autorização discursiva do grupo hegemônico, o lugar de fala da/o afrodescendente mostra-se como mecanismo forte para combater o silenciamento, anulação, desqualificação daquilo que é produzido por nós afrodescendentes, como explica Bernd (1988, p. 22) “[...] uma literatura cujos valores fundadores repousam sobre a ruptura com contratos de fala e de escritura ditados pelo mundo branco e sobre a busca de novas formas de expressão dentro do contexto literário brasileiro”. O lugar de fala pode ser então uma estratégia para quebrar as máscaras de silenciamento.

O que pode a literatura afrodescendente infantil ensinar as crianças? Pensando na dimensão “educações” no plural proposta por Brandão (2007) no qual acredita que a mesma ocorre de diversas formas e perpassa por toda vida/existência das pessoas, não estando atrelada unicamente a escola, podemos inferir que essa literatura proporciona elementos

positivos para a construção das identidades de crianças afrodescendentes, entendimento e respeito das diferenças raciais, de gênero, de classe, bem como, oportuniza que as crianças experimentem outros conhecimentos e realidades. São formas de aprender que contribui para o enfraquecimento dos estereótipos e discriminações vivenciadas pelas crianças afrodescendentes.

A escola é também reprodutora da exclusão e dos silenciamentos provocado pelo epistemicídio e outros meandros de violência como racismo, sexismo, machismo, homofobia (e outros), como bem esclarece Boakari, “[...] é a própria natureza da escola existente que exclui porque a sociedade também é excludente” (1999, p. 106). Por isso, a necessidade de encontrarmos mecanismos/ferramentas para enfraquecer essa estrutura excludente. A literatura afrodescendente e/ou outras literaturas que retratem outros povos, culturas e conhecimentos podem ajudar na desconstrução dessa configuração social que exclui e desqualifica aquela/e considerada outra/o.

Como resposta a essa situação foi promulgada devido às pressões dos movimentos de brasileiras/os afrodescendentes e outros setores da sociedade brasileira a Lei Federal 10.639/2003 (BRASIL, 2003). De acordo com a referida lei torna-se obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileiras no ensino fundamental e médio, alterando assim a Lei 9.394/1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (BRASIL, 1996). Entretanto, a lei de 2003 foi substituída pela Lei Federal 10.645/2008 (BRASIL, 2008) que acrescenta o ensino de história e cultura indígena nos currículos do ensino fundamental e médio. Compreendemos essa mudança como possível manobra política para apagar a conquista dos grupos organizados de afrodescendentes, mesmo assim ainda prevalece um aparato legal como forma de garantir a não exclusão das/os afrodescendentes no fazer dentro da sala de aula.

As referidas leis podem direta ou indiretamente ter contribuído para novas dinâmicas no mercado editorial brasileiro. As editoras que trabalham especificamente com obras relacionadas à afrodescendência ganharam maior incentivo para continuarem nesse mercado realizando obras que desnaturalizam os estereótipos negativos que recaem sobre essa parcela da população, como também, proporcionou que outras editoras que até então não se preocupavam com a temática, começar a produzir obras nesse segmento. Embora, nem sempre preocupadas com a qualidade do material produzido. Essas mudanças serão evidenciadas e discutidas a partir das falas das participantes da pesquisa nos próximos tópicos.

Outras formas de resistência estão sendo realizadas no cenário editorial como a organização de coletivos afrodescendentes que fomentam publicações de autoria desse grupo racial, como exemplo o grupo “Quilombhoje” que criou a série “*Cadernos Negros*” em 1978, como resposta a escassez dessa literatura no mercado editorial brasileiro, essa medida possibilitou que “descendentes de africanos passem de objeto a sujeito da escrita” (SALGUEIRO, 2004, p. 111). Além disso, é crescente a consolidação de editoras empenhadas a incentivar e publicar literatura afrodescendente, como Pallas, Mazza Edições, Ogum’s, Kapulana, Nandyala, Malê Edições, Ciclo Continuo Editorial, Selo Negro – Summus. Recentemente, no ano de 2017, foi inaugurada em São Paulo a livraria “Africanidades”, segundo D’Angelo (2017) a mesma é especializada em livros de autoria feminina desenvolvida pela bibliotecária Ketty Valencio. Numa entrevista cedida a D’Angelo a fundadora da livraria “Africanidades” mencionou que se inspirou em outros empreendimentos/movimentos como a livraria “Kitabu,” no Rio de Janeiro, especializada em livros sobre a cultura afro-brasileira e o coletivo “Mulheres Negras na Biblioteca” (desde 2016, esse coletivo questiona a ausência de autoras afrodescendentes nas bibliotecas).

Algumas mulheres afrodescendentes estão conseguindo produzir rachaduras nas máscaras de silenciamento através da literatura afrodescendente, apresentando outras representações de mulher descendente de africanas/os, questionando os meandros sexistas e machistas, bem como, realizando denúncias referentes às desigualdades sociais-raciais-gênero. Já citamos em outro momento mulheres como Esperança Garcia, escravizada afrodescendente que redige uma carta denunciando o sistema escravista ao Governador do Piauí, em 1870 (SOUZA, 2015) e Maria Firmina dos Reis, considerada até o momento a primeira mulher afrodescendente a escrever um livro, intitulado “Úrsula”, um romance abolicionista, possivelmente o primeiro na história do Brasil (VIANNA, 2017). De formas diferentes produziram respostas fortes e criativas aos meandros escravocratas, racistas e sexistas de suas épocas.

Outras mulheres em tempos mais recentes conquistaram ou estão conquistando maior espaço no cenário literário brasileiro (e fora dele), e com isso, rompendo com as armadilhas do epistemicídio, racismo e sexismo presente no mercado editorial brasileiro que restringe a publicação de literatura afrodescendente, pois, preferem as obras dos autores de descendência europeia ou autores estrangeiros com seus famosos *best sellers*. Dentre essas mulheres, podemos citar: Maria Carolina de Jesus, Conceição Evaristo, Miriam Alves, Sonia Fátima da Conceição e Geni Guimarães. Empenhadas a lutar contra o racismo, sexismo e outras desigualdades, mostram sua força e resistência na literatura contemporânea:

As escritoras afro-brasileiras, a partir de sua História, dentro de sua luta, retratam a razão e coração da mulher negra brasileira e se estabelecem com o tempo como referência obrigatória no panorama da literatura contemporânea de seu país. Sempre combativas contra a discriminação, as escritoras afro-americanas e afro-brasileiras adotam específicas e diferentes estratégias de ação em sua luta (SALGUEIRO, 2004, p. 119).

Maria Carolina de Jesus (1914-1977) provocou tensões nas malhas do epistemicídio a partir do seu lugar de fala, como mulher afrodescendente, mãe solteira, pobre, moradora de uma favela que escreve num diário improvisado. Elencamos de maneira sintetizada um pouco de sua história com base nos estudos de Coronel (2011): Carolina era oriunda do município mineiro de Sacramento e mudou-se em 1947 para São Paulo, na extinta favela do Canidé, tendo estudado apenas as séries iniciais a mesma escrevia as dificuldades e experiências de seu cotidiano em papéis achados no lixo; em 1958 o jornalista Audálio Dantas interessa-se por seus escritos e ajuda em sua publicação; em 1960 seu diário é publicado pela Livraria Francisco Alves, intitulado “*Quarto de Despejo: diário de uma favelada*” (CORONEL, 2011).

A escritora afrodescendente de pouca instrução, pobre, moradora de favela tira as “máscaras” que lhe amordaça relatando suas experiências, ao mesmo tempo em que realiza denúncias sociais. Segundo Coronel (2011) a obra “*Quarto de Despejo: diário de uma favelada*” causou estranhamento à sociedade da época, sua produção foi encarada como algo exótico e curioso, foi por causa dessa curiosidade e exotismo que o mercado editorial se interessou pela obra de Carolina. Os estereótipos e desqualificação ainda sobrevivem, pois as críticas trataram de desqualificar sua escrita em detrimento dos “tropeços gramaticais” oriundos da pouca instrução de Carolina.

A partir do seu lugar de fala proveniente de intersecções de raça-gênero-classe, a escritora afrodescendente faz parar literalmente o mercado editorial brasileiro de sua época:

[...] esta espécie de “empobrecimento” da linguagem literária advinda de sua pouca instrução, o que criava uma situação editorial nova no país. Uma vez que a voz do favelado se fazia ouvir pela primeira vez em terreno autoral, o que constituía inegavelmente um nicho novo no mercado literário, fato facilmente comprovável pelas novas edições que rapidamente a obra recebeu e também pelas diferentes traduções que originou, fazia-se necessário preparar devidamente o público para a recepção de um tipo de texto diferenciado (CORONEL, 2011, p. 64).

As malhas do epistemicídio podem ser evidenciadas quando comparamos à visibilidade e tratamento dado a Maria Carolina de Jesus (1914 – 1977) e Clarice Lispector (1920 – 1977), ambas contemporâneas. Essas duas autoras possuíam lugares de fala

diferenciados, como descreve Macena (2018, p. 46): “Clarice Lispector, mulher, branca, elitizada e autora consagrada, em contraposição a Carolina Maria de Jesus, mulher, negra, pobre e autora pouco conhecida”. Como vimos anteriormente, Maria Carolina tornou-se reconhecida na época em que seu livro “*Quarto de Despejo: diário de uma favelada*” foi publicado, em 1960, mas hoje muita gente desconhece seu trabalho e sua história, entretanto, o mesmo não ocorre com as obras de Lispector, valorizadas e bem recebidas pelo mercado editorial dentro e fora do Brasil.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu no dia 29 de dezembro de 1946 em Belo Horizonte, proveniente de uma família humilde e moradora de uma favela trabalhou como empregada doméstica até 1971 e neste mesmo ano concluiu o Ensino Normal. Desde 1973 se estabeleceu no Rio de Janeiro, foi aprovada nesse período num concurso para o Magistério. Posteriormente realizou mestrado em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ), tendo como dissertação “Literatura Negra: uma poética de nossa afrobrasilidade”, em 1966; doutorou-se pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com a tese intitulada “Poemas malungos, cânticos irmãos”, em 2011. O seu primeiro romance “Ponciá Vivêncio” publicado em 2003 faz da autora a segunda escritora afrodescendente a publicar no exterior, depois de Maria Carolina de Jesus em sua obra “*O quarto de despejo: diário de uma favelada*”, em 1960 (SALGUEIRO, 2004; SOUZA, 2014).

Em suas obras, como por exemplo, “Ponciá Vivêncio”, “Olhos d’água”; “Insubmissas lágrimas de mulheres” e outras, destacam-se o olhar da mulher afrodescendente apresentando as dificuldades e experiências cotidianas desse grupo, além disso, promove aberturas para que outras mulheres afrodescendentes possam adentrar a literatura:

A obra literária de Conceição Evaristo, dividida entre poemas e contos publicados, além de um romance inédito, narra sob a ótica nitidamente feminina, problemas do cotidiano de mulheres negras, em formato repleto de poesia, e pleno de referências culturais, que buscam momentos fortes de uma cultura que se reconstitui (SALGUEIRO, 2004, p. 120).

Salgueiro (2004) também evidencia de maneira sintetizada outras escritoras afrodescendentes no cenário contemporâneo, como Miriam Alves que através de seus textos desmonta o estereótipo da passividade da mulher afrodescendente, destaca-se no cenário literário em razão de suas poesias e pelo seu trabalho na antologia poética bilingue “*Enfim nós/Finally us: Escritoras Negras Brasileiras Contemporâneas*” (p.118). Esmeralda Ribeiro acredita que a literatura pode “desafiar as imagens negativas, estereotipadas e deturpadas, apresentadas por escritores homens tanto no passado como no presente, tais como a da

‘mulata sensual’” (p. 118). Sônia Fátima da Conceição a partir de suas obras tenta provocar a construção de estratégias para a disseminação da voz da/o afrodescendente, exemplo disso é sua obra “Marcas, sonhos e raízes” (p. 118). Geni Guimarães adentra principalmente na produção narrativa e também realiza poemas e contos infantis, recebeu prêmio pela Fundação Nestlé de Cultura com o conto “Leite do Peito”, e tem parte de suas obras traduzidas para o alemão (p. 119).

Nesse exercício de valorizar as escritas de mulheres afrodescendentes também citamos as produções acadêmicas de algumas mulheres descendentes de africanas/os que integram o Núcleo RODA GRIÔ, como, Ir. Elizete Dias da Silva, mestra em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) com a dissertação “Povo bom da cancela – identidade e afrodescendência: o que a escola tem com isso?” defendida em 2012 (SILVA, 2012); Poliana Rezende Soares Rodrigues, mestra em educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com a seguinte dissertação: “Infância Negra: uma análise da afirmação da identidade racial a partir dos livros infantis”, em 2012 (RODRIGUES, 2012); Vicelma Maria de Paula Barbosa Sousa obteve o título de mestre em Educação pela UFPI com a dissertação “Rap de ‘Quebrada’: Construção de Sentidos e saberes pelos grupos de Rap – ‘A Irmandade’ e ‘Reação do Gueto’ de Teresina-PI”, em 2012, atualmente está fazendo doutorado em Educação na mesma instituição (SOUSA, 2012); Haldaci Regina da Silva realizou mestrado em Educação pela UFPI com a dissertação: “Sabores da casa, sabedorias de terreiros: práticas educativas e construção de saberes em um terreiro de Teresina”, em 2013 (SILVA, 2014); Raimunda Ferreira Gomes Coelho defendeu a dissertação intitulada “As educações escolar e social na formação da identidade racial de jovens nos quilombos de São João do Piauí”, em 2013, obtendo o título de mestre em Educação pela UFPI (COELHO, 2014).

Dando continuidade, Raimunda Nonata da Silva Machado realizou doutorado em Educação pela UFPI com a seguinte tese “Gênero e raça na educação à distância: há outras epistemologias na prática educativa de formação docente?”, em 2015 (MACHADO, 2015); Francilene Brito da Silva doutorou-se em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com tese intitulada “Imagens de Mulheres e Crianças Afrodiaspóricas: Narrativas Piauienses para além do Museu Brasileiro”, em 2017 (BRITO, 2017); Elenita Maria Dias de Sousa Aguiar defendeu no ano de 2018 a seguinte tese de doutoramento “Práticas de avaliação da aprendizagem e questões raciais: experiências em uma escola municipal de Teresina – PI” no programa de pós-graduação em educação da UFPI (AGUIAR, 2018); Leudjane Michelle Viegas Diniz Porto doutorou-se em Educação pela UFPI com a tese intitulada “Com a palavra, a/o mestra/e: a afrodescendência e a Educação Profissional

Tecnológica em tempos de educação para as relações raciais” no ano de 2018 (PORTO, 2018); na mesma instituição, Ilanna Brenda Mendes Batista defendeu a dissertação intitulada “Resistências em mulheres afrodescendentes organizadas: o que ensinam e aprendem em espaços não escolares?”, em (BATISTA, 2019); Alessandra Raniery Araújo Alves de Sousa graduou-se em Pedagogia pela UFPI com o seguinte trabalho de conclusão de curso: “O poder de sentir a fala: contribuições da educação escolar/universitária na construção da identidade racial de mulheres afrodescendentes lésbicas de sucesso educacional”, em 2016 (SOUSA, 2016); nesse mesmo período também me graduei em Pedagogia com o seguinte trabalho conclusivo: “No mundo encantado dos contos de fadas onde estão as princesas afrodescendentes?” (SOUZA, 2016).

Algumas mulheres afrodescendentes integrantes do Núcleo RODA GRIÔ também realizaram pesquisas através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), como Meire Michele dos Santos Rocha, com os seguintes projetos de pesquisa, “Estórias de brasileiras afrodescendentes de sucesso: raça e gênero na educação” (2011); “Experiências educacionais de mulheres brasileiras afrodescendentes - construção e afirmação de sua identidade” (2012) e “Questões de auto-estima - mulheres afrodescendentes de sucesso educacional” (2013). Rayane Gomes Abreu Bacelar teve como estudos os seguintes trabalhos “Mulheres brasileiras afrodescendentes de sucesso educacional: como a auto-estima influencia na identidade e no sucesso educacional de algumas mulheres do ensino médio” (2014) e “Brasileiras/os afrodescendentes de sucesso educacional: comparando algumas experiências de mulheres e homens universitários” (2015). Outra participante do referido programa foi Luzia Bethânia da Silva Lopes, com as seguintes pesquisas “Mulheres afrodescendentes de sucesso educacional: comparando algumas experiências” (2014); “Mulheres brasileiras afrodescendentes de sucesso educacional: quais os efeitos de apelidos no processo escolar?” (2015) e “Afrodescendentes de sucesso escolar: comparando experiências de mulheres e homens universitárias/os em relação aos apelidos” (2016).

Nesse mesmo período também realizei pesquisas no programa em destaque, a saber, “Mulheres brasileiras afrodescendentes de sucesso: influências de atividades culturais” (2014); “Mulheres brasileiras afrodescendentes de sucesso escolar: influência dos contos de fadas na construção de suas identidades” (2015) e “Contos de fadas para gerações diferentes: construindo identidades das mulheres afrodescendentes de sucesso educacional” (2016). Ao mesmo tempo, tivemos as contribuições de Alessandra Raniery Araújo Alves de Sousa, com o estudo “O poder de sentir a fala: identidade racial de mulheres afrodescendentes lésbicas de sucesso educacional” (2016) e Débora Lopes dos Santos, com o seguinte trabalho,

“Afrodescendentes de sucesso escolar: experiências de mulheres e homens universitárias/os de cursos elitizados em universidades” (2016). Essas são apenas algumas das mulheres afrodescendentes pesquisadoras, educadoras, escritoras e resistentes do núcleo RODA GRIÔ.

Dar visibilidade a essas mulheres, em especial no contexto piauiense atual, na literatura afrodescendente, literatura infantil, no espaço acadêmico e nas diversas manifestações de resistências é demonstrar como os lugares de fala em que estão inseridas conseguem provocar tensões, rachaduras e até mesmo rompimentos nas máscaras invisíveis de silenciamento, e assim, combater de maneira resistente e criativa o epistemicídio que assola o mercado editorial brasileiro, e acima de tudo em nosso cotidiano. Essa atitude promove o fortalecimento de nossa humanidade e racionalidade historicamente negadas pelos aparatos colonialistas, racistas e sexistas.

## RESUMO DA SEÇÃO

Nesta seção discorreremos sobre as categorias de raça-gênero-classe de maneira interseccional, ou seja, sem “separá-las em partes distintas e isoladas”. As inter-relações nas causas e efeitos destes fatores foram enfatizadas. Por isso, foram destacadas minhas experiências como forma de evidenciar meu lugar de fala, como mulher afrodescendente, de classe menos favorecida e professora (e outras características). Partindo disso, discutimos as consequências e efeitos do epistemicídio trazendo as “máscaras de silenciamento” como metáfora para entendermos os meandros dessa configuração. Diante da situação apresentada, evidenciamos algumas respostas de enfrentamento de mulheres afrodescendentes na literatura frente ao epistemicídio, bem como, dentro da academia. Os silenciamentos continuam, mas com rachaduras e rompimentos irreparáveis, até num estado periférico como o Piauí. A lição maior dessa seção foi perceber que o lugar de fala de mulheres afrodescendentes podem provocar tensões e rachaduras nas malhas do epistemicídio. Assim, na próxima seção apresentamos os principais caminhos metodológicos pensados, planejados e trilhados durante a realização dessa pesquisa.

## 4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

### **Primeiras Palavras**

Nesta seção tratamos dos caminhos metodológicos pensados, planejados e percorridos na realização deste estudo. Para melhor compreensão das escolhas, etapas e dos procedimentos desenvolvidos dividimos em alguns tópicos, a saber: “Escolha da metodologia: percorrendo os caminhos”; “Trilhando novos e velhos caminhos: acessando as informações relevantes”; “Nas malhas virtuais da *internet*: a utilização dos *sites* e catálogos *online*”; “Imensidade de dados: é chegada a hora de organizar e analisar”. Esses tópicos abordam as orientações metodológicas pensadas e seguidas neste trabalho. Algumas experiências, angústias, dúvidas e conquistas foram trilhadas no decorrer do fazer-pesquisa, e por isso, em determinados trechos dessa seção foi utilizado a primeira pessoa do singular.

#### 4.1 Escolha da metodologia: percorrendo os caminhos

A presente pesquisa é uma investigação qualitativa do tipo exploratória e descritiva, segundo os apontamentos de Flick (2009) e Gil (2008). Esta investigação é de cunho qualitativo por entender que esse tipo de abordagem preocupa-se com as práticas e interações sociais da vida cotidiana onde “os objetos não são reduzidos a simples variáveis, mas sim representados em sua totalidade, dentro de seus contextos cotidianos” (FLICK, 2009, p. 24). As pesquisas exploratórias são normalmente realizadas quando o tema escolhido é pouco investigado e “são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, do tipo aproximativa, acerca de determinado fato” (GIL, 2008, p. 27), trata-se de uma etapa preliminar, por isso, optamos também pelo uso da pesquisa descritiva que visa conhecer e descrever detalhadamente um fenômeno.

O caminhar da pesquisa se deu primeiramente com a procura de literatura correspondente as temáticas encontradas nesta investigação, utilizamos livros impressos, digital e *sites*. Feito isso, realizamos leituras cuidadosas sobre o mercado editorial brasileiro, literatura afrodescendente, mulheres afrodescendentes na literatura e as interfaces da literatura infantil nas educações. Nesse exercício de ler, fizemos anotações e inferências nos textos, garantindo ampliação dos conhecimentos, bem como, estabelecemos conexões com o estudo proposto. Posteriormente, entramos no universo das editoras especializadas em obras relacionadas à afrodescendência. Encontramos 10 editoras nacionais com escopo nas questões raciais (Malê Edições; Selo Negro – Summus; Mazza Edições; Nandyala; Ciclo Contínuo Editorial; Pallas; Ogum’s; Kapulana; Príncipes Negros e Grupo Editorial Rainha Ginga) - sendo que as duas últimas estão desativadas – optamos em investigar a princípio três dessas editoras, a saber: Mazza Edições, Pallas e Ogum’s. Entretanto, apenas as duas primeiras editoras se prontificaram a participar concedendo uma entrevista e um roteiro de perguntas devidamente respondido por *e-mail*.

Para escolhermos as editoras, enviamos convites de participação de pesquisa via *e-mail* e dentre as oito instituições apenas as três citadas anteriormente responderam e aceitaram participar do projeto em questão, colocamos nos apêndices “A” e “B” os documentos referentes à participação da pesquisa, a saber, “Convite de participação da pesquisa” e “Carta de anuência para autorização de pesquisa”. Embora, como já dito anteriormente os planos iniciais sofreram modificações resultando na participação de apenas duas editoras, Pallas e Mazza Edições. Essa atividade de enviar *e-mails* e esperar as respostas das editoras foi angustiante, a demora nas mesmas nos fazia acreditar que nenhuma das empresas iria atender

nosso pedido, e com isso muitas inseguranças surgiram. As respostas positivas das três editoras nos deram ânimo para continuar esse estudo.

Como forma de melhor contextualizar e conhecer as editoras do estudo realizamos um levantamento prévio de dados referentes à história de surgimento, publicações e ações realizadas por essas empresas em seus *sites*. Além dessa atividade prévia, realizamos outro levantamento mais elaborado e sistemático dos catálogos das editoras, para estabelecer a quantidade de publicações; os anos que foram realizados e a quantidade de autoras e autores de obras com personagens femininas afrodescendentes.

No que se refere às entrevistas optamos pelo uso de uma entrevista semiestruturada através do *software Skype* e outra do tipo estruturada por *e-mail*. Essas escolhas devem-se ao fato de que as sedes das editoras se localizam em outros estados, e por isso, consideramos mais viável e de menor custo benefício esse tipo de entrevista. A editora Mazza Edições está localizada em Belo Horizonte, Minas Gerais e a editora Pallas no Rio de Janeiro (capital). Como forma de armazenar as entrevistas por *Skype*, em substituição do gravador, utilizamos o programa *Kazam* que captura a conversa dinamicamente através de vídeo. A entrevista por *e-mail* foi devidamente arquivada.

Entretanto, no decorrer da realização dessas entrevistas, a profissional de edição da editora Mazza Edições optou em realizar a entrevista via *e-mail*, com respostas escritas mediante um roteiro de perguntas previamente estabelecido. Justificou essa escolha por motivo de falta de tempo e por se sentir mais à vontade com essa proposta. Assim, realizamos (01) entrevista via *Skype* com a pessoa envolvida na edição da Editora Pallas; (01) questionário aberto via *e-mail* enviado a Editora Mazza Edições. Os roteiros de perguntas encontram-se nos apêndices “C” e “D” respectivamente, para melhor compreensão.

Para esta pesquisa as informações mais relevantes foram acessadas através de uma entrevista *online* via *Skype*, questionário aberto também *online* e levantamento dos catálogos *online* das editoras Pallas e Mazza Edições. Frisamos que a escolha de vários instrumentos de pesquisa foi desafiador, pois exigiu uma maior preparação na utilização das mesmas. Citamos como principal vantagem à possibilidade de encontrar informações diferenciadas de maneira ampla, viabilizando uma maior descrição e entendimento do objeto de estudo. E como desvantagem, escolher a melhor forma de organizar e analisar as informações obtidas, já que se caracterizaram de maneira ampla e diversificada. Diante disso, escolhemos como técnica de análise dessas informações a “análise de conteúdo” a partir dos estudos de Bardin (1977) e Bauer e Gaskell (2015) e outros. Valorizamos os códigos de ética na pesquisa e assim, iniciamos o processo de investigação em campo após o parecer positivo do Comitê de Ética

da Universidade Federal do Piauí. Este documento encontra-se no anexo “A”, intitulado “Parecer do comitê de ética – UFPI”.

A existência de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) nas instituições que realizam pesquisas com seres humanos assegura os direitos e segurança aos participantes da pesquisa, para que não sofram qualquer tipo de prejuízo (físico e/ou emocional). Para aprovação do projeto de pesquisa que resultou neste presente trabalho foi necessário que o mesmo fosse cadastrado na Plataforma Brasil (sistema eletrônico desenvolvido pelo Governo Federal para sistematizar o recebimento dos projetos de pesquisa que envolva seres humanos nos Comitês de Ética em todo o país). No que se refere esse estudo, o projeto foi analisado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Piauí, instituição que esta pesquisadora está inserida.

O processo de cadastramento foi uma experiência árdua que exigiu paciência, pois a Plataforma Brasil exige uma série de documentos e qualquer equívoco ou não inclusão de algum desses documentos acarreta na devolução do projeto a pesquisadora/o. Esses documentos que possuem como objetivo salvaguardar a segurança, dignidade e direitos das/os participantes da pesquisa, são: Carta de Encaminhamento, Declaração Pesquisadores, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, dentre outros. Esses documentos encontram-se nos Apêndices “E”, “F” e “G” respectivamente, no final desse trabalho.

A maior dificuldade foi advinda da distância das instituições/pessoas com quem desejávamos realizar a pesquisa, neste caso, editoras que priorizam produções de livros voltados às questões da afrodescendência. Como apenas três instituições aceitaram participar da pesquisa, Mazza Edições, Pallas e Ogum's, elaboramos um documento intitulado “Andamento da aceitação das/os participantes da pesquisa” esclarecendo a situação e o compromisso em estudar apenas as instituições que concordaram colaborar com a pesquisa (este documento foi inserido no Apêndice “H”). Feito isso, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética estando apto a ser desenvolvido.

#### 4.2 Trilhando novos e velhos caminhos: acessando as informações relevantes

Para conhecer e entender as respostas que as editoras como entidades estão conseguindo oferecer, consideramos oportuno e de vital importância conversar com as pessoas envolvidas na direção/organização dessas referidas instituições. Por isso, optamos pelo uso das entrevistas. Com essa técnica pretendemos conhecer o funcionamento das editoras; saber a opinião das entrevistadas sobre o mercado editorial brasileiro e livros sobre afrodescendência; conhecer os projetos vinculados a essas instituições; bem como, recolher informações referentes aos processos editoriais de suas respectivas empresas. A dinâmica do mercado editorial brasileiro revela a realidade racista, machista e sexista de nossa sociedade e conseqüentemente da educação escolar. E por isso, a importância de conhecermos e entendermos o papel pedagógico dessas profissionais de edição: O que ensinam? O que podemos aprender? Como ressignificar esses ensinamentos e aprendizagens na educação escolar?

As participantes da pesquisa foram duas mulheres, sendo que uma delas preferiu manter o anonimato, trata-se da profissional de edição da Editora Pallas, mulher de aparência fenotípica eurodescendente, realizou mestrado em editoração e neta do fundador da editora. A segunda participante, profissional de edição da editora Mazza Edições se chama Maria Mazarello Rodrigues, mulher afrodescendente de origem humilde e mestra em editoração. Apresentamos mais detalhes sobre as mesmas a partir do tópico “As editoras Pallas e Mazza Edições: construindo, persistindo e resistindo”.

Com a introdução cada vez mais rápida das novas tecnologias de informação, muitos dos métodos qualitativos existentes vêm sendo adaptados às pesquisas que utilizam a *internet* como ferramenta, como por exemplo, as entrevistas por *e-mail*, os grupos focais *online* e a etnografia virtual (FLICK, 2009). Pensando nisso, resolvemos aliar a viabilidade e praticidade dessa ferramenta com a execução dessa pesquisa. A utilização da *internet* como fonte de aprendizagens e interação social é cada vez mais requisitada no contexto atual, Magalhães ajuda-nos a refletir sobre a gama de possibilidades que a *internet* proporciona, “A interconexão de computadores trouxe possibilidades jamais pensadas no conjunto de circunstâncias das telecomunicações. Potencialmente, a Internet permite a qualquer usuário conhecer o que acontece no mundo e interagir com todos” (2016, p. 135).

Tendo em vista que as entrevistadas estavam situadas geograficamente distantes dessa pesquisadora optamos pelo uso da entrevista *online* síncrona. Segundo Flick (2009) esse tipo de entrevista apresenta-se quando pesquisadora/o e participante trocam diretamente perguntas

e respostas enquanto ambas/os estão *online* simultaneamente, como exemplo, os *chats* ou bate-papos, através de *softwares* como *Skype* e *Hangout*. Elegemos a entrevista *online* síncrona por meio do *Skype*, pois, a mesma é a mais próxima das entrevistas tradicionais “face a face”.

Além disso, conseguimos perceber outras vantagens desse tipo de entrevista como: algumas pessoas se sentem apreensivas para responder “frente a frente” no mesmo ambiente; menor custo benefício; a/o pesquisadora/o terá o conteúdo em formato de vídeo salvo para análise posterior, o que não ocorreria numa entrevista tradicional que normalmente opta-se pelo uso de gravadores (FLICK, 2009).

Contudo, é preciso está ciente de algumas desvantagens que a entrevista *online* síncrona apresenta: entrevistada/o pode não ter familiaridade com a *internet* e manuseio do computador; as/os participantes podem ser afetadas/os por influências externas em seus contextos diários; interrupção da entrevista por alguma falha de conexão na *internet*; conseguir visualizar apenas o busto da/o entrevistada/o, ocasionando pouca percepção das linguagens corporais e gestos; tanto entrevistada/o como pesquisadora/o devem ter em seus computadores *softwares* ou programas específicos de vídeo-chamada (FLICK, 2009).

Cientes de desafios como estes foram tomadas medidas para suprir ou amenizar possíveis problemas na execução das entrevistas, por exemplo, entramos em contato com as entrevistadas previamente para estabelecer o *software* a ser utilizado, bem como, dia e horário para a realização da entrevista, o local escolhido para a realização da entrevista era reservado e sem ruídos externos, impossibilitando qualquer tipo de interrupção; realizamos testes preliminares para checar as ferramentas do *software* escolhido, bem como, a conexão com a *internet*. Entretanto, mesmo com essas medidas tivemos alguns contratemplos com a escolha do *software* de vídeo-chamada para a realização da entrevista com o editor da Editora Ogum's, como relatado no início desse trabalho.

Como tipo de entrevista, optamos pela semiestruturada via *Skype*, pois a mesma mantém tanto a presença objetiva da/o pesquisadora/o como a importância da/o participante. De acordo com Triviños esse tipo de entrevista pode ser entendido como: “[...] aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante” (1987, p. 146).

Para a realização da entrevista síncrona via *Skype* realizamos uma série de testes, pois não estávamos acostumados a utilizar esse *software* e suas funções, com ajuda de amigos pesquisadores da área computacional aprendemos os procedimentos e ferramentas no uso do

*Skype* que são diversas, como, realizar chamadas de vídeo e de voz, enviar mensagens através do *chat*, bem como, compartilhar a tela do computador e arquivos simultaneamente a chamada de voz e/ou conversa no *chat*. Dentre essas tentativas foram realizadas vídeos-chamadas para experimentar essas funções, assim como, assegurar que fosse devidamente salva através do programa *Kazam*.

Primeiro passo para a realização desse tipo de entrevista é escolher o *software* que permite fazer chamadas de vídeos, dentre eles podemos citar, *Skype*, *Hangout*, *Messenger* e outros. Preferimos a utilização do *Skype* por ser um *software* mais comum entre as pessoas, além de possuir outras ferramentas que facilitam a comunicação. Feito isso, o primeiro passo é fazer *download* do *software* escolhido, no caso, o *Skype*, disponibilizado no seu *site* (<https://www.skype.com/pt-br/>). Logo após, cadastra-se uma conta em um *e-mail* do grupo *Microsoft*, ou alternativamente utiliza-se o número de celular. Para adicionar a/o entrevistada/o com quem se deseja conversar é preciso saber seu nome de contato e posteriormente procurá-la/o no campo de busca do *software*. Encontrado a/o participante, ambas/os precisam permanecer *online* para iniciar a vídeo-chamada, por isso, é necessário combinar previamente o horário, ou até mesmo mandar uma mensagem na ferramenta “*chat*”. Para realizar a vídeo-chamada é necessário selecionar o contato da pessoa com quem se deseja conversar, após isso, para iniciar a vídeo-chamada deve-se clicar no ícone que se assemelha a uma máquina filmadora no canto superior direito e esperar a/o entrevistada/o atender (aceitar a vídeo-chamada), como numa ligação convencional. Diante disso alguns cuidados devem ser tomados para assegurar o bom andamento da entrevista e/ou conversa como, o ambiente deve ser iluminado, ter poucos ruídos externos, a câmera do computador ou celular devem ter uma boa resolução e a saída de som também devem estar funcionando, ou poderão ser utilizado fones de ouvido.

Durante a vídeo-chamada outras ferramentas podem ser utilizadas como, o *chat* (espaço de conversa escrita), disponível no canto inferior esquerdo com um ícone parecido com um “balão de conversa” nesse mesmo espaço é possível anexar arquivos, para isso, é preciso clicar no ícone simbolizado com “três pontinhos” na barra de ferramentas do *chat*, ao clicar nesse item, uma das opções é anexar mídia ou arquivos; compartilhamento de tela (possibilidade de compartilhar a tela do seu computador) nesse caso é preciso clicar no símbolo de adição localizado no canto inferior do lado direito e nele terá a opção de compartilhamento de tela e para desfazer a função precisa apenas acionar o item “parar de compartilhar” encontrado no mesmo local.

Para a realização da gravação das entrevistas/conversas pode-se utilizar a ferramenta de gravação do *Skype*, disponível apenas para a versão 08 do *software* ou podem ser utilizados programas específicos como o *Kazam*. Para utilização do programa *Kazam* é necessário realizar o *download* do mesmo no computador. Logo após, localiza o referido programa e clica na opção “*Screencast*” e confirma no botão “*capture*” para começar a gravação. Quando a conversa for encerrada clica-se novamente no ícone do programa, normalmente exposto na barra de ferramentas do computador e aciona a opção “finalizar a gravação”, feito isso, o programa dará a opção de salvar o vídeo no computador, nesse caso, deve-se selecionar o local que se deseja arquivar a gravação, bem como, o formato da mesma.

Depois dos testes preliminares do *software Skype* e do programa *Kazam*, resolvemos marcar a entrevista com a profissional de edição da editora Pallas, que demandou duas tentativas para sua realização. Na primeira marcamos previamente o dia e o horário da entrevista, entretanto a entrevistada não conseguiu participar em razão da grande movimentação que estava ocorrendo na editora, tratava-se dos últimos dias para fechamento do edital do Programa Nacional do Livro Didático na versão Literária (PNLD Literário), diante disso agendamos outra data e horário. O dia marcado chegou e com isso, alguns cuidados foram tomados como a preparação do ambiente a ser utilizado, o computador, verificação da *internet* e os *softwares* a serem utilizados.

A ansiedade já tomava conta de mim, afinal, não conhecia a entrevistada, até então foram apenas *e-mails* trocados, sem nenhum tipo de contato mais pessoal. A entrevistada me deixou bastante a vontade e muitas vezes me perguntava inconscientemente, “quem era a entrevistadora e a entrevistada”, pois a entrevista aconteceu de maneira tão fluída que mais parecia uma conversa entre pessoas conhecidas.

Fizemos uso do questionário aberto com a profissional de edição da Editora Mazza Edições, de acordo com Marconi e Lakatos (2003) o mesmo consiste num “[...] instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (p. 201). E por isso, o mais apropriado para a situação. Escolhemos o questionário de perguntas abertas, pois “[...] são as que permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 204).

Salientamos que o uso de questionário aberto possuem algumas vantagens e desvantagens. Como vantagens citamos a economia de tempo e viagens; mais tempo para a/o informante responder; garante que o informante expresse suas opiniões se comparado aos questionários de perguntas fechadas; como desvantagens listamos algumas como, os

questionários podem não ser respondidos e conseqüentemente não são retomados a/o pesquisador; impossibilidade de ajudar a/o informante com alguma dúvida, incompreensão; limitação das perguntas, não captando as experiências, realidade vividas da/o informante de maneira aprofundada; a leitura de todas as questões podem influenciar nas respostas (MARCONI; LAKATOS, 2003). Algumas dessas desvantagens foram percebidas, como o questionário enviado a Editora Ogum's que não foi devolvido a esta pesquisadora; a limitação das perguntas, pois desejávamos captar de maneira mais aprofundada algumas experiências da entrevistada Maria Mazarello e também não tivemos algum tipo de retorno da participante em relação ao entendimento das perguntas, se tinha alguma dúvida ou se precisava de alguma explicação.

O uso da *internet* para acessar as informações dessa pesquisa foi fundamental e, além disso, foi uma novidade entremeada de dúvidas. O uso de *softwares* como o *Skype*, programas como o *Kazam* e ferramentas como *e-mail* possibilitam maior interação com baixo custo entre as pessoas e estão cada vez mais se expandido, embora, algumas dúvidas quanto a sua real efetivação e segurança ao se tratar de pesquisas qualitativas foram surgindo no decorrer desse estudo. Pesquisando, lendo, conversando com outros/as pesquisadores/as de áreas distintas, com o orientador dessa pesquisa, e também, após o exame de qualificação, percebemos que a utilização da *internet* como ferramenta de pesquisa não era algo tão incomum, porém pouco aproveitada, principalmente em áreas da educação. Podemos citar o Ensino a Distância ou Educação a Distância (EaD) como exemplo de utilização eficiente da *internet* no campo da educação formal, de acordo com Fernandes (2016):

O *e-learning*, também conhecido por Ensino a Distância [...] tornou-se uma tendência, à medida que traz contribuições significativas aos métodos tradicionais de ensino e apresenta alternativas que ensejam economia de recursos e de tempo na produção de conhecimento. Essa modalidade de ensino deve integrar atividades em conjunto com as novas tecnologias de informação e comunicação, de maneira que sirvam como ferramentas qualitativas e inovadoras, e que tenham a capacidade de instrumentalizar alunos e professores para o desenvolvimento de novo métodos de trabalho (p. 161).

O emprego da *internet* nessa pesquisa foi um desafio gratificante. A caminhada da pesquisa é feita de caminhos fáceis e agradáveis, mas também, de caminhos turbulentos, é nesse exercício de querer aprender mais, de vencer os desafios, que vamos encontrando novas possibilidades visando à construção de conhecimentos relevantes e esclarecedores sobre as mulheres brasileiras afrodescendentes, como foi o caso desse estudo

#### 4.2.1 Nas malhas virtuais da internet: a utilização dos *sites* e catálogos *online*

Como já apontado por Flick (2009) é cada vez mais recorrente a utilização da *internet* em pesquisas qualitativas, por isso, buscamos informações descritivas das editoras em seus *sites*, Mazza Edições (<http://www.mazzaedicoes.com.br/>) e Pallas (<http://www.pallaseditora.com.br/>) a fim de conhecer sobre seu funcionamento e como as editoras transmitem sua visão de mundo nesse espaço.

As ferramentas oportunizadas pela *internet*, como as redes sociais, *sites*, fóruns de discussão e outras, proporcionam múltiplas aprendizagens, potencializando informações de maneira interativa e produzindo fontes de construção de conhecimentos e informações, como destaca Magalhães (2016, p. 136), “com suas múltiplas possibilidades, abrem, pois, novos espaços de relações comunicacionais, espaços virtuais que suscitam a formação de grupos, comunidades e de redes sociais de relacionamentos e de aprendizagem”. Percebem-se novas configurações de comunicação entre as pessoas e/ou organizações e por isso, ferramentas como os *sites* apresentam-se como fonte de construção, aquisição e acumulação de informações, conhecimentos e aprendizagens.

Além disso, optamos por realizar um levantamento mais detalhado dos catálogos dessas editoras, disponibilizados nos *sites* das mesmas, numa seção específica denominada de “catálogo”. As informações contidas nesses catálogos *online* são: resumo do livro, capa do livro, autoras/es, ilustradoras/es, ISBN (*International Standard Book Number*), valor do livro, quantidade de páginas, edição, e outros. Como em nenhuma das editoras do estudo disponibiliza os anos de publicação de cada livro, foi necessário consultar o *site* do ISBN, neste *site* é possível acessar através de um código numérico os livros segundo o título, autoria, o país, a editora e edição.

A seguir, explicamos sobre a organização desse levantamento e a análise das informações obtidas a partir dos catálogos, bem como, das demais informações alcançadas através da entrevista via *Skype* e do questionário aberto por *e-mail*. Também evidenciamos no próximo tópico os detalhes da organização e tratamento dos dados.

### 4.3 Imensidade de dados: é chegada a hora de organizar e analisar

As informações principais desse estudo foram acessadas a partir de uma entrevista síncrona por *Skype*, um questionário aberto via *e-mail*, *sites* e catálogos *online* das editoras da pesquisa. A organização e tratamento de cada uma dessas informações, das quatro fontes, foram pautados nas etapas básicas da análise de conteúdo, uma vez que as informações acessadas foram todas de cunho qualitativo.

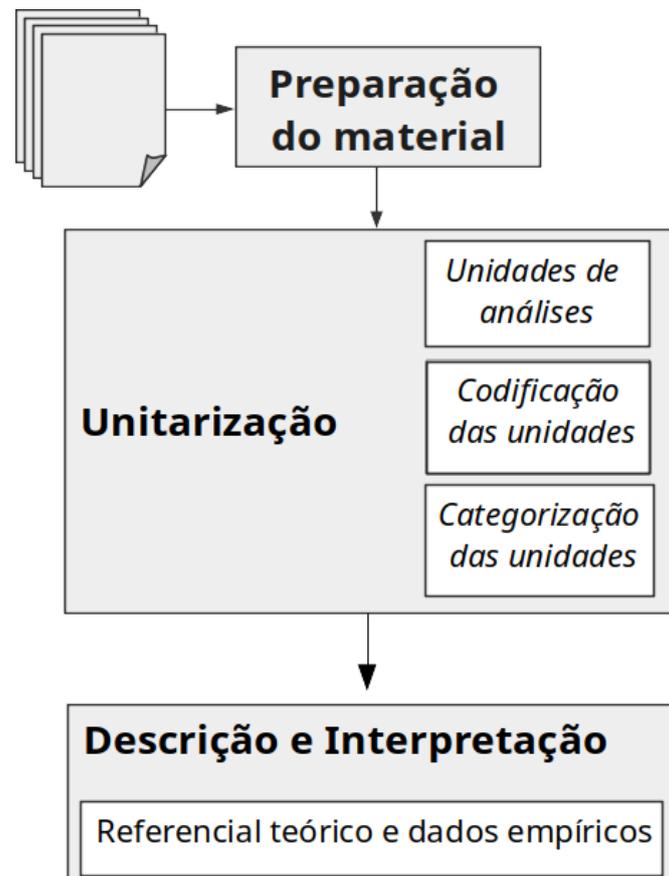
Entendemos que a organização das informações e o método e/ou técnica escolhida para análise das mesmas estabelecem conexões, pois se apresentam num movimento de interdependência. Por isso, julgamos necessário evidenciar primeiramente a escolha do método de análise para depois explicar como se sucedeu a organização e tratamento das informações.

Nessa pesquisa utilizamos o conceito de análise de conteúdo de Bauer e Gaskell (2015):

A análise de conteúdo é apenas um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas. Embora a maior parte das análises clássicas de conteúdo culminem em descrições numéricas de algumas características do corpus do texto, considerável atenção esta sendo dada aos "tipos", "qualidades", e "distinções" no texto, antes que qualquer quantificação seja feita. Deste modo, a análise de texto faz uma ponte entre um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais. No divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, a análise de conteúdo é uma técnica híbrida que pode mediar esta improdutiva discussão sobre virtudes e métodos.

A partir dos estudos de Triviños (1987), Bardin (1977), Moraes (1999) e de Bauer e Gaskell (2015) elencamos três etapas básicas da análise conteúdo que foram empregadas nesse estudo, a saber: a primeira denominada de “preparação” que consiste em identificar as diferentes informações e estabelecer códigos para as mesmas; a segunda, “unitarização”, subdivida em três etapas, a saber: definição das unidades de análises (elemento unitário submetido à classificação); codificação das unidades e isolamento de cada uma das unidades; a terceira refere-se à categorização, trata-se da classificação e agrupamento dos dados considerando a parte comum existente entre eles, devendo obedecer a alguns critérios como: validade; exaustividade; homogeneidade; consistência. Terminado essas etapas, dar-se início a fase de “descrição e interpretação”, pautadas no referencial teórico e materiais empíricos. Como percebido as etapas da análise de conteúdo preveem desde a seleção até a interpretação das informações. Para melhor entendimento evidenciamos as três etapas da análise de conteúdo num esquema, observem a seguir:

**Figura 2. Etapas da Análise de Conteúdo**



Fonte: Produzida pela autora, 2018.

Algumas vantagens e desvantagens são encontradas na análise de conteúdo, de acordo com Bauer e Gaskell (2015): “As vantagens da AC são que ela é sistemática e pública; ela faz uso principalmente de dados públicos que ocorrem naturalmente; pode lidar com grandes quantidades de dados. Presta-se para dados históricos; e ela oferece um conjunto de procedimentos maduros e bem documentados” (p. 212). Como desvantagens os mesmo autores incluem: “[...] a separação de unidades de análise introduz inexatidões de interpretação [...] A AC tende a focalizar frequências, e desse modo descuida do que é raro e do que está ausente” (BAUER; GASKELL, 2015, p. 213). Percebemos durante a realização da pesquisa a complexidade na separação e isolamento das unidades de análises, ocasionando dificuldades na fase de descrição e interpretação das mesmas, principalmente quando foi necessário comparar as informações obtidas.

O uso da análise de conteúdo é adequado tanto para materiais produzidos no decorrer da pesquisa como aqueles já existentes, embora este último tipo seja mais recorrente, como destacam Bauer e Gaskell (2015): “Ha dois tipos de textos: textos que são construídos no

processo de pesquisa, tais como transcrições de entrevista e protocolos de observação; e textos que já foram produzidos para outras finalidades quaisquer, como jornais ou memorandos de corporações”. Nesse estudo utilizamos os dois tipos de texto, a transcrição da entrevista síncrona e o questionário aberto, correspondem aos textos construídos ao longo da pesquisa e as informações contidas nos *sites* e catálogos *online* das editoras da pesquisa são materiais já existentes e produzidos com outras finalidades. Sendo assim, entendemos que a análise de conteúdo foi o método mais adequado para satisfazer a organização, tratamento e análise das informações utilizadas nessa pesquisa.

Depois de realizado a entrevista síncrona via *Skype* com a profissional de edição da Editora Pallas, fizemos a transcrição da mesma, demandando um período de 20 dias, sendo um exercício árduo, pois havia a necessidade de voltar à gravação a cada trecho não compreendido. Depois de transcrita realizamos outras leituras para corrigir possíveis erros gramaticais, pontuação e outros. A próxima etapa consistiu em leituras mais detalhadas, sublinhando mensagens e palavras que correspondiam aos objetivos da pesquisa, bem como, comentários em cada parte grifada.

O segundo passo foi à escolha da unidade de análise e preferimos a utilização da mensagem como um todo, por entender que melhor captura a perspectiva da entrevistada, depois selecionamos as mensagens grifadas do processo anterior e identificamos aquelas que mais se adequavam/correspondiam aos objetivos da pesquisa; para cada mensagem selecionada delimitamos códigos para efeito de organização e visualização, posteriormente isolamos essas informações em quadros. A partir das mensagens separadas e isoladas, bem como, dos comentários realizados, construímos as categorias de análise, a saber: as motivações da escolha da linha editorial das editoras investigadas; antes e depois de adentrar na linha editorial propostas por ambas; atividades e medidas realizadas pelas editoras.

Realizamos processo semelhante com a organização e tratamento das informações contidas no questionário aberto realizado com a profissional de edição da Editora Mazza Edições. Depois de recebido o arquivo do questionário devidamente respondido pela participante foi feita uma leitura simplificada do material e posteriormente realizamos outras leituras mais detalhadas e consistentes, produzindo inferências e anotações, para isso grifamos as mensagens e/ou palavras que atendiam aos objetivos da pesquisa e interesses da pesquisadora, além disso, também contamos com o uso de comentários para os itens grifados. Assim como na análise da entrevista síncrona, também definimos como unidade de análise do questionário aberto a mensagem como um todo, pois entendemos que dessa forma conseguiríamos capturar aproximações e/ou diferenças nas informações relatadas pelas

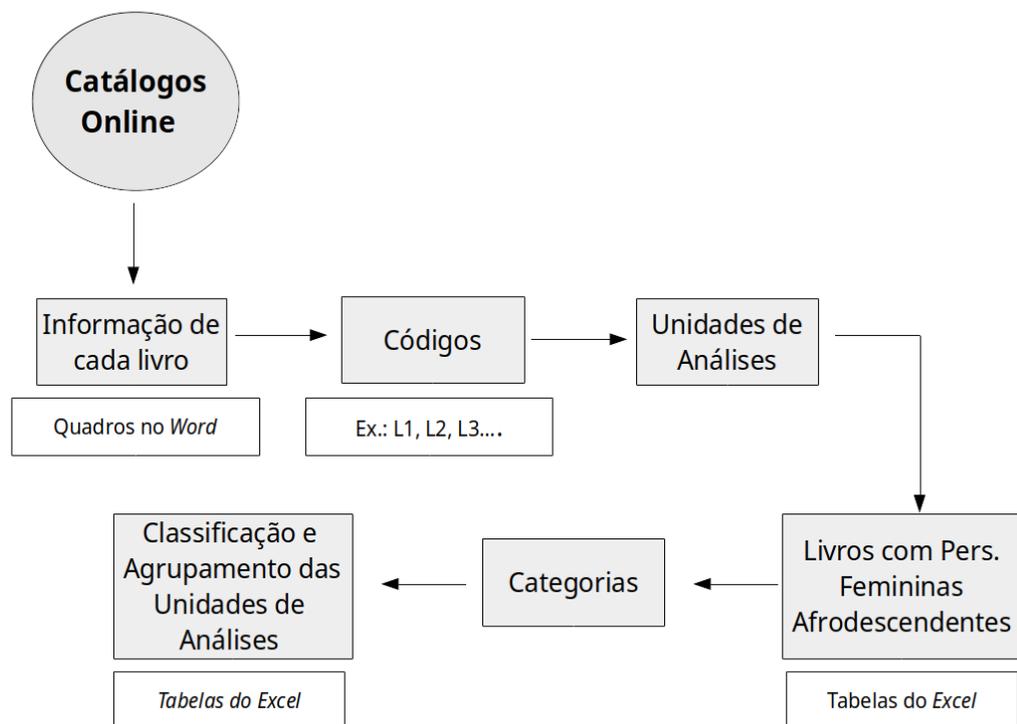
profissionais de edição das editoras Pallas e Mazza Edições. Para isso, agrupamos as mensagens sublinhadas no processo anterior, selecionando e identificando aquelas informações que mais correspondia aos objetivos da pesquisa, feito isso, delimitamos códigos para cada mensagem selecionada, bem como, isolamos essas informações em quadros. Preferimos utilizar as mesmas categorias de análise realizadas na entrevista síncrona, descritas anteriormente. Depois disso, agrupamos as informações selecionadas tanto da entrevista síncrona como do questionário aberto num mesmo quadro, possibilitando a visualização das informações selecionadas nas etapas anteriores a partir das categorias construídas. Uma das vantagens da utilização de quadros é a possibilidade de perceber as informações lado a lado, facilitando a leitura e inferências.

Além disso, também analisamos as mensagens contidas na seção “Quem somos” das editoras Pallas (<http://www.pallaseditora.com.br/>) e Mazza Edições (<http://www.mazzaedicoes.com.br/>) através de seus *sites*, buscando informações como *tempo que estão no mercado; objetivos, livros e literatura que oferecem e projetos/propostas*. A organização dos dados foi semelhante àquela realizada na entrevista síncrona e no questionário aberto, seguindo as etapas básicas da análise de conteúdo. Como primeiro passo exploramos o *site* das editoras do estudo para encontrar as informações descritas anteriormente, feito isso, transferimos todas as informações contidas na seção “Quem Somos” das editoras para o computador com o auxílio do programa *Word*, em arquivos distintos. Posteriormente, realizamos a leitura das mensagens de cada editora grifando e realizando comentários, a partir disso, escolhemos algumas expressões como unidade de análise, pois percebemos que as expressões utilizadas em ambos os *sites* tinham conexões, e assim, delimitamos códigos para cada expressão e isolamos cada uma delas. As categorias foram pensadas previamente, a saber: tempo de mercado; objetivos; livros e literatura oferecidos; projetos/propostas. Agrupamos e classificamos as informações de cada editora, até então isoladas, num mesmo quadro, que serviu para produzirmos comentários, inferências e algumas interpretações.

No processo de organização das informações contidas nos catálogos *online* das editoras, realizamos como primeiro passo a localização dos catálogos nos *sites* das editoras da pesquisa, especificamente na seção de literatura infantil. Depois disso, retiramos as informações de cada livro, como “capa; título; autoras/es-ilustradoras/es; Ano/Edição/ISBN” e organizamos em quadros com auxílio do programa *Word*. O segundo passo foi atribuir códigos para cada livro (L1; L2; L3...), em seguida, definimos como unidade de análises as informações ditas anteriormente dos livros (capa; título; autoras/es-ilustradoras/es;

Ano/Edição/ISBN). Feito isso, separamos os livros com personagens femininas afrodescendentes em tabelas do programa *Excel*. As categorias foram previamente pensadas, a saber: autoria dos livros; temáticas dos livros e ano de publicação. Dando continuidade, classificamos e agrupamos as unidades de análises correspondentes a cada categoria, em tabelas no programa *Excel*. Sintetizamos esses procedimentos de maneira dinâmica num esquema, demonstrando os passos realizados no processo de organização e tratamentos das informações, observem na Figura 03, a seguir. Os resultados desse levantamento encontram-se na próxima seção.

**Figura 3. Procedimentos utilizados para o levantamento dos catálogos**



Fonte: Produzido pela autora, 2018.

## RESUMO DA SEÇÃO

Nesta seção discorreremos sobre os caminhos pensados, planejados e percorridos durante a pesquisa, apresentando as experiências vivenciadas, bem como, a composição dos processos escolhidos. Foi destacado no início dessa seção o uso da *internet* nas pesquisas qualitativas, demonstrando como a mesma foi utilizada nesse estudo. Em seguida, apresentamos as participantes da pesquisa e os instrumentos utilizados para acessar as informações, que foram uma entrevista semiestruturada via *Skype* realizado com a profissional de edição da Editora Pallas; um questionário aberto via *e-mail*, trabalhado com a responsável da edição da Editora Mazza Edições, Maria Mazarello Rodrigues, e por último, levantamentos dos catálogos *online* das editoras estudadas. Além disso, discorreremos sobre a organização e análise das informações que de maneira resumida foi guiada pela análise de conteúdo. Na próxima seção discorreremos sobre os resultados da pesquisa, focalizando no universo das editoras Pallas e Mazza Edições.

## **5 AS EDITORAS PALLAS E MAZZA EDIÇÕES: CONSTRUINDO, PERSISTINDO E RESISTINDO.**

### **Primeiras Palavras**

Nesta seção evidenciamos o universo das duas editoras do estudo, a saber, Mazza Edições e Pallas. Apresentamos as características das editoras, as motivações da linha editorial seguidas por ambas às empresas, as situações vivenciadas antes e depois de adentrar ao mercado editorial voltado especificamente a obras sobre afrodescendência, bem como, as atividades realizadas e medidas implementadas. Por último, apresentamos os catálogos das editoras. Esses tópicos foram discutidos no intuito de descrever as atividades realizadas pelas editoras participantes da pesquisa, assim como, analisar as relações estabelecidas pelas pessoas responsáveis pelas editoras com o mercado editorial. Além disso, apresentamos os resultados obtidos com o levantamento dos catálogos *online* no que se refere às publicações com personagens femininas afrodescendentes. O que está sendo realizado para combater o silenciamento dessas personagens na literatura infantil? O que podemos aprender com essas respostas de enfrentamento? Essas indagações guiaram esta seção.

### 5.1 As editoras Pallas e Mazza Edições: enfrentando o epistemicídio

Editoras contemporâneas como Pallas e Mazza Edições vêm se lançando no mercado com o objetivo de publicar e valorizar a escrita das/os afrodescendentes, bem como, aspectos direcionados a cultura, identidades, religiosidades das/os descendentes de africanos/as a partir das diásporas. Forma essa de resistir e provocar rupturas na estrutura do epistemicídio em que estamos alocados.

Retomando a ideia de epistemicídio a partir de Boaventura de Sousa Santos (2007) que o considera decorrência da hierarquização epistêmica moderna ao longo da história através das dominações provenientes do colonialismo e capitalismo que se insere num modelo de pensamento abissal dividido em duas linhas invisíveis, separando o mundo em Norte (desse lado da linha) e Sul (do outro lado da linha); sendo o primeiro lado, as epistemologias dominantes, o conhecimento rotulado como válido, científico e renomado; enquanto que o outro lado se encontra o que preconceituosamente é chamado de crenças, opiniões, magias, idolatrias e superstições. Pensando nisso, tomamos a iniciativa de editoras como resposta e estratégia para romper com os muros dessas linhas abissais, promovendo um “pensamento pós-abissal”, e/ou provocando-nos a pensar com as “Epistemologias do Sul” enraizadas em culturas não europeias (SANTOS, 2007).

O pensamento *pós-abissal* considera que a diversidade do mundo é inesgotável e não está atrelada a uma epistemologia adequada/universal, e assim, essa diversidade está em contínua construção. Se aliar com as chamadas epistemologias do Sul é questionar as ditas epistemologias dominantes e produzir diálogos com os conhecimentos historicamente negados, apagados e silenciados com ignorância e por arrogância, como das/os africanas/os, indígenas, latinas/os, chicanas/os, e tantos outros, ou seja, aqueles que se encontram deste lado da linha do equador.

Trazemos aqui duas editoras brasileiras, Mazza Edições e Pallas, especializadas na afrodescendência que buscam lançar no mercado editorial vozes dissonantes, palavras que falam dos cotidianos vividos, das experiências, promovendo denúncias de discriminação, racismo, sexismo e valorizando nossas identidades e relações de diásporas África-Brasil. Além disso, preocupam-se, sobretudo com o público infantil, o futuro da sociedade, apostando cada vez mais em obras para essas/es leitoras/es. Pensar nesse tipo de literatura para as crianças é dimensionar outras formas de perceber e entender o mundo; proporcionar o respeito às rotuladas diferenças e diversidades; construir o sentimento de representatividade

frente às personagens; valorizar seus atributos estéticos, sociais e culturais sem hierarquizar; vivenciar elementos positivos para a construção de suas identidades.

Como forma de melhor entendermos as respostas produzidas por essas editoras em relação às ausências e “esquecimentos” de meninas descendentes de africanas/os na literatura considerada infantil, organizamos os resultados do presente estudo da seguinte forma: primeiramente destacamos as informações referentes ao tempo de mercado, objetivos, projetos/propostas das editoras pesquisadas. Depois as motivações da escolha da linha editorial. Em momento posterior, comentamos e discorreremos sobre as perspectivas das profissionais de edição em relação ao mercado editorial. Em seguida, as atividades e medidas empreendidas pelas editoras em destaque, e por último, apresentamos o levantamento dos catálogos. E com isso, procuramos mostrar as rachaduras provocadas pelas editoras Mazza Edições e Pallas frente aos silenciamentos de meninas afrodescendentes na literatura infantil provocado pelo epistemicídio.

#### 5.1.1 Vários caminhos, várias direções: características das editoras

Neste primeiro momento evidenciamos algumas informações contidas nos *sites* das editoras Mazza Edições e Pallas para conhecermos a dinâmica editorial proposta por ambas. Nessas informações foi possível captar alguns aspectos, como o tempo de mercado; objetivos; livros e literatura oferecidos e projetos/propostas. Como será descrito logo em seguida.

No que se refere à editora Mazza Edições registramos as seguintes informações: a) Tempo de Mercado: “Ao longo de mais trinta anos de atividades”; b) Objetivos: “[...] levar o melhor da cultura brasileira e afro-brasileira aos seus leitores”; c) Livros e Literatura oferecidos: “[...] investiu na publicação de autores/autoras negro(a)s e de livros que abordam os diversos aspectos da cultura afro-brasileira”; d) Projetos/propostas: “[...] aposta na criação de seu novo selo editorial, a PENNINHA EDIÇÕES”; “se propõe a [...] oferecer [...] obras que contribuam para uma melhor compreensão do passado, do presente e do futuro a ser construído”. As mesmas informações também foram evidenciadas na Editora Pallas, a saber: a) Tempo de Mercado: “Fundada em 1975, na cidade do Rio de Janeiro”; b) Objetivos: “nossa casa editorial busca recuperar e registrar tradições religiosas, linguísticas e filosóficas dos vários povos africanos...”; c) Livros e literatura oferecidos: “dedica grande parte de seu catálogo aos temas afrodescendentes”; “O espectro do catálogo é amplo”; d) Projetos/propostas: “consolidando seu catálogo de literatura infantil e juvenil”; “cuidado em apresentar ao público leitor livros de qualidade, com projetos modernos e bem acabados...”.

É possível perceber que as editoras possuem tempo de mercado aproximado, ambas possuem mais de 30 anos de experiências e parecem conseguir manter-se frente às dificuldades de ser uma editora com escopo específico na afrodescendência, linha editorial historicamente invisibilizada pelas indústrias cultural e mercadológica. Outro aspecto relevante notado é que as editoras Mazza Edições e Pallas foram fundadas antes das Leis 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e 11.645/2008 (BRASIL, 2008). Algumas estudiosas como Debus (2013) apontam que após a promulgação das referidas leis que tornou obrigatório o ensino de História e cultura afro-brasileira e indígena na educação básica e a instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais de 2004 (BRASIL, 2004), houve uma ampliação da produção literária afro-brasileira para crianças no mercado editorial brasileiro e conseqüentemente essa literatura adentra os espaços escolares. Seriam então as leis 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e 11.645/2008 (BRASIL, 2008) fatores para que essas editoras tenham conseguido se manter no mercado editorial brasileiro? As leis possibilitaram maior incentivo ao segmento da literatura infantil voltada a temática da afrodescendência?

No que se refere aos objetivos, podemos destacar algumas expressões como “*levar o melhor...*”; “*recuperar e registrar...*”, nota-se que cada uma das editoras mostram-se empenhadas para resgatar, visibilizar, registrar a cultura afro-brasileira e outras questões relacionadas à afrodescendência. Sobre os livros e literatura oferecidos, as editoras trazem como foco principal temas relacionados à “*cultura afro-brasileira*”; “*temas afrodescendentes*”. Fica nítida a preocupação de manter um catálogo amplo e diversificado sobre a temática em questão.

Por último, o item “*projetos/propostas*” das duas editoras evidencia que estão apostando na literatura infantil, sendo que a Mazza Edições propõe um novo selo editorial, a saber, “*Peninha Edições*” e a Pallas assume o compromisso de consolidar o catálogo de literatura infantil e juvenil. Além disso, ambas mostram-se preocupadas com suas/seus leitoras/leitores “*obras que contribuam para uma melhor compreensão do passado, do presente e do futuro a ser construído*” (EDITORA MAZZA EDIÇÕES, 2018); “*livros de qualidade, com projetos modernos e bem acabados*” (EDITORA PALLAS, 2018).

Essas informações ajudam a definir a *marca* da empresa. Conhecer a marca de uma editora é dimensionar o que elas defendem; como classificam e escolhem autoras/es, livros; como se constituem no mercado cultural; a marca é assim mais que um nome: “É afirmar um lugar em um espaço de relações e marcar diferenças e distâncias comparativamente a outras

marcas. É a síntese de um modo específico de classificar livros, autoras/es e leitoras/es, tendo como parâmetro outros modos” (SORÁ, 1997, p. 151).

A partir da sua marca e das categorias aqui apresentadas também podemos diferenciar as editoras em “empresas comerciais” e “empresas culturais”, denominação essa utilizada por Sorá (1997). Para o autor, as empresas comerciais estão preocupadas prioritariamente com os benefícios econômicos, convertendo rapidamente seus produtos em lucro, e por isso são caracterizadas como de curto prazo; as empresas culturais atentam-se com os benefícios culturais, com gratificações que virão em longo prazo, priorizando a qualidade e diversidade cultural dos livros, como bem explica:

As primeiras [empresas comerciais] — com um ciclo de produção curto —, que oferecem produtos para uma procura e interesses preexistentes e em formas preestabelecidas, esperam benefícios essencialmente econômicos, fazendo girar rapidamente essa espécie de capital sem as demoras de tempo que o capital cultural exige. As segundas [empresas culturais] — com um ciclo de produção longo —, aceitando o risco inerente às apostas culturais [...] perseguem benefícios propriamente culturais... (SORÁ, 1997, p. 154-155).

Dentre as características aqui apresentadas das editoras podemos mencionar que as mesmas se definem como empresas culturais, já que o seu maior objetivo é suprir a escassez de incentivo e publicação de literatura afrodescendente e ao assumir esse compromisso, preocupam-se, sobretudo com sua posição política e social defendida e com a qualidade de suas publicações, e por isso são medidas que acarretará respostas em longo prazo. Entretanto, é importante lembrar que essas editoras estão inseridas dentro de um mercado capitalista e o lucro e a rentabilidade não são desconsiderados.

Diante do discorrido trazemos a afirmação de Muniz Jr. em seu livro “*O grito dos pequenos: independência editorial e bibliodiversidade no Brasil e na Argentina*”: “Quando a editora se pronuncia por meio do ‘Quem somos’ de seu site, ou no lançamento de um novo título, vem à tona a tentativa de construir um ethos” (2010, p. 07). Ou seja, tenta passar uma imagem de si, modo de ser da editora. Diante das observações e ponderações feitas até aqui argumentamos que as editoras mantêm o compromisso em romper com o controle epistêmico que recai sobre as produções das/os afrodescendentes, elaborando respostas educativas, audaciosas e resistentes frente ao epistemicídio histórico do mercado editorial brasileiro. Essas respostas indicam que essas editoras estão educando, exercendo assim, um papel pedagógico a sociedade brasileira. Elas ensinam que a sociedade ocidental precisa se desvencilhar das armadilhas do epistemicídio e principalmente, ensinam que as mulheres/homens afrodescendentes possuem história, cultura e conhecimentos riquíssimos,

ajudando numa educação antirracista e para as diversidades. Ainda nesse movimento de aprender mais da sociedade brasileira a partir de agências como as editoras em pauta, no próximo tópico evidenciamos as motivações da escolha da linha editorial das editoras do estudo.

### 5.1.2 Linha editorial: escolhendo direções para seguir

As editoras do estudo possuem como linha editorial as questões voltadas a afrodescendência, como discutido anteriormente. Essa opção causa rachaduras nas linhas abissais, pois potencializa os conhecimentos, saberes e experiências negadas e silenciadas pelos meandros do epistemicídio. Caminhando nessa direção, procuramos saber quais as motivações que levaram as editoras da pesquisa a escolher essa linha editorial. Para isso, trazemos algumas informações e falas das profissionais de edição das editoras Mazza Edições e Pallas.

Algumas informações sobre o surgimento da Editora Mazza Edições estão disponibilizadas no livro “Maria Mazarello Rodrigues” organizada por estudantes do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET – MG) do curso de Letras (2015). É possível perceber que a história da editora (empresa) está diretamente associada à editora (profissional) Maria Mazarello Rodrigues, mais conhecida por seu apelido “Mazza”. Esta mulher afrodescendente de origem humilde, filha de operários, nasceu em Ponte Nova, na década de 1940, mas mudou-se para Belo Horizonte junto com sua mãe e mais nove irmãos quando seu pai faleceu, em 1954. Chegou à cidade de Belo Horizonte aos 13 anos de idade, precisava trabalhar e estudar, conseguindo posteriormente se inserir no Instituto Municipal de Administração de Ciências Contábeis (IMACO), por ser gratuito, possibilitou a mesma conciliar trabalho pela manhã e estudos à noite. Entretanto, passou por várias situações de discriminação e racismo por causa de seu pertencimento racial e gênero, sendo recusada nas vagas de emprego.

Depois de várias tentativas para obter emprego, tentou ser datilógrafa numa gráfica do Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (PABAE), mas, ao desconhecer o modelo das máquinas utilizadas no teste acabou sendo reprovada, mesmo assim, conseguiu ser admitida na gráfica como faxineira. Durante esse tempo aprendeu as diversas etapas da composição de um livro e começou a trabalhar diretamente nessa parte. Mazza se formou em contabilidade na IMACO na década de 1960 e todos da gráfica ficaram felizes, foi quando sua amiga Anna Lúcia Campanha Baptista, uma das secretárias da gráfica

do PABAE, convenceu a mesma em prestar o vestibular para jornalismo na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH – UFMG), mesmo relutando, acabou fazendo e passando em 1963, sendo a única aluna afrodescendente da turma. Engajou em projetos para a construção de editoras e livrarias, como a “Editora do Professor” e “Livraria do Estudante”, fechadas em razão da ditadura militar e “Editora Vega” criada por um grupo de idealistas recém-saídos dos porões do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), em 1968, convidando Mazza e Anna Lúcia para essa empreitada. Sua trajetória foi ainda mais longe, conseguindo uma bolsa de estudos para realizar mestrado em editoração na Université de Paris-XIII (Paris-Nord), após abertura política em 1978. Retomou ao Brasil com a ideia de publicar autores/as afrodescendentes, criando a Editora Mazza Edições em 1981, na cidade de Belo Horizonte.

Como mulher afrodescendente de classe menos favorecida vivenciou situações de discriminação e racismo de maneira interseccional, sentindo na pele os ranços do epistemicídio. Na entrevista disponibilizada no livro “Maria Mazarello Rodrigues” (2015) é destacado que desde criança alisava o cabelo com ferro quente, pois era chamada de “nega de cabelo duro”; nas vagas de emprego era dispensada por causa de seu pertencimento racial - gênero - classe; quando estava trabalhando como auxiliar de escritório numa imobiliária foi acusada de roubo injustamente. É por isso que sua escolha em tratar as questões voltadas à afrodescendência é consciente e resistente.

No questionário aberto enviado a Maria Mazarello Rodrigues *via e-mail* a mesma respondeu as motivações da respectiva linha editorial, principalmente no que se refere ao público infantil,

A escolha deste seguimento deveu-se às minhas reminiscências das leituras dos livros infantis que minha mãe, lavadeira, trazia da casa das freguesas, quando seus filhos já não queriam mais lê-los. Os espaços nas representações infantis nas escolas eram – e ainda são – sempre de princesas brancas, loiras, que se casavam com príncipes também brancos e loiros. As crianças negras nunca tiveram vez de representá-los; então, quando me chegou às mãos uma coleção publicada pela Winston-Derek Publishers, de Nashville, Tennessee, com os contos europeus tradicionais representados por crianças negras, não tive dúvidas, e acabei por criar a coleção “De lá pra cá”, onde também recontamos as histórias infantis universais, com todos os personagens negros, ilustrados dentro de um cenário regional, totalmente brasileiro (RODRIGUES, QUESTIONÁRIO, 2018).

As malhas do epistemicídio aparecem de maneira forte na fala de Mazza, “*Os espaços nas representações infantis nas escolas eram – e ainda são – sempre de princesas brancas...*” (RODRIGUES, QUESTIONÁRIO, 2018). Demonstrando como a diferenciação racial-

gênero-classe é social e historicamente construída. Nesse trecho evidencia-se também a separação metafórica das linhas abissais de Boaventura de Sousa Santos (2007), afinal é o lado de lá que protagoniza as histórias, enquanto que o lado de cá, permanece silenciado. O silenciamento de personagens afrodescendentes na literatura, principalmente aquela voltada ao público infantil pode causar marcas na vida de crianças desse segmento racial, como evidenciado na fala de Mazza. Como estratégia de resistência essa mulher afrodescendente fomentou a publicação de livros que atendessem essa demanda, como forma de romper com as malhas do epistemicídio.

Por outro lado, a escolha da linha editorial da Editora Pallas foi a princípio um palpite que deu certo, como a responsável pela edição da referida empresa mencionou “Então a gente brinca na editora que ele [avô] ‘atirou no que viu e acertou no que não viu’” (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018). A Editora Pallas constitui-se num tipo de “editora familiar” mantida, sustentada e coordenada por membros de uma mesma família. A participante da pesquisa é neta do fundador da Editora Pallas, trata-se de uma mulher fenotipicamente eurodescendente e ocupa o cargo de editora desde 2002 na referida empresa, formada em Jornalismo e mestre em Produção Editorial, realizado na Inglaterra, embora, confessou que o curso não supriu suas expectativas “Eu acho que aqui no Brasil a gente tem um corpo crítico muito grande, lá [Inglaterra] eles eram muito voltados para o produto, para o comércio, para *marketing*, e eu fui para lá para querer problematizar questões históricas” (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018). Numa entrevista descontraída pelo *Skype*, a mesma comentou como foi a criação da Editora Pallas e conseqüentemente a opção pela linha editorial,

Meu avô era contador foi chamado junto com outra pessoa para acertar as contas de uma editora que andava mal das pernas e no final das contas ele acabou comprando a editora [...] ele começou a publicar a temática das religiões afro-brasileiras, não por que ele era adepto de nenhuma religião, mas por que achou legal, tinha um amigo que cuidava do editorial e disse que isso poderia ser bacana e realmente começou a dar certo... Como a minha mãe começou a trabalhar na editora, na verdade a minha mãe é formada em História e daí ela não só continuou essa linha editorial, o que ela pensou “vou trazer para a editora o que a academia está produzindo nessa área”, porque até então era uma coisa que ninguém publicava, e mais, ela foi buscar que o intelectual orgânico pensava. Porque ninguém nunca tinha ido falar com a mãe de santo, pai de santo, sobre o que eles estavam fazendo, o que eles pensavam o que era tradição deles. [...] E quando eu comecei a trabalhar na editora, em 2002, falei: “Gente tá tudo lindo, tudo ótimo, por que a gente não publica esta temática para crianças, para jovem, por que a gente não publica ficção?” E aí foi que a gente começou a publicar livros infantis nessa área (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018).

Percebe-se que existiu uma sensibilidade em pensar as questões voltadas a afrodescendência para além do fator econômico ou de uma pretensa novidade editorial. As marginalizações sociais, em especial das/os afrodescendentes passaram a ser encaradas como uma temática que precisava de algum tipo de fomento, de equiparação frente os silenciamentos instituídos secularmente na sociedade brasileira, como podemos observar nesse trecho “*Porque ninguém nunca tinha ido falar com a mãe de santo, pai de santo, sobre o que eles estavam fazendo, o que eles pensavam o que era tradição deles*” (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018).

Apostar numa linha editorial que foge daquilo que é considerado “cânone literário”, bem como, dos grandes lucros financeiros é uma opção consciente e resistente. Nesse aspecto, pensamos juntos com Denis Moraes (2010) ao relacionar as ideias de hegemonia e contra-hegemonia de Gramsci (2002) com as sociedades midiaticizadas da contemporaneidade. Existe um controle ideológico que repercute diretamente na imprensa e outros aparelhos midiáticos estabelecendo uma concepção unificada de visão de mundo, conservando os conhecimentos, ideias, histórias de um grupo dominante, como explica Moraes (2010, p. 68) “O controle ideológico dificulta a participação de outras vozes no debate sobre os problemas coletivos, pois se procuram neutralizar óticas alternativas, principalmente as que se opõem à supremacia do mercado como âmbito de regulação de demandas sociais”. Ir contra a corrente é uma resposta ousada a esse “controle ideológico”, “pensamento hegemônico”, que também pode ser entendido como resultado direto do epistemicídio e do pensamento abissal. Escolher uma linha editorial, controlada e silenciada historicamente, como aquela referente às questões raciais, é uma tentativa de provocar rachaduras e tensões nessas estruturas.

As óticas alternativas não europeias são cada vez mais requisitadas, principalmente por aquelas/es que há tanto tempo ficaram as sombras, escondidas/os e silenciadas/os, como as/os afrodescendentes. As vozes africanas, asiáticas e indígenas (e outras) estão cada vez mais se proliferando e gritando de maneira estridente como forma de quebrar os controles ideológicos que não passam de controles racistas e machistas, na maioria das vezes, mas a elite da nossa sociedade ensina que são de classe. Pensando nessas vozes de libertação de espíritos humanos criativos como respostas as armadilhas, mentiras e força desumanizadora do epistemicídio, destacamos a seguir algumas perspectivas das profissionais de edição desse estudo.

### 5.1.3 Perspectivas das profissionais de edição: mercado editorial voltado às questões raciais

Em tempos onde a comercialização e lucratividade são o mais importante, manter e consolidar uma editora de pequeno/médio porte especializada num segmento específico, como da afrodescendência, é um risco ousado. Mesmo com as possibilidades proporcionadas pelo “mercado de nicho” e o fenômeno da “cauda longa” ainda observa-se uma maior valorização/lucratividade de determinadas editoras. A forma como o epistemicídio se alastra nas estruturas do conhecimento é de maneira diluída, e por vezes precisamos de lentes resistentes para melhor compreender essa realidade.

Como já discutido o mercado editorial ganha duas formas, primeiro aquele representado pelas grandes editoras, muitas vezes mantidas por grandes grupos estrangeiros, preocupados principalmente com a rentabilidade financeira, por outro lado, com a consolidação do “mercado de nicho” é cada vez mais comum o aparecimento de pequenas editoras especializadas num segmento específico, garantindo assim a “diversidade cultural” e a “bibliodiversidade” dos livros. A constituição dessas pequenas editoras e/ou editoras independentes, segundo Botto (2014) tentam romper com as engrenagens do mercado editorial, desestabilizando as instituições que insistem na manutenção do “cânone literário”, publicando livros que até então as grandes editoras não se interessavam, provocando assim novas possibilidades de edição e circulação de livros.

As grandes editoras vêm passando por momentos turbulentos. Recentemente, em dezembro de 2018, duas livrarias de grande porte, a Livraria Cultura e Saraiva “responsáveis pela venda no varejo de 40% dos livros no país” passaram por um processo judicial, tendo várias de suas lojas fechadas, afetando diretamente a venda das editoras (MOREIRA, 2018). Como alternativas as editoras estão buscando novas formas de atrair as/os consumidoras/es com planos de leituras anuais e brindes, a criação de *e-commerce* próprio (comércio/compra virtual) e os testes de vendas diretas (SCHELLER, 2018).

As editoras aqui estudadas atuam num movimento duplo, driblam o mercado editorial, proporcionando uma demanda até então silenciada, no caso, as questões voltadas a afrodescendência, mas também, se fortalecem nesse mercado, almejando rentabilidade financeira. Sobre isso, Gomes (2017) apoiada em Botto (2014) menciona que “[...] as editoras independentes concebem a si mesmas como atores culturais, mas também como empresas com fins lucrativos” (p. 06). Essa dinâmica se apresenta como necessária, uma vez que essas empresas estão inseridas dentro de uma economia capitalista, ao mesmo tempo em que é contaminada por essa estrutura, tenta criar outras estratégias, criando assim, novas

possibilidades. Pensando nessa dinamicidade do mercado editorial, principalmente nos desafios e alternativas experimentadas pelas pequenas editoras, procuramos saber como as editoras da pesquisa, Mazza Edições e Pallas entendem e estabelecem relações com esse mercado, comparando o antes e depois de adentrar na linha editorial propostas por ambas.

Na entrevista realizada com a responsável pela edição da Editora Pallas, foi possível captar algumas pistas sobre o mercado editorial. A seguir, apresentamos alguns trechos referentes ao percurso da Editora Pallas antes de se consolidar na linha editorial voltada a afrodescendência, principalmente no que diz respeito ao segmento infantil. A entrevistada relatou como seu avô, fundador da editora, percebia a rentabilidade do livro infantil, e principalmente como era sua compreensão em torno do que representava ser uma editora pequena, “E na verdade ele [avô] tinha uma grande resistência, porque era isso, *quando você é uma editora pequena tem coisas que você acha que não é para você fazer*, então meu avô achava isso. Livro colorido é muito caro para imprimir, a gente não tem condições de fazer isso” (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018). A mesma ainda mencionou que após o falecimento do seu avô, “[...] a gente fez uma venda para um programa de Minas, que na nossa história até então a gente nunca tinha vendido tanto livro de uma vez só para um programa de escola; e a gente sempre se olhava: ‘Poxa seu avô não ia acreditar, se ele tivesse vendo isso, logo livro infantil’” (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018).

As características do mercado editorial brasileiro em seu modelo capitalista demarcam e impõem os lugares das grandes e pequenas editoras de maneira a projetar estereótipos de como devem se comportar “[...] *quando você é uma editora pequena tem coisas que você acha que não é para você fazer*” (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018). Além disso, ousamos dizer que o controle ideológico substanciado pelo epistemicídio coopera para a falsa compreensão de que as pequenas editoras especializadas na afrodescendência pouco têm a contribuir epistemologicamente. De fato, desenvolver manobras estratégicas para trabalhar com eficácia no mercado editorial é ousado e arriscado, mas necessário, precisamos ocupar os espaços, principalmente aqueles que são constantemente negados a nossa presença. Como estratégia potente a profissional de edição entrevistada relata que conseguiu vender livros infantis para um programa governamental garantindo uma maior circulação desses livros e lucros financeiros. Medida até então considerada pouco provável para uma editora pequena.

No questionário aberto enviado a Maria Mazarello Rodrigues, fundadora e responsável pela edição da Mazza Edições, foi perguntando como a mesma compreendia o mercado editorial em geral e do segmento voltado a afrodescendência antes e após as leis 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e 11.645/2008 (BRASIL, 2008). Isso nos possibilitou algumas pistas de

como a editora percebe o mercado editorial em períodos anteriores a consolidação da linha editorial adotada na empresa, como podemos observar logo em seguida,

Antes da lei 10.639 este segmento praticamente não tinha vez. Nossas publicações, literárias e paradidáticas, entravam nas escolas pela porta dos fundos, contando com a boa vontade de professoras negras que, contrariando muitas vezes a direção da escola, trabalhavam nossos livros com os alunos (RODRIGUES, QUESTIONÁRIO, 2018).

Nesse trecho é possível perceber como as malhas do epistemicídio se alastram determinando o lugar que as obras literárias produzidas por afrodescendentes e/ou quando esses aparecem como sujeitos principais do texto: no canto escondido e esquecido, seja dentro da escola ou fora dela. É necessária a sensibilidade de algumas professoras para que essas obras cheguem até as crianças “*contando com a boa vontade de professoras negras*” (RODRIGUES, QUESTIONÁRIO, 2018), a entrevistada destaca como essas atitudes são percebidas pela gestão escolar “*contrariando muitas vezes a direção da escola*” (RODRIGUES, QUESTIONÁRIO, 2018). Registra-se também a importância da Lei Federal 10.639/2003 (BRASIL, 2003) como mecanismo de abertura epistemológica nas escolas, possibilitando um ambiente oportuno para as discussões raciais. Embora, sua efetivação parece ainda depender da sensibilidade de algumas professoras/es, sobretudo, das/os afrodescendentes.

No que se refere à compreensão das editoras da pesquisa sobre o mercado editorial após a consolidação da linha editorial adotada por ambas, percebemos algumas semelhanças. Em resposta durante a entrevista via *Skype*, a profissional de edição da Editora Pallas mencionou que

[...] depois da lei 10.639/03, a gente viu outras editoras publicando livros na nossa área, porque até então *eram poucas editoras que publicavam*. [...] Às vezes as editoras compravam livros *que não tinham nada a ver com a nossa realidade né?* [...] na nossa trajetória, nosso entendimento, a gente *costuma ter sempre esse cuidado* quando a gente vai abordar estas temáticas para crianças e para os jovens e tem isso bastante contextualizado, eu acho que isso é importante (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018).

Ao mesmo tempo, ao responder item semelhante no questionário aberto, a participante Mazza fez as seguintes observações:

Depois da assinatura da lei, que tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, de escolas oficiais e particulares, *passamos a ter vida própria e ‘dar o nosso recado’*. [...] A presença da mulher afrodescendente no mercado editorial brasileiro, ocupado em sua

quase totalidade por homens – brancos, claro – é pequena e de pouca visibilidade. Mas *tem avançado relativamente bem nos últimos 05 anos* (RODRIGUES, QUESTIONÁRIO, 2018).

Diante das falas apresentadas constatamos que o mercado editorial voltado às questões raciais encontra barreiras econômicas, culturais e epistemológicas para sua manutenção. Consolidar-se no mercado com uma proposta até então deixada à margem pelas instâncias do conhecimento, precisa de estratégias fortes e criativas “*a gente costuma ter sempre esse cuidado quando a gente vai abordar estas temáticas*” (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018); “[...] *tem avançado relativamente bem nos últimos 05 anos*” (RODRIGUES, QUESTIONÁRIO, 2018). O enfoque de ambas as editoras nas mudanças proporcionadas pela Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003) no mercado editorial merece algumas ponderações, “*passamos a ter vida própria e ‘dar o nosso recado’*” (RODRIGUES, QUESTIONÁRIO, 2018); “*até então eram poucas editoras que publicavam...*” (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018); percebe-se uma linha tênue do antes e depois da referida lei no âmbito da atividade editorial brasileira. Em períodos anteriores a lei em destaque, os livros que tratam das questões raciais não adentravam nas escolas de maneira satisfatória, tampouco, utilizados em sala-de-aula de maneira recorrente, com a referida lei, parece haver uma dinâmica de maior inserção desses livros nos espaços escolares, possibilitando discussões valiosas com as/os estudantes.

Outro ponto que merece destaque é o papel desempenhado pelas “grandes editoras” antes e depois da Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003), “[...] *Às vezes as editoras compravam livros que não tinham nada a ver com a nossa realidade né?*” (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018); demonstrando que o objetivo principal dessas editoras era o lucro financeiro e não a possibilidade de contribuir com a reversão do imaginário negativo relacionado à população afrodescendente já que mantém em suas obras representações descontextualizadas e estereótipos negativos sobre as/os descendentes de africanas/os.

Diante dessa contextualização do mercado editorial na perspectiva das profissionais de edição com quem trabalhamos nesta pesquisa, próximo tópico discorreremos sobre algumas atividades realizadas e medidas implementadas pelas editoras, descrevendo essas ações para melhor compreendermos as respostas de enfrentamento a não inclusão/participação de personagens femininas afrodescendentes na literatura infantil.

#### 5.1.4 Atividades realizadas e medidas implementadas pelas editoras

Para manter-se no mercado editorial brasileiro guiado por configurações capitalistas é preciso criar novas táticas e estratégias, fugindo dos modelos impostos. De acordo com Schiffrin em seu livro “*O dinheiro e as palavras*” que discute o mercado editorial e as editoras independentes, destaca que as mesmas “enfrentam dificuldades enormes, tanto na distribuição como na cobertura dos custos” (2011, p. 31). Pensando nesse mercado feroz que almeja a lucratividade, as táticas e estratégias criativas são necessárias, principalmente para as editoras pequenas e/ou independentes. Na conversa realizada com a responsável pela edição da Editora Pallas, foram pontuadas algumas medidas adotadas pela mesma para consolidar-se nesse mercado. Acompanhe logo em seguida um trecho de sua entrevista:

[...] a gente começou a frequentar feiras internacionais de livros para a compra e venda de direitos. [...] Eu acho que só quem tem um volume enorme de produção voltada para esse tipo de mercado já pensando em um livro mais universalizado, com temáticas mais universais é que vai vender muito os direitos e fazer dinheiro com esse mercado. No nosso caso não queríamos abrir mão do que a gente costuma fazer, quisemos oferecer o que sempre fazemos: trabalhar histórias brasileiras, afro-brasileira do nosso universo e oferecer no mercado internacional (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018).

Na fala da entrevistada percebe-se novamente uma linha tênue que demarca os lugares instituídos para as grandes e pequenas editoras. E num movimento dinâmico de resistência, essa linha tende a sofrer modificações, visto que as pequenas editoras começam a participar de feiras literárias internacionais, bem como, comprar e vender direitos autorais, como relatou a profissional de edição da Editora Pallas. No trecho exposto, também captamos dois aspectos que merecem atenção e estão interligados: a operacionalidade do epistemicídio e as motivações de ser uma editora independente. Observemos o seguinte trecho “[...] *só quem tem um volume enorme de produção voltada para esse tipo de mercado [...] com temáticas mais universais é que vai vender muito os direitos e fazer dinheiro com esse mercado*” (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018).

De um lado, as grandes editoras com “volume enorme de produção, com temáticas universais” e do outro lado às editoras independentes se arriscando na venda e compra de direitos autorais. A noção de “temáticas universais” bem expressa os ranços do epistemicídio, afinal, o que e quem legitimou como universal? Que conhecimentos e/ou literaturas se encaixam nessa “universalidade”? Evidenciam-se novamente as linhas invisíveis propostas por Boaventura de Sousa Santos (2007), separando e hierarquizando os conhecimentos. Ainda

nesse trecho, constata-se como a valorização e fomento a literatura que focaliza as questões raciais ainda são escassas, já que segundo a entrevistada as “temáticas universais” possuem maior aderência no mercado editorial.

Essa realidade é consequência direta do epistemicídio, “A negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para que a outra parte da humanidade se afirme como universal” (SANTOS, 2007, p. 76). A humanidade do outro lado da linha é invisível, sendo considerados “subumanos”, é preciso que sua morte cognoscente, afetiva e corporal aconteça para legitimar a universalidade do lado de lá, ou seja, “o deste lado da linha”.

O segundo aspecto destacado, “as motivações de ser uma editora independente” são evidenciadas no seguinte trecho “*No nosso caso não queríamos abrir mão do que a gente costuma fazer, quisemos oferecer o que sempre fazemos: trabalhar histórias brasileiras, afro-brasileira do nosso universo e oferecer no mercado internacional*” (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018). O comprometimento da Editora Pallas em publicar literatura relacionada à afrodescendência é a motivação maior para a continuação e manutenção de seu projeto editorial, fazendo da rentabilidade financeira uma consequência das medidas adotadas e não, o condutor dessas decisões. A participante do estudo num momento posterior discorre sobre sua função dentro da editora, ajudando a compreender como é a dinâmica de uma editora independente:

Então o que eu faço na editora?! Eu faço esse um pouco de tudo, quer dizer, eu vou nessas feiras representar à editora, eu compro e vendo direitos. A gente ultimamente tem tentando vender muito mais que comprar, porque está tudo muito difícil, a gente tem produzido muito menos livros nesses últimos dois anos por conta da crise e tal. Eu organizo com os jurídicos, contrato os autores, converso com eles sobre os termos... (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018).

Com o exposto anterior percebem-se as múltiplas funções e atividades exercidas pela profissional de edição da Editora Pallas, o que possivelmente não ocorre numa grande editora, onde os serviços são compartimentados. Delineiam-se em sua fala algumas estratégias de mercado, como, a própria não compartimentação de seu trabalho e a tentativa de vender mais direitos autorais do que comprá-los. A bandeira pela qual as editoras independentes geralmente levantam, no caso das editoras estudadas nesse trabalho, as questões voltadas a afrodescendência, é a recompensa maior de seu trabalho e persistência.

A participação dessas editoras em programas governamentais de incentivo a leitura nas escolas, como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), Plano Nacional do

Livro e da Leitura (PNLL) e o Plano Nacional do Livro Didático na versão literária, (PNLD Literário), significa maior circulação de livros, rentabilidade financeira e, além disso, podem contribuir no acesso a diversidade epistemológica dentro das escolas. Segundo aponta o *site* do Portal do MEC (Ministério da Educação), o programa PNBE possui como objetivo “promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência” (BRASIL, 2018) sendo realizado de maneira alternada, “são contempladas as escolas de educação infantil, de ensino fundamental (anos iniciais) e de educação de jovens e adultos, ou são atendidas as escolas de ensino fundamental (anos finais) e de ensino médio” (BRASIL, 2018). A seleção dos livros é realizada por meio de editais, submetido posteriormente à avaliação pedagógica.

No que diz respeito ao Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), o mesmo foi instituído em 2006 por iniciativa conjunta do Ministério da Cultura e Ministério da Educação do Brasil. Possui como objetivo a formação de uma sociedade leitora, promovendo a inclusão social de brasileiras/os no que diz respeito a bens, serviços e cultura subsidiado por quatro eixos, são eles: democratização do acesso, fomento à leitura e à formação de mediadores; valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico; desenvolvimento da economia do livro. Como forma de mobilizar os estados e municípios em prol do incentivo a leitura, o referido programa em parceria com o Instituto Pró-Livro lançou o projeto “O Livro e a Leitura nos Estados e Municípios”, em 2009 (HADDAD, 2010).

No que se refere ao PNLD Literário, segundo o Portal do MEC, o mesmo possui como objetivo “permitir que os estudantes e as escolas recebam obras literárias para as ações de incentivo literário e apoio pedagógico, em quantidade e diversidade adequadas ao cotidiano escolar” (BRASIL, 2018). Nas informações contidas no Portal do MEC destaca-se que o processo de avaliação dessas obras é realizado por universidades públicas, sob a coordenação da Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC).

Esses são apenas alguns dos programas governamentais de incentivo e fomento a prática de leitura, evidenciados nesta pesquisa em razão de sua amplitude e reconhecimento nacional. Diante disso, procuramos saber se as editoras desse estudo já participaram destes programas e como lidam com o mesmo. Em resposta, a profissional de edição da Editora Mazza Edições comentou:

Sim, mas foi exatamente a partir da lei 10.639, quando programas do MEC via FNDE decidiram adquirir livros nesse segmento para contemplar as escolas. Porque, até então, não conseguimos ter nenhum livro da nossa Editora aprovado e adquirido pelos programas de Governo. Mas foi também a partir daí que grandes editoras, pelo volume das compras desse segmento, resolveram criar um “selo negro” e, é claro,

competirem também agressivamente por essa nova oportunidade comercial (RODRIGUES, QUESTIONÁRIO, 2018).

Dando continuidade, destacamos um trecho da fala da profissional responsável pela edição da Editora Pallas no que diz respeito à participação em programas governamentais, acompanhe em seguida,

A Pallas já participou de todos os programas de governo, PNDE, PNLD complementar, PNAIC que era o Programa de Alfabetização na Idade Certa, e nesses últimos dois anos a gente ficou sem publicação de nenhum programa e por isso mês passado teve uma publicação de um programa que foi o PNLD 2018 Literário. Então a gente escreveu oito livros loucamente (risos) [...] a gente parou tudo que estávamos fazendo só para fazer isso, uma loucura, mas por outro lado se a gente tiver um livro selecionado isso pode significar muito para uma empresa do tamanho da gente, e ainda mais no momento de crise (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018).

Na fala de Maria Mazarello Rodrigues percebemos algumas marcas restritivas das avaliações feitas nos programas governamentais, a mesma ressalta que antes da Lei Federal 10.639/2003 (BRASIL, 2003) não conseguia ser aprovada nos editais de seleção desses programas, em contrapartida, a mesma lei fez com que outras editoras, que até então não se interessavam pela temática criasse “selos negros”, aumentando assim a competitividade. O que dialoga com a perspectiva da profissional de edição da Editora Pallas quando a mesma observou que com a respectiva lei houve um aumento do número de grandes editoras publicando livros sobre a temática racial de maneira descontextualizada. Por isto, ela queria dizer que as grandes editoras percebendo os lucros financeiros, começaram a investir na temática relacionada às questões raciais, embora, muitas delas, continuassem reproduzindo os estereótipos relacionados à população afrodescendente, bem como, mantendo os silenciamentos desse grupo racial na literatura. E assim, destacam-se novas estratégias para manter as máscaras de silenciamento.

Ao mesmo tempo, de acordo com o trecho da fala da responsável pela edição da Editora Pallas, a mesma já participou com mais recorrência em alguns programas governamentais, embora aponte as dificuldades nos últimos anos “*nesses últimos dois anos a gente ficou sem publicação de nenhum programa*” (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018). Reflexo das mudanças políticas e econômicas ocorridas no país, como a complicação repentina do quadro econômico, uma recessão planejada e a consequente queda no PIB (Produto Interno Bruto), no segundo semestre de 2014, além disso, para agravar a situação do

país, em 2016, ocorre a destituição e/ou derrubada de Dilma Roussef da presidência, passando a Michel Temer, seu vice, ao comando do país (JINKINGS, 2016).

Dando continuidade, na fala dessa mesma entrevistada é possível perceber a importância de uma editora independente conseguir ser aprovada nesses programas, “*se a gente tiver um livro selecionado isso pode significar muito para uma empresa do tamanho da gente, e ainda mais no momento de crise*” (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018). Embora, vale salientar que algumas editoras/es independentes acabam criando certa dependência nesse tipo de programa governamental, como explicam Araújo e Piazzzi:

Há uma crítica em relação ao fato de que muitas editoras têm se pautado pelas compras de governo e criado essa dependência, pois, com isso, elas não se preocupam em resolver outros problemas junto ao poder público, como o caso da distribuição e da logística. [...] Muitos programas governamentais encontram-se paralisados, o que vem ameaçando muitas editoras independentes, que miram o poder público como seu principal cliente (2015, p. 06).

Pesquisamos o resultado da seleção dos livros para o programa PNLD-Literário de 2018 e as duas editoras deste estudo tiveram livros aprovados. Na Editora Pallas, foi um total de 06 livros, a saber:

1. Caderno de Rimas do João; Autor: Lázaro Ramos (categoria 1º ao 3º ano do ensino fundamental);
2. Cadernos sem Rimas da Maria; Autor: Lázaro Ramos (categoria 4º e 5º ano do ensino fundamental);
3. Ombela – a origem das chuvas; Autor: Ondjak (categoria 4º e 5º ano do ensino fundamental);
4. Olhos d’água; Autora: Conceição Evaristo (categoria: 1º ao 3º ano do ensino médio);
5. Ponciá Vivêncio; Autora: Conceição Evaristo (categoria: 1º ao 3º ano do ensino médio);
6. Becos da memória; Autora: Conceição Evaristo (categoria: 1º ao 3º ano do ensino médio); (EDITORA PALLAS, 2018).

No que diz respeito à Editora Mazza Edições três livros foram selecionados, sendo eles:

1. O doce segredo de Ogbón; Autora: Sandra Lane (categoria: 4 a 5 anos e 11 meses de idade);

2. Rapunzel e Quibungo; Autores: Cristina Agostinho e Ronaldo Simões (categoria: 1º ao 3º ano do ensino fundamental);
3. Por onde andará a vaca amarela; Autor: Adriano Bitarães Netto (categoria: 4º e 5º ano do ensino fundamental); (EDITORA MAZZA EDIÇÕES, 2018).

O êxito em ser aprovado no edital de seleção de livros de um programa governamental significa muito, principalmente para editoras independentes com linhas editoriais específicas, no que se refere à circulação, distribuição e rentabilidade financeira, e mais do que isso, potencializar ensinamentos e aprendizagens até então negadas nas escolas. No caso das editoras deste estudo, as temáticas relacionadas à afrodescendência, ao continente africano e as diversidades estarão presentes nas escolas públicas do país, podendo proporcionar nesses ambientes de educação formal, aberturas epistemológicas, reconhecimento das diferenças, valorização das identidades e outros aspectos do Brasil pouco discutido e trabalhado em sala de aula. Contribuindo assim para o fortalecimento das epistemologias do Sul provocando práticas/attitudes convidativas de uma “ecologia de saberes”, como disse Boaventura de Sousa Santos (2007). Entretanto, é preciso aprofundar a real efetivação e utilização desses livros nas escolas: Todas as escolas recebem esses livros? São de fato utilizados em sala de aula? Que discussões são realizadas? São apenas algumas indagações que merecem atenção e podem servir de projetos de pesquisas futuras.

Evidenciamos também nas respostas das entrevistadas algumas características e critérios na seleção dos títulos de cada editora da pesquisa. Sobre isso, Maria Mazarello Rodrigues, responsável pela edição da Mazza Edições mencionou alguns detalhes, como,

Os títulos são muitas vezes selecionados a partir da demanda, especialmente dos professores que têm dificuldade de encontrar publicações que atendam às suas necessidades para desenvolver seus trabalhos em salas de aula. Mas acredito também que as nossas publicações colaboram na formação de leitores por esse Brasil afora, especialmente no que se refere às nossas obras infantis. [...] A seleção dos autores se dá em função da temática abordada pela editora. Podemos dizer que grande parte de nossos autores são afrodescendentes e que os textos que nos propõem atendem à nossa demanda (RODRIGUES, QUESTIONÁRIO, 2018).

Em seguida, apresentamos a resposta da profissional de edição da Editora Pallas sobre a mesma questão,

[...] primeira coisa é que a temática seja dentro do que a editora publique. Segundo que tenha uma relevância, que a gente não tenha nada parecido no nosso catálogo com aquilo. Então depois obviamente a gente examina a qualidade do texto e quanto o autor tá aberto a discutir. [...] eu acho que a composição de um catálogo, ela se da

por nomes que já são fortes no mercado editorial [...] e autores novos porque a editora independente tem essa função de descobrir os atores, de descobrir as histórias de apostar no novo e não ter medo (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018).

A partir das falas expostas percebemos que os critérios utilizados pelas editoras da pesquisa se aproximam principalmente no que diz respeito à temática, “*se dá em função da temática abordada pela editora*” (RODRIGUES, QUESTIONÁRIO, 2018); “*temática seja dentro do que a editora publique*” (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018). Além disso, as profissionais de edição fizeram algumas ponderações como a preocupação com a demanda, principalmente em relação aos professores, como Maria Mazarello Rodrigues (2018) pontuou “*especialmente dos professores que têm dificuldade de encontrar publicações...*”; formação de leitores/as em contato com outras epistemologias, como discorre a mesma “*nossas publicações colaboram na formação de leitores por esse Brasil afora*”; e ainda ressaltou seu compromisso em fomentar a publicação de autoras/es afrodescendentes “*grande parte de nossos autores são afrodescendentes*”.

Por outro lado, a profissional de edição da Editora Pallas destaca outros aspectos como a relevância do livro, um dos critérios utilizados é a novidade temática das obras “*que a gente não tenha nada parecido no nosso catálogo com aquilo*” (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018); outro ponto é a relação da editora com a/o autora/o, demonstrando ser uma conversa de negociação do que melhor se adequa ao livro proposto “*quanto o autor tá aberto a discutir*” (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018), além disso, destacou a importância de manter autoras/es renomados, mas também de procurar novas escritoras/es.

Achamos oportuno conhecer a relação das editoras com as escolas, como é a dinâmica de envolvimento entre esses dois espaços? As editoras conseguem estabelecer maior aproximação? Realizam algum tipo de atividade envolvendo os livros e as/os autoras/es? Diante do que as profissionais de edição disseram em respostas ao questionário aberto e entrevista via *Skype*, elencamos alguns trechos que indicam algumas pistas de respostas para essas indagações. Iniciamos com as ponderações de Maria Mazarello Rodrigues,

Penso que a própria linha editorial da Mazza já colabora – e muito – com programas educacionais e culturais, já que os professores, especialmente levando em conta o cumprimento da lei 10.639, utilizam frequentemente nossas publicações – nas escolas públicas, em sua maioria. Em muitas particulares, infelizmente só em datas específicas, para cumprir exigências do currículo (RODRIGUES, QUESTIONÁRIO, 2018).

Ao mesmo tempo, a profissional de edição da Editora Pallas comentou que

Às vezes a gente faz o contato direto, mas a gente não tem braço para tudo, mesmo em São Paulo aqui no Rio, no nordeste, em Belo Horizonte, no sul a gente tem representantes que fazem o trabalho nas escolas e que os livros culminam na adoção e muitas vezes com a presença do autor na escola, e a escola trabalha o ano todo com aquele livro. Ai no fim do ano o autor vai lá e dar uma palestra (EDITORA PALLAS, ENTREVISTA, 2018).

Diante do que foi exposto constata-se que na Editora Mazza Edições a relação com as escolas é de forma indireta e novamente destaca a importância da Lei Federal 10.639/2003 (BRASIL, 2003) como potencializadora da utilização dos livros relacionados à afrodescendência no espaço escolar, destacou ainda que algumas escolas privadas utilizam os livros apenas em datas comemorativas “*para cumprir exigências do currículo*” (RODRIGUES, QUESTIONÁRIO, 2018). Enquanto isso, na Editora Pallas percebemos uma dinâmica diferente, como a utilização de representantes nas escolas e até mesmo a ida de algumas autoras/es nesses espaços como forma de produzir novos diálogos, embora durante a entrevista, a profissional de edição esclareceu que esse tipo de evento é mais comum nas escolas privadas.

A inserção desses livros nas escolas, em especial nas públicas, favorece que crianças com poucas condições econômicas tenham contato com esse tipo de literatura. Quem tem acesso a esses livros e como os mesmos estão sendo inseridos nas escolas podem ser pontos de partida para pesquisas futuras. Seja por meio de programas governamentais ou atividades diretas nas escolas por parte das editoras, essa aproximação é citada como necessária, como forma de garantir o reconhecimento de outros conhecimentos, representações, identidades, possibilitando novas aberturas, sejam elas epistemológicas e/ou identitárias.

## 5.2 Os catálogos: as meninas afrodescendentes na literatura infantil

Como vimos no início desta pesquisa, algumas mudanças no cenário editorial foram possibilitadas a partir das medidas de Monteiro Lobato, além disso, é a partir dos meados do século XX que a literatura voltada para o público infantil ganha força, pois Lobato investe em autores desconhecidos, melhora a aparência dos livros e passa a divulgar os livros nos jornais. Segundo Hallewell (1985), os livreiros até então não estavam dispostos a se arriscar já que o mercado do livro não era seguro, e por isso, os catálogos quase não eram utilizados, sendo a divulgação boca a boca mais recorrente, o autor ainda aponta que com o aumento da oferta e procura de livros infantis, os meios de divulgação como os catálogos começaram a se expandir.

Com os avanços informáticos e tecnológicos os catálogos ganham novos contornos, existindo desde aqueles de material impresso, de aparência mais elaborada e com conteúdo detalhado e organizado para melhor leitura e aproximação com o público, como também aqueles disponibilizados na *internet*, podendo ser uma espécie de livro digitalizado ou ser apresentado no corpo do próprio *site* das editoras. Os catálogos utilizados nesta pesquisa são desse último tipo exemplificado.

Percebemos algumas diferenças na constituição dos catálogos das editoras da pesquisa. O primeiro, da editora Mazza Edições está disponível na seção “catálogo” encontrado na parte superior da página de seu *site*, após clicar nessa seção a/o internauta é direcionado ao catálogo, organizado de acordo com os seguintes segmentos: “Todos; Infanto-Juvenil; Ensaio; Literatura; Peninha; Pensar a Educação; Kits”. A separação dos livros por segmentos ajuda a/o visitante encontrar com mais facilidade o que procura. Para ter acesso aos livros deve-se clicar na capa do mesmo, sendo direcionado para outra página contendo algumas informações como: detalhes da obra (ISBN, autoras/es, ilustradora/o, dimensões e páginas); sinopse da obra e preço.

Enquanto que ao acessar o *site* da Editora Pallas já somos direcionados ao seu catálogo e semelhante ao da Editora Mazza Edições está dividido em algumas categorias, como: “Religião; Magia; Auto Ajuda; Jogos; Obras de referência; Não ficção; Ficção; Poesia; Infantil; Juvenil”. Para conhecer mais sobre os livros o processo é semelhante ao da Editora Mazza. Após clicar na capa dos livros tem-se acesso as seguintes informações: detalhes da obra (código, edição, páginas, ISBN, idioma, formato); preço; sinopse da obra. Estas informações também estão acessíveis para *download* no item “*Download do Release*”.

Nesse exercício de conhecer as editoras e tentar compreender as respostas/medidas de algumas dessas instituições em relação às ausências e esquecimentos de meninas descendentes de africanas/os na literatura considerada infantil buscamos estabelecer o número de publicações com personagens femininas afrodescendentes e a partir disso, outros elementos foram evidenciados como, os temas das obras; a autoria e os anos de publicação. A seguir apresentamos os resultados obtidos.

### 5.2.1 As meninas afrodescendentes na literatura infantil: o sapatinho de cristal desapareceu!

A menina afrodescendente ficou por tempos esquecida, invisibilizada e caracterizada de maneira estereotipada na literatura infantil. Os sapatinhos de cristais até então utilizados apenas pelas princesas de fenótipo eurodescendente ganham novas formas e contornos, tornando-se tênis com as meninas afrodescendentes. Novos calçados que dizem outras representações de feminilidade, em especial das meninas descendentes de africanas/os. Pensando nisso, buscamos nos catálogos das editoras Mazza Edições e Pallas os livros com personagens femininas afrodescendentes para tecermos considerações sobre o papel desempenhado por essas empresas em resposta ao silenciamento dessas personagens na literatura infantil.

Tendo em vista que o foco deste trabalho são as publicações com personagens afrodescendentes femininas, foram realizados alguns quadros referentes à descrição desses livros, sua autoria e ano de publicação. Os períodos de levantamento dessas informações ocorreram nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2018. Até o período em questão, foram publicadas 75 obras infantis na editora Mazza Edições e 50 obras na Editora Pallas. Dentre esses livros publicados, classificamos na categoria da afrodescendência um total de 40 e 36 obras respectivamente. Partindo desses últimos números delimitamos a quantidade de livros com personagens femininas afrodescendentes das editoras desse estudo, a saber, a Editora Mazza Edições publicou nessa categoria 16 livros e a Editora Pallas 10 livros. Acreditamos que essa quantidade poderia ter sido maior. Entretanto, pelas questões logísticas e de prazo, somente podemos trabalhar com estas informações já apresentadas. Acompanhe a seguir, no quadro 01 as informações referentes à editora Pallas:

**Quadro 01. Livros com protagonistas femininas afrodescendentes - Editora Pallas**

Nº	Título	Ano	Autora	Palavras-chave
1.	O Tabuleiro da baiana	2006	Sônia Rosa	Baianas. Vendedoras de quitutes.
2.	Palmas e Vaias	2009	Sônia Rosa	Adolescência. Mudanças no corpo. Diferenças. Superação.
3.	Bruna e a galinha d`angola	2009	Gercilga de Almeida	Universo mítico africano. Criação do universo. Identidade.
4.	As Gueledés - a festa das máscaras	2010	Raul Lody	Poder da mulher africana. Mães africanas. Senhoras da Noite.
5.	Lulu adora a biblioteca	2012	Anna McQuinn	Menina afrodescendente. Livros.
6.	Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta	2012	Sônia Rosa	Escravizada afrodescendente. Carta denúncia. Escravização.
7.	O cabelo de Cora	2013	Ana Zarco	Cabelo Crespo. Discriminação. Autoestima. Identidade
8.	Lulu adora histórias	2014	Anna McQuinn	Menina afrodescendente. Livros.
9.	Ombela a origem das chuvas	2014/ 2018	Ondjak	Deusa angolana. Origem da chuva.
10.	Janaína já sabe contar	2016	Geraldo Valério	Números. Contagem de 01 a 10.

Fonte: Produzido pela autora com base no catálogo *online* da Editora Pallas, 2018.

Observamos a partir do Quadro 01 que existe um maior número de obras com personagens femininas afrodescendentes de autoria feminina (07) em relação aquelas de autoria masculina (03). Não obtivemos informações suficientes no catálogo da Editora Pallas em relação ao pertencimento racial das quatro autoras apresentadas no quadro acima, mas ainda podemos inferir que a escrita feminina é incentivada pela editora em destaque. Destacamos ainda que algumas autoras publicaram mais de uma vez na categoria estudada, a saber, Sônia Rosa, com três publicações e Anna McQuinn com duas obras publicadas.

Os temas das obras evidenciadas no Quadro 01 são diferenciados, como identidade, aceitação do corpo, denúncia do sistema escravista, relação com a leitura, aprender os números, cultura afro-brasileira, deusas africanas e poder da mulher africana. São temas que desnaturalizam os estereótipos que recaem de maneira interseccional as mulheres afrodescendentes, mostrando outras formas e realidades de serem menina e mulher descendente de africanas/os da diáspora. Demonstramos a seguir no Quadro 02 as informações referentes à Editora Mazza Edições:

**Quadro 02. Livros com protagonistas femininas afrodescendentes – Editora Mazza Edições**

Nº	Título	Ano	Autora	Palavras-chave
1.	A Ginga da Rainha	2005	Iris Maria da Costa Amâncio	Rainha Njinga. Contexto atual.
2.	Entremeio Sem Babado	2007	Patrícia Santana	Menina Curiosa. Nome africano.
3.	Mãe Dinha	2007	Maria do Carmo Galdino	Anciã afrodescendente. Identidade.
4.	Cadarços Desamarrados	2008	Madu Costa	Menina sonhadora.
5.	Betina	2009	Nilma Lino Gomes	Cabelos crespos. Valorização. Identidade.
6.	Omo-oba: História de Princesas	2009	Kiusam de Oliveira	Princesas africanas. Mitos africanos.
7.	Meninas Negras	2010	Madu Costa	Identidade. Griots. Antepassados.
8.	A Princesa e o Vento	2010	Martha Rodrigues / Alexandre Rosalino	Princesa afrodescendente. Conto de fadas moderno.
9.	Cheirinho de Neném	2011	Patrícia Santana	Ciúmes. Adaptação.
10.	Joãozinho e Maria	2012	Maria Cristina A. de Andrade/Ronaldo S. Coelho	Readaptação de João e Maria. Contexto brasileiro.
11.	Rapunzel e o Quibungo	2012	Cristina Agostinho / Ronaldo Simoes Coelho	Rapunzel afrodescendente. Contexto brasileiro.
12.	Gabriela a Princesa do Daomé	2013	Martha Rodrigues	Princesa afrodescendente contemporânea.
13.	Afra e os Três Lobos Guaras	2013	Maria Cristina Agostinho de Andrade/Ronaldo Simoes Coelho	Readaptação Cachinhos Dourado. Contexto brasileiro.
14.	Cinderela e Chico Rei	2014	Ronaldo Simões Coelho/ Maria Cristina Agostinho de Andrade	Readaptação de Cinderela. Contexto brasileiro;
15.	Pequenas Alegrias	2016	Neusa Sorrenti	Relações familiares. Dinheiro. Amor.
16.	A Neta de Anita	2017	Anderson de Oliveira	Ancestralidade. Racismos. Discriminações.

Fonte: Produzido pela autora com base no catálogo *online* da Editora Mazza Edições, 2018.

A mesma situação apresentada na editora anterior foi evidenciada na editora Mazza Edições onde se observa no Quadro 02 que existe uma maior quantidade de livros sobre

meninas afrodescendentes de autoria feminina (10) e apenas (01) de autoria masculina, entretanto, tivemos uma categoria diferente que é a autoria em conjunto totalizando (05) publicações. No que diz respeito ao número de publicação por autoras/autores, observamos que algumas autoras publicaram mais de uma vez, como Madu Costa, com duas obras; Martha Rodrigues publicou uma vez sozinha e em parceria com o autor Alexandre Rosalino; Patrícia Santana, com dois livros e também tivemos Maria Cristina Agostinho de Andrade e Ronaldo Simões Coelho com quatro publicações em conjunto.

Dentre as autoras destacadas no Quadro 02 encontramos algumas informações sobre Patrícia Santana, Madu Costa, Nilma Lino Gomes, Kiusam de Oliveira e Iris Amâncio, no Portal Literafro - Portal da literatura afro-brasileira da UFMG e no livro “Editoras Mineiras panorama histórico” de 2009 organizado por Sônia Queiroz. Patrícia Santana oriunda de Belo Horizonte é escritora e professora da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, possui mestrado em Educação pela UFMG, com a dissertação “Professores(as) negros(as) e relações raciais: percursos de formação e transformação”, defendida em 2003 e doutorou-se em 2015 na mesma instituição, com a seguinte tese “Modos de ser criança no quilombo Mato do Tição, Jaboticatubas-MG” (LITERAFRO, 2018).

Maria do Carmo Ferreira da Costa conhecida como Madu Costa nasceu na cidade de Belo Horizonte em 1953. Desde criança gostava de escrever, desenhar e cantar. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais e pós-graduação em Arte Educação pela PUC-Minas. Além disso, participa de várias oficinas ministrando cursos de contação de histórias com o Grupo Conta e Encanta (LITERAFRO, 2018).

Nilma Lino Gomes é graduada em Pedagogia e mestra em Educação pela UFMG, além de doutora em Antropologia Social pela USP, suas publicações são diversificadas, desde livros e artigos destinados ao público universitário até livros de ficção voltados para crianças e jovens. Algumas de suas produções são: “A mulher negra que vi de perto - o processo de construção da identidade racial de professoras negras”, 2003, (não ficção); “Sem perder a raiz. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra”; 2006, (não ficção); “Betina”, 2009, (infanto-juvenil) e “O menino coração de tambor”, 2013, (infanto-juvenil), dentre várias outras (LITERAFRO, 2018).

Kiusam de Oliveira nasceu em Santo André - SP, é professora da Universidade Federal do Espírito Santo, possui Mestrado em Psicologia e Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo, algumas de suas obras são: “Duas Histórias de Autodeterminação”, 2001, (não ficção); “O papel da consciência sociorracial na luta contra o racismo”, 2007, (não ficção); “Omo-Oba Histórias de Princesas”, 2009, (infanto-juvenil); “O

Mundo no Black Power de Tayó”, 2013, (Infantil); “O mar que banha a ilha de Goré”, 2014, (infanto-juvenil), (LITERAFRO, 2018).

Iris Maria da Costa Amâncio além de escritora é também editora. Nasceu em Murié e nesse mesmo lugar criou a livraria Veredas. Depois em 2006, fechou sua livraria e mudou-se para Belo Horizonte, onde em parceria com Rosa Margarida, escritora e pedagoga, abriram as portas da editora Nandyala, em setembro de 2006. A editora em questão é especializada na temática da afrodescendência e o nome “Nandyala” é oriundo do grupo étnico Nyaneka-Nkumbi, localizado no planalto do Sudoeste de Angola e significa “nascido em tempo de fome”, representando a necessidade de suprir a falta de literatura africana e afrodescendente no Brasil (ASSIS; SABINO; MATOS; FONSECA; RIBEIRO, 2009).

Destacamos aqui cinco autoras afrodescendentes que evidenciam os lugares de falas de resistências em suas obras empenhadas em romper com os padrões dominantes que a todo o momento cria mecanismo de desqualificação e apagamento. Demonstrando, assim, o compromisso da editora Mazza Edições em incentivar e fomentar a escrita de mulheres brasileiras descendentes de africanas/os. Com seus lugares de falas, essas mulheres escritoras traduzem de maneira potente questões relacionadas à identidade, estética, aceitação, combatendo os racismos e machismos enraizados na sociedade brasileira.

Os temas das obras destacadas no Quadro 02 estão relacionados à identidade, aceitação da estética afrodescendente, relações familiares, figura de mulheres afrodescendentes da história e readaptações de contos clássicos focalizando num contexto brasileiro. Essas obras tratam das diversas perspectivas de ser menina afrodescendente apontando aspectos relacionados à identidade, estética, situações do cotidiano em contextos históricos diferenciados e assim, poderiam estar demonstrando o compromisso de reverter à desqualificação criada e imposta as mulheres afrodescendentes, seja em relação a sua identidade, culturas ou produção de conhecimento. Temas variados que alcançam as crianças, sobretudo as meninas afrodescendentes que desejam se encontrar nos livros infantis.

No que se refere ao Selo Peninha da Editora Mazza Edições, encontramos poucos livros sobre meninas afrodescendentes, totalizando apenas (03), sendo apenas um de autoria feminina, os demais foram de autoria masculina. Os temas desses livros voltam para as questões das identidades e ancestralidades. Sobre os anos de publicação não encontramos estes dados nas informações contidas no catálogo da editora da pesquisa tampouco no *site* do ISBN, exceto do livro “Embolando palavras” como pode ser observado no quadro 03:

**Quadro 03. Livros com protagonistas femininas afrodescendentes – Selo Peninha,  
Editora Mazza**

<b>Nº</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Autora</b>	<b>Palavras – chave</b>
1.	Embolando palavras	2013	Madu Costa	Relação menina e avó afrodescendente; Ancestralidades.
2.	O pente penteia	Não identificado	Olegário Alfredo	Identidade afrodescendente. Cabelos Crespos.
3.	Quando a lua nasce	Não identificado	Gustavo Gaivota	Primeiras palavras. Alfabetização.

Fonte: Produzido pela autora com base no catálogo *online* da Editora Mazza Edições, 2018.

Ficamos sabendo que as publicações sobre meninas afrodescendentes na Editora Mazza Edições foi a partir de 2005 com a obra “A ginga da Rainha” de Iris Amâncio e na Editora Pallas desde 2006, com o livro “O tabuleiro da Baiana” de Sônia Rosa. Desde então foram realizadas 01 a 02 publicações por ano nessa categoria. Demonstrando um comprometimento das empresas estudadas com a reversão dos estereótipos negativos em relação às meninas afrodescendentes, bem como, da sua invisibilização na literatura infantil.

Destacamos a importância do fomento a esse tipo de livro como forma de subsidiar e implementar as leis federais 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e 11.645/2008 (BRASIL, 2008), pois a literatura afrodescendente se apresenta como alternativa e ferramenta para aplicação das referidas leis nas escolas brasileiras, como sugere o segundo parágrafo do Artigo 26<sup>a</sup> da LDB/1996: “§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008)” (BRASIL, 1996). Ao mesmo tempo em que as editoras especializadas em obras sobre afrodescendência ajudam na aplicação das leis em destaque, essas últimas, servem como incentivo para a manutenção desse tipo de publicação.

Outro ponto de destaque se refere aos temas dos livros que abordam as protagonistas afrodescendentes, como identidades, estética, mulheres afrodescendentes representadas como deusas e princesas modernas, as diversidades do continente africano, entre outras. Esses temas contribuem para a construção de um imaginário positivo em relação à menina/mulher afrodescendente, possibilitando que crianças afrodescendentes, em especial, as meninas percebam variadas formas de ser mulher descendente de africanas/os, além disso, ensinam as crianças não-afrodescendentes a reconhecer e compreender as diversidades e diferenças existentes na sociedade que vivem.

Em seguida, apresentamos algumas considerações sobre os ensinamentos das profissionais de edição dessa pesquisa, bem como, dos catálogos estudados.

### **5.3 Tentando compreender os dados: o que ensinam as profissionais de edição e os catálogos?**

O que podem ensinar as profissionais de edição participantes dessa pesquisa? Essa pergunta gira em torno da discussão já feita nesse estudo sobre “educações” pautada por Brandão (2007) para quem considera a educação de maneira plural, e por isso, “educações”, a mesma ocorre em todos os lugares e não necessariamente num espaço formal, como as instituições de ensino. Como destaca o referido autor:

A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como idéia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos (BRANDÃO, 2007, p. 10).

Assim, as mulheres desse estudo com suas experiências e estratégias empreendidas no mercado editorial podem nos trazer múltiplos ensinamentos. No decorrer das entrevistas percebemos que as profissionais que colaboraram com a pesquisa lançaram-se no mercado editorial provocando mudanças e rupturas na estrutura vigente. Maria Mazarello Rodrigues, fundadora e editora da “Mazza Edições”, vivenciou (e ainda vivencia) situações discriminatórias interseccionais, encontrando na edição de livros uma forma de romper com as máscaras de silenciamentos e com as malhas finas e diluídas do epistemicídio. Com as adversidades da vida, ela se reinventa, persiste e enfrenta. Isso nos faz lembrar o fenômeno da resiliência proposto por Martins (2013) se baseando na sua pesquisa intitulada “*Afrosilientes: a resiliência de mulheres afrodescendentes de sucesso educacional*”:

Se for verdade que diante da adversidade, do trauma, do risco, a melhor saída é reconhecer a “queda” e dar a “volta por cima”, uma melhoraria nos recursos pessoais, aqui chamados de modelos de resiliência, muito podem contribuir para diminuir o sofrimento e para superar a adversidade. A verdadeira mudança, em particular em uma época de incerteza, passará mais pelo fortalecimento dos recursos pessoais, das forças e das virtudes do caráter, pelo enriquecimento das aptidões de adaptação, isto é, pela capacidade de resiliência (MARTINS, 2013, p. 93).

É sobre esse fortalecimento dos recursos pessoais e das aptidões de adaptação que evidenciamos na trajetória da profissional de edição Maria Mazarello, uma mulher afrodescendente que trabalhou como faxineira numa editora e conseguiu posteriormente abrir sua própria editora, preocupada, sobretudo, em fomentar a publicação de autoras/es afrodescendentes, além disso, proporcionando que crianças descendentes de africanas/os se sintam representadas em seus livros. As estratégias e atividades/medidas realizadas para consolidar-se no mercado editorial também evidenciam esse fortalecimento de adaptação, como, a manutenção da linha editorial voltada especificamente a afrodescendência, o compromisso de fomentar a publicação de autoras/es afrodescendentes, a persistência em participar de programas governamentais, lançar no mercado livros para o segmento infantil, criar outros selos editoriais na própria editora, encontrar brechas nas escolas para inserir os livros produzidos, corresponder a demanda de professoras que procuram livros relacionados a afrodescendência. Essas estratégias e medidas são processos de fortalecimento e adaptação ao mercado editorial brasileiro com suas disputas e dominações epistemológicas, econômicas, sociais e culturais.

Nesse mesmo processo de adaptação e construção de estratégias para se consolidar no mercado editorial também evidenciamos respostas ousadas e criativas empreendidas pela profissional de edição da Editora Pallas. As *linhas abissais* propostas por Boaventura de Sousa Santos (2007) que demarcam os lugares das “grandes” e “pequenas” editoras são a todo o momento perfurado por medidas realizadas pela profissional de edição da Editora Pallas, os lugares impostos e pré-definidos por essas estruturas, são colocado em xeque, quando esta profissional adentra os espaços até então negados as editoras independentes, como a participação em feiras internacionais, a venda de direitos autorais, a persistência na participação em programas governamentais. São medidas que causam rachaduras nas linhas abissais do conhecimento, e conseqüentemente nas malhas do epistemicídio.

A escolha da linha editorial e sua manutenção desde a fundação dessas editoras até o presente momento demonstram a resistência dessas mulheres e principalmente o compromisso de reverter o imaginário negativo que recai sobre as/os afrodescendentes, e aqui, lançamos um olhar mais cuidadoso às mulheres afrodescendentes, que de maneira interseccional convivem-resistem-persistem com as discriminações raciais-gênero-classe e outras cotidianamente. Essas editoras (empresas/agências culturais) ao proporcionar literaturas que representam de maneira valorativas as meninas e mulheres afrodescendentes ajudam na reversão do imaginário negativo sobre elas, bem como, auxiliam na construção de suas identidades. É cada vez mais necessário que os segmentos da população mais marginalizadas/os como as/os

afrodescendentes, indígenas, homoafetivos se sintam representadas/os de maneira positiva na literatura e em outras mídias. A persistência em manter-se no mercado editorial levantando o compromisso de fomentar a literatura afrodescendente diz muito sobre essas mulheres. Colocam nos seus ofícios uma vocação social, um dever cultural, responsabilidade política e prática educativa. Elas nos ensinam a nos manter fortes e continuar persistindo na luta contra o epistemicídio.

As respostas das profissionais de edição desse estudo frente aos silenciamentos causados pelo epistemicídio na literatura e no mercado editorial proporcionam aprendizagem com as Epistemologias do Sul e a ruptura da monocultura do saber através da ecologia de saberes, viabilizada por estratégias que usam brechas nas práticas editoriais quanto aos programas oficiais do Estado, como propõe Santos,

O pensamento pós-abissal pode ser sintetizado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul. Ele confronta a monocultura da ciência moderna com uma ecologia de saberes, na medida em que se funda no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia. A ecologia de saberes se baseia na idéia de que o conhecimento é interconhecimento (2007, p. 85).

Os catálogos das editoras deste estudo também trouxeram informações enriquecedoras para o entendimento do funcionamento, da constituição e da imagem das empresas estudadas, além disso, mostraram indícios da visão de mundo da/o editora/o. Ajudou-nos a traçar relações importantes, como tema, autoria e anos de publicação e assim, descrever as medidas que essas instituições estão realizando frente aos silenciamentos de meninas afrodescendentes na literatura infantil. Como estratégias educativas. O que poderiam estar ajudando ensinar é a pauta da discussão aqui.

Muniz Jr. (2010) colabora com a proposição acima mencionando que “[...] um catálogo editorial dá indícios de uma visão de mundo: o editor ‘se diz’ a partir do que ele considera digno de ser dito, dos autores cujas vozes ele decide amplificar. Publicar, o ato de tornar público, é uma ação política, uma tomada de posição no campo das ideologias” (p. 06). A função da/o editora/o é acima de tudo política, são elas/es que decidem o que publicar; qual autora/o; para quem. Elabora assim estratégias mercadológicas que visam atender seus objetivos. E como bem discorrido por Muniz Jr., no catálogo percebemos as concepções e ideias da/o editora/o, aquilo que de fato acreditam, poderia então ser indissociável a visão de mundo da/o editora/o e seu catálogo?

Os catálogos ensinaram que uma composição diversificada de livros com protagonistas descendentes de africanas/os consegue ampliar, consolidar e ajudar na reversão dos estereótipos negativos relacionados a essa parcela da população, bem como, apresentar outras possibilidades de feminilidade, positivar as identidades interseccionais de gênero-raça-classe e incentivar aprendizagens com as diferenças. O importante não seria tanto a quantidade, mas a qualidade dessas obras, ou seja, como o conteúdo desses livros pode contribuir para a reversão do epistemicídio e alimentar a construção positiva das identidades afrodescendentes.

Diante das informações obtidas dos catálogos das editoras da pesquisa relacionados às publicações com personagens femininas afrodescendentes percebeu-se que as/os autoras/es, em sua maioria, publicaram apenas uma vez, sendo poucas/os aquelas/es que conseguiram mais de uma publicação. Oliveira e Rodrigues (2016) denominam esse fenômeno como “autores bissexto” que corresponde a não regularidade de publicação e explicam alguns fatores que ocasionam essa situação:

Essa condição pode ser explicada por alguns fatores relacionados a tradição letrada, em especial, dos afrodescendentes no Brasil, como as condições específicas de produção e recepção dessa literatura, os lugares que ocupam os/as escritores/as, o acesso a formação escolar e os meios de produção, os preconceitos, discriminações e exclusões (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2016, p. 95).

Importante destacar que tal situação era recorrente desde as primeiras tentativas de instauração da atividade editorial no Brasil. Hallewell (1985) aponta que até 1930 eram frequentes os autores editarem suas próprias obras, visto as dificuldades e insegurança financeira do mercado da época. As dificuldades parecem ser maiores quando se trata de uma literatura produzida por afrodescendentes uma vez que essa produção era (ainda é) encarada como sendo de menor valor decorrente das concepções colonialistas que acarretam no epistemicídio.

Os temas trazidos nos livros das duas editoras pesquisadas são respostas ao silenciamento das/os afrodescendentes na literatura infantil clássica que reproduz apenas um tipo de beleza e cultura, referente ao continente europeu. E assim, mostra-se como estratégia potente para romper com as “máscaras de silenciamento” produzido pelo pensamento abissal e epistemicídio.

Em relação aos livros que trazem como protagonistas meninas afrodescendentes percebe-se a valorização dada aos atributos estéticos, culturais e sociais das personagens, rompendo com as naturalizações dos estereótipos raciais-gênero-classe. Sobre a perpetuação

desses estereótipos ao longo da história na literatura infantil brasileira, Jovino (2006) explica que

[...] os personagens negros só aparecem a partir do final da década de 20 e início da década de 30, no século XX. É preciso lembrar que o contexto histórico em que as primeiras histórias com personagens negros foram publicadas, era de uma sociedade recém saída de um longo período de escravidão. As histórias dessa época buscavam evidenciar a condição subalterna do negro [...] Somente a partir de 1975 é que vamos encontrar uma produção de literatura infantil mais comprometida com uma outra representação da vida social brasileira; por isso, podemos conhecer nesse período obras em que a cultura e os personagens negros figurem com mais frequência (p. 187).

E mais especificamente sobre a personagem feminina afrodescendente, Jovino (2006) menciona que sua caracterização pode ser dividida em três fases. Até a década de 1930, considerada a primeira fase, onde a mulher afrodescendente na literatura infantil era retratada como empregada doméstica, a exemplo de Tia Nastácia, da obra de Monteiro Lobato “Sítio do Pica Pau Amarelo”. A segunda fase, a partir de 1975, as personagens femininas descendentes de africanas/os são retratadas numa perspectiva de “embranquecimento”, são passivas as discriminações e as mães afrodescendentes subservientes. A terceira fase, a partir da década de 1980, mostra a mulher afrodescendente elaborando respostas de resistências frente às discriminações, resgatando e valorizando sua identidade racial, bem como, desenvolvendo outros papéis sociais.

Esse processo de mudanças nas representações das meninas/mulheres afrodescendentes na literatura está relacionado com as reivindicações levantadas pelas mulheres afrodescendentes nas décadas de 70 e 80 quando tentavam inserir as questões de raça-gênero tanto no “Movimento Feminista” como no “Movimento Negro”, pois “[...] esses movimentos acabaram produzindo formas de opressão internas, na medida em que silenciaram diante de formas de opressão que articulassem racismo e sexismo, posicionando as mulheres negras em uma situação bastante desfavorável” (RODRIGUES; PRADO, 2010, p. 449). Assim, as mulheres afrodescendentes colocavam em pauta as especificidades de gênero-raça numa sociedade machista, sexista e racista, como a brasileira.

Os livros publicados pelas editoras da pesquisa estão inseridos na terceira fase citada por Jovino (2006). Percebemos na descrição desses livros temas relacionadas à valorização das identidades, aceitação corporal, estética e cultural, outras funções sociais, resgate de personagens históricas que foram símbolo de resistência, entre outros. A personagem feminina afrodescendente deixa de assumir papéis inferiorizados para demonstrar outras

formas valorativas de ser mulher descendente de africanas/os, protagonistas bonitas e competentes.

Com as leis 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e 11.645/2008 (BRASIL, 2008) o mercado editorial brasileiro ganhou um novo “filão”: a literatura infantil voltada às temáticas afrodescendentes e indígenas, pois a literatura passa a ser vista como ferramenta para uma possível implementação dessas leis nas escolas, como evidenciado nas falas das entrevistadas dessa pesquisa. Hoje com as mudanças governamentais, a Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003) foi substituída pela Lei 11.645/2008 (BRASIL, 2008), resultando numa possível manobra política para deslegitimar uma conquista dos grupos organizados de afrodescendentes que reivindicaram a criação da primeira lei, porém a força da mesma ainda parece repercutir no cenário educacional e literário brasileiro, mesmo que de maneira mais branda. Nilma Lino Gomes (2012) aponta que “[...] a mudança estrutural proposta por essa legislação abre caminhos para a construção de uma educação anti-racistas que acarreta uma ruptura epistemológica e curricular, na medida em que torna público e legítimo o ‘falar’ sobre as questões afro-brasileiras e africanas” (p. 105). As mudanças provocadas pelas leis não as deixam morrer.

Realizamos recentemente uma pesquisa sobre as influências dessas leis em relação ao mercado editorial e as literaturas afro-brasileira, moçambicana e angolana e constatamos que,

A consolidação das editoras especializadas na afrodescendência [...] principalmente aquelas que possuem mais de 30 anos de mercado, a saber, Pallas, Mazza Edições e Selo Negro Edições, e o surgimento de outras editoras em períodos posteriores às Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, como Nandyala, Ciclo Contínuo Editorial, Kapulana, Ogum’s e Malê Edições, sugere que as leis influenciaram direta e/ou indiretamente nesse cenário, pois, em termos legais, as literaturas afro-brasileira e africanas tomaram-se requisitadas pelas escolas. Ao mesmo tempo em que as leis influenciam na permanência dessas editoras, essas últimas conferem às leis instrumentos reais para sua efetivação (SOUZA; BOAKARI, 2018, p. 93).

Dessa forma, observamos uma ligação indireta e mútua entre as editoras e as leis em destaque, pois as editoras publicam e fomentam livros relacionados às questões raciais favorecendo a aplicação das leis nas escolas. Enquanto que as leis proporcionam maior incentivo à produção desse tipo de literatura no mercado editorial. Essas leis mostram-se como elementos/instrumentos de políticas públicas requisitadas pelos movimentos organizados de brasileiras/os afrodescendentes no campo da educação formal, acarretando em repercussões sociais – políticas – econômicas e culturais. Aprendizagens na e fora das escolas. Sobre esse caráter educador, como produto e produtor de conhecimento que Nilma Lino

Gomes entende as ações realizadas por esses movimentos organizados de brasileiras/os descendentes de africanas/os: “Ao ressignificar e politizar a raça, compreendida como construção social, o movimento negro reeduca e emancipa a sociedade e a si próprio, produzindo novos conhecimentos e entendimentos sobre as relações étnico-raciais e o racismo no Brasil...” (2012, p. 741).

Através do incentivo a literatura afrodescendente, as profissionais de edição participantes da pesquisa conseguem provocar aberturas epistemológicas, sejam nas escolas, nas famílias e nos mais variados lugares. Precisamos empreender respostas como essas com intuito de desestabilizar a monocultura dos conhecimentos, das identidades, das estéticas, dos comportamentos impostos pelo “desse lado da linha”. Persistência e resistência bem descreve esse movimento contínuo de luta empreendida por nós mulheres, sobretudo, as afrodescendentes. Essas qualidades e/ou virtudes parecem ser cada vez mais requisitadas principalmente quando o discurso de ódio, violência e naturalização das diferenças se mostram de maneira forte e implacável, como o que estamos vivenciando no contexto brasileiro. E por isso destacamos as palavras de Anzaldúa (2000, p. 235), quando esta menciona: “Eu digo, mulher mágica, se esvazie. Choque você mesma com novas formas de perceber o mundo, choque seus leitores da mesma maneira. Acabe com os ruídos dentro da cabeça deles”.

## RESUMO DA SEÇÃO

Nesta seção foram apresentados os resultados da pesquisa, bem como, algumas ponderações e considerações sobre os mesmos. Na busca de compreender as respostas das editoras Pallas e Mazza Edições em relação às ausências e esquecimentos de meninas descendentes de africanas/os na literatura considerada infantil, discutimos a partir das falas das participantes da pesquisa alguns aspectos como, as características das editoras, as motivações da linha editorial, as conexões e relações estabelecidas com o mercado editorial e as medidas e atividades adotadas no ofício da edição de livros. Além disso, evidenciamos os catálogos das editoras desse estudo para descobrir os lugares ocupados pelas meninas afrodescendentes na literatura infantil, demonstrando que os sapatinhos de cristais das princesas eurodescendentes se transformaram em tênis com as meninas afrodescendentes. Constatamos que outras formas de feminilidade são possíveis. Assim, nesse movimento de ensinar-aprender, as profissionais de edição participantes da pesquisa estão proporcionando aberturas epistemológicas, evidenciando a necessidade do fomento e incentivo de outras epistemologias e os catálogos das editoras ensinaram que uma composição diversificada de livros com protagonistas descendentes de africanas/os consegue ajudar na reversão dos estereótipos negativos relacionados a essa parcela da população.

## 6 CONCLUSÃO EM PALAVRAS INCONCLUSIVAS

### **Primeiras Palavras**

E aqui damos uma despedida temporária à dissertação intitulada “*Entre tênis e cadarços – a literatura infantil afrodescendente: o que ensina o mercado editorial brasileiro?*”. Nessas palavras inconclusivas destacamos a caminhada da pesquisa, enfatizando as descobertas, aprendizagens e conquistas realizadas durante o estudo. Nas linhas que seguem trazemos ponderações acerca dos resultados da pesquisa, como alcançamos os objetivos propostos, bem como, questionamentos e pretensões.

### 6.1 Pés descalços: algumas palavras inconclusivas

Tentaremos costurar algumas palavras no sentido de produzir outras ponderações e questionamentos e para isso, trouxemos logo de início as palavras de Anzaldúa em sua carta “*Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*” onde coloca o seguinte: “Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas [...] Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas [...] Ponham suas tripas no papel” (2000, p. 235). Sua mensagem de resistência para todas as mulheres que escrevem como educadoras e escritoras nos diz que como mulheres afrodescendentes, latinas, dominadas e desumanizadas precisamos encontrar estratégias para romper com as malhas tensas e rígidas do *epistemicídio*, do *pensamento abissal* e das *máscaras* cotidianas que nos amordaçam.

Começamos o presente estudo explicando o motivo dos “tênis e cadarços” que foi uma alusão ao sapatinho de Cristal de Cinderela, revelando novas formas de feminilidade, as mulheres, em especial as afrodescendentes trabalham, estudam, se movimentam constantemente, o tênis fala de mudanças, novas representações e desejos. Por outro lado, os cadarços, se apresentam como aquilo que prende e agora nos momentos finais (inconclusivos) da pesquisa trouxemos os “pés descalços”, para lembrarmos da sensação de liberdade ao sentir o chão, ao sentir a areia, ao sentir a grama, mas também, da dor de sentir as pedras, o chão quente. Justamente para refletirmos sobre as conquistas já realizadas frente aos meandros do epistemicídio, bem como, das respostas e estratégias que iremos construir incansavelmente para superar essa estrutura, os racismos e as discriminações diárias, e por isso, retomo as palavras de Anzaldúa, “Eu digo, mulher mágica, se esvazie. Choque você mesma com novas formas de perceber o mundo, choque seus leitores da mesma maneira. Acabe com os ruídos dentro da cabeça deles...” (2000, p. 235).

Essa pesquisa percorreu diversos caminhos: começando com a contextualização histórica da atividade editorial brasileira e posteriormente discutindo as novas configurações econômicas, sociais e tecnológicas como o efeito da “Cauda Longa” e os avanços das redes sociais. Atravessamos de maneira interseccional as categorias de raça-gênero-classe a partir da metáfora das “máscaras de silenciamento”. Em momento posterior, traçamos os caminhos metodológicos, explicando os instrumentos da pesquisa, bem como, a organização e análise das informações. O grande destaque nessa seção foi a *internet*, com as suas diversas possibilidades. Depois de apresentar a metodologia, passamos para os resultados da pesquisa obtidos através de uma entrevista via *Skype*, um questionário aberto via *e-mail* e levantamento

dos catálogos *online*. Trilhamos as características das editoras, as motivações para a escolha da linha editorial, as relações estabelecidas com o mercado editorial, as atividades e medidas realizadas, bem como, a quantidade de livros com protagonistas femininas afrodescendentes. Com essas informações conseguimos captar a razão maior desse trabalho que foi compreender as respostas/medidas das Editoras Pallas e Mazza Edições em relação às ausências e esquecimentos de meninas descendentes de africanas/os na literatura considerada infantil como forma de superar ou diminuir esses silenciamentos.

Os objetivos desse estudo foram aos poucos sendo desvendados através das falas das profissionais de edição participantes da pesquisa, como descrever as atividades/medidas adotadas pelas editoras Mazza Edições e Pallas para combater a não inclusão/participação de personagens femininas afrodescendentes na literatura infantil. Nesse aspecto, podemos destacar algumas dessas atividades: o compromisso de fomentar a publicação de autoras/es afrodescendentes, a persistência em participar de programas governamentais, lançar no mercado livros para o segmento infantil, criar outros selos editoriais na própria editora, encontrar brechas nas escolas para inserir os livros produzidos, corresponder a demanda de professoras que procuram livros relacionados a afrodescendência. Esses pontos foram capturados a partir do questionário aberto realizado com Maria Mazarello Rodrigues da Editora Mazza Edições. No que se refere à Editora Pallas destacamos a participação em feiras internacionais, à venda de direitos autorais, a persistência na participação em programas governamentais, a quantidade expressiva de livros infantis na área da afrodescendência.

Buscamos também as relações estabelecidas pelas pessoas responsáveis pelas editoras com o mercado editorial, descrevendo as situações existentes antes e depois de entrar no seu setor em particular e percebemos a partir das perspectivas das profissionais de edição a existência de um movimento duplo: tentam driblar o mercado editorial, proporcionando uma demanda até então silenciada, no caso, as questões voltadas a afrodescendência, mas também, se fortalecem nesse mercado, almejando rentabilidade financeira. A profissional de edição da Editora Pallas destacou a relutância de seu avô, fundador da editora, em publicar livros infantis, pois para ele tal medida não era viável para uma editora pequena. Logo, observamos que as características do mercado editorial brasileiro em seu modelo capitalista demarcam e impõem os lugares das grandes e pequenas editoras de maneira a projetar estereótipos de como devem se comportar.

Enquanto isso, Maria Mazarello Rodrigues pontuou sobre o mercado editorial antes das leis federais 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e 11.645/2008 (BRASIL, 2008), “Antes da lei 10.639 este segmento praticamente não tinha vez. Nossas publicações, literárias e

paradidáticas, entravam nas escolas pela porta dos fundos...” (RODRIGUES, QUESTIONÁRIO, 2018). Nesse trecho, a profissional de edição estabeleceu pistas de como o mercado editorial brasileiro e as escolas, percebiam a literatura afrodescendente: “não tinha vez”; “entravam nas escolas pela porta dos fundos”.

Ainda sobre as referidas leis, as duas participantes da pesquisa apontam para a formação de um novo “filão” no mercado editorial brasileiro, acarretando muitas vezes em obras que pouco contribuí para a reversão dos estereótipos relacionados à população afrodescendente, pois algumas editoras preocupam-se, sobretudo com a rentabilidade financeira. Assim, desde a fundação das editoras desse estudo até agora, percebemos que ambas buscam estratégias para se manter no mercado editorial produzindo aquilo que acreditam: uma literatura que proporcione outros olhares e perspectivas sobre as/os afrodescendentes. Uma tentativa de lutar contra uma literatura infantil canônica.

Com as falas das profissionais de edição das editoras da pesquisa duas características ficaram enfatizadas: persistência e resistência. Lembramos aqui do conceito de “Resiliência” proposto por Martins (2013) quando discorre sobre a necessidade de reconhecermos “as quedas” e “dar a volta por cima” superando as adversidades. De diferentes formas elas estão conseguindo trabalhar o mercado editorial e consolidar a linha editorial escolhida por ambas: experiências, aspectos culturais, estéticos e identitários, as religiosidades da população afrodescendente, ou seja, tudo aquilo que envolve a temática da afrodescendência. Num movimento de fortalecimento, adaptação e criação elas enfrentam e resistem às malhas do epistemicídio, os racismos, o sexismo e os controles ideológicos que se alastram no universo literário e editorial, como disse Anzaldúa (2000, p. 234), “[...] uma mulher com poder é temida...”. E assim, causamos choques, desestabilizamos as imposições advindas das estruturas do epistemicídio.

Ainda sobre os comentários e ponderações realizadas pelas profissionais de edição das editoras Mazza Edições e Pallas, ficou mais nítido a importância de traçarmos mais respostas ousadas e criativas, como tentativa de romper com a monocultura do conhecimento, enriquecendo e proporcionando aprendizagens com as *Epistemologias do Sul* e com a *Ecologia de Saberes* nos dizeres de Boaventura de Sousa Santos (2007). As medidas empreendidas por ambas as editoras apresenta como resultado o compromisso de possibilitar o acesso aos conhecimentos e saberes até então invisibilizados. Trata-se aqui de aberturas epistemológicas. Atitude urgente para uma sociedade como a nossa, marcada por diferenças de diversas categorias. Não seria justo que as representações literárias não abarcassem a gama

de diversidades aqui existentes. Essa realidade silenciadora fruto da força do epistemicídio desqualifica a produção daqueles que estão do “outro lado da linha”, o nosso lado.

Com os catálogos *online* buscamos estabelecer a quantidade de livros, anos de publicação, autoria e temas das publicações com personagens femininas afrodescendentes no segmento infantil. Constatamos que as editoras em destaque possui um catálogo diferenciado, com livros que trazem outras representações e perspectivas das meninas e mulheres afrodescendentes. Os temas desses livros estão relacionados à identidade afrodescendente, estética e aceitação corporal, cotidianos e experiências, mitos africanos, ancestralidade, proporcionando a reversão dos estereótipos negativos relacionados a esse segmento da população, bem como, possibilita a construção de brechas e rachaduras frente à estrutura do epistemicídio. Os ensinamentos e aprendizagens construídos ao longo dessa pesquisa aponta que as respostas empreendidas pelas profissionais de edição do estudo estão permeadas por processos educativos. Educações de maneira plural.

Na tentativa de compreender as respostas de algumas editoras em relação às ausências e “esquecimentos” de meninas descendentes de africanas/os na literatura considerada infantil constatamos que as editoras vêm produzindo uma quantidade expressiva de publicações sobre essas personagens. Durante o período da realização do levantamento dos catálogos que correspondeu aos meses de janeiro, fevereiro e março de 2018, evidenciamos que a Editora Mazza Edições possui (16) obras sobre meninas afrodescendentes entre os anos de 2005 a 2017 e a Editora Pallas produziu (10) obras na mesma perspectiva, referentes aos anos de 2006 a 2016.

Mais do que números expressivos, cada um desses livros aponta outras formas de ser e perceber a menina e mulher afrodescendente, dimensionando aspectos valorativos da construção de suas identidades; desmistificando e desnaturalizando concepções estereotipadas de gênero-raça-classe de maneira interseccional; e demonstrando que meninas e mulheres afrodescendentes podem ocupar papéis sociais de destaque. Com esses livros temos a produção de respostas frente ao silenciamento dessas personagens na literatura e mais do que isso, a produção de novos olhares e perspectivas sobre as meninas e mulheres descendentes de africanas/os.

Não conseguimos estabelecer o pertencimento racial de todas as autoras que escreveram esses livros que foram (10) autoras pela Editora Mazza Edições e (04) na Editora Pallas. Todavia, encontramos algumas informações referentes a cinco autoras da Editora Mazza Edições, a saber: Patrícia Santana, Madu Costa, Nilma Lino Gomes, Kiusam de Oliveira e Iris Maria da Costa Amâncio. Todas afrodescendentes. É possível saber que

algumas mulheres afrodescendentes estão se inserindo no cenário editorial infantil produzindo respostas e estratégias frente ao epistemicídio. “O lugar de fala” importa, é uma quebra e rompimento da autorização discursiva do grupo dominante. O pertencimento racial das escritoras que publicaram nas editoras em destaque pode servir de fio condutor para pesquisas futuras.

Durante a realização desse estudo alguns aspectos foram sendo evidenciados, porém não foram analisados de maneira aprofundada, pois não correspondiam diretamente aos objetivos da pesquisa, como, os livros produzidos por essas editoras estão adentrando as escolas? Como estão sendo utilizados em sala de aula? Os programas governamentais de incentivo a leitura garantem o emprego desses livros nas escolas? Quem são as pessoas que adquirem esses livros? Qual a vendagem desses livros? O que pensam as escritoras afrodescendentes do mercado editorial brasileiro? Essas indagações evidenciam a dinamicidade da escrita e da pesquisa. E pensando em dar continuidade ao presente estudo, essas indagações servirão como guia para pesquisas futuras. Podem também servir como táticas de atuação e autopromoção das editoras.

Os conhecimentos considerados “outros” dos oprimidos e subalternizados precisam ser introduzidos e requisitados pelas escolas e fora delas, como forma de pensar desde as *Epistemologias do Sul*. Precisamos de mais e outros conhecimentos, histórias e narrativas, principalmente aquelas produzidas por nós mesmos. Histórias são importantes, e narrativas nossas que enfatizam as diversidades são necessárias, como diria Chimamanda Adichie (2012) na apresentação “O perigo de uma história única”.

Assim, a inserção de livros que retratem outras perspectivas de ser mulher afrodescendente numa construção valorativa de suas identidades mostra-se como tarefa urgente. Afinal, práticas como essas, que são fundamentalmente educativas, colaboram na construção positiva das identidades de crianças afrodescendentes, permitem que as crianças não descendentes de africanas/os vislumbrem outras formas de conhecimentos, saberes e identidades. Uma educação que tenta romper com a naturalização dos estereótipos.

Buscar as respostas de algumas mulheres brasileiras afrodescendentes na literatura afrodescendente na tentativa de provocar rachaduras nas máscaras invisíveis de silenciamento demonstrou como o lugar de fala dessas mulheres pode produzir respostas potentes frente às feridas do epistemicídio. Lugar de fala de mulheres afrodescendentes escritoras – que escrevem com suas almas e não deixa a “tinta coagular em suas canetas”, tampouco o “*sensor apagar as centelhas*” (ANZALDUA, 2000, p. 235). A produção dessa pesquisa é uma forma de produzir rachaduras nessas máscaras, é uma tentativa de não deixar amordçar

nossas vozes. Necessidade de encontrar ensinamentos-aprendizados em “espaços estranhos e diferentes”, como nas produções de editoras que tentam romper com essas máscaras e amordaças dando visibilidade e incentivo à literatura afrodescendente feminina.

A função política e social da/o editora/o também foi evidenciada ao longo da pesquisa, nesse caso, se apresenta numa espécie de movimento carregado de intenções: o que publicar; quando publicar; para quem; assim, delimita, manipula, cria estratégias silenciosas, que direcionam aquilo que devemos ler e aquilo que devemos tomar conhecimento. Sua função parece estar numa linha tênue que distingue o tipo de editora/o preocupado com a diversidade cultural, a luta contra o epistemicídio, daquelas/es que ajudam a manter as práticas de apagamento literário, visando, sobretudo a rentabilidade financeira.

As contribuições desta pesquisa advêm da pouca disseminação dos conhecimentos, produções e imagens positivas e de sucesso das (os) afrodescendentes, favorecendo a perpetuação dos estereótipos negativos, e mais do que isso, permitindo a manutenção do epistemicídio, deixando essa parcela da população marginalizada e invisível perante a sociedade. Com a repercussão desse tipo de pesquisa é possível que mulheres afrodescendentes construam positivamente suas identidades, calcadas de autoestima, conseguindo superar discriminações e alcançando sucesso educacional (e conseqüentemente em outras áreas). Além disso, é uma forma de incentivar a produção e leitura de livros que retratem outras representações e conhecimentos.

Assim, os resultados dessa pesquisa podem servir como disparador para a construção de aberturas epistemológicas. Podem contribuir para escritoras, escritores, em especial as/os afrodescendentes a produzirem narrativas sobre si mesmas/os, sobre os cotidianos, experiências, aventuras e histórias variadas que retratem de maneira positiva as/os afrodescendentes, bem como, serve de incentivo as/os profissionais de edição a investir e fomentar na literatura afrodescendente, haja vista, a necessidade de tratar as questões raciais numa sociedade racista, sexista e machista, como a brasileira. Deve interessar também as/os professoras/es para que possam utilizar as diversas possibilidades da literatura afrodescendente infantil em sala de aula. Nessa pesquisa, enfatizamos que esse tipo de literatura está sendo produzida e incentivada por algumas editoras, cabe agora serem devidamente aproveitadas. Além disso, esse estudo pode servir como incentivo à construção e/ou continuidade a outras respostas frente aos silenciamentos causados pelo epistemicídio, principalmente nos espaços não formais de educação. E por fim, trata-se de uma reflexão sobre a necessidade de repensar o que reproduzimos para as crianças enquanto pais, professores, quanto pessoas!

Algumas aprendizagens foram sendo construídas no decorrer dessa pesquisa. A liberdade de criar e escrever incentivada pelas profissionais de edição desse estudo ensinou a potencialidade da persistência e resistência frente aos silenciamentos, demonstrando que o ato de publicar literaturas até então marginalizadas e esquecidas, como aquela voltada a afrodescendência, se apresenta como forma de resistência aos meandros do epistemicídio. Ademais, percebemos que as respostas de enfrentamento a essa estrutura podem ser realizadas de diversas maneiras, basta lembrar das mulheres afrodescendentes escritoras que discorremos ao longo dessa pesquisa (Esperança Garcia, Maria Firmina dos Reis, Maria Carolina de Jesus, Conceição Evaristo e tantas outras).

Sabendo que o caminho ainda se apresenta longo e com pedras a serem quebradas ou desviadas mantemos aqui o compromisso de refletir e produzir questionamentos e ponderações frente às consequências do epistemicídio e dessa estrutura colonialista – capitalista que estamos inseridas/os. Com palavras de “até logo” retomo as palavras de Anzaldúa “*Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel*” (2000, p. 235). A partir do meu lugar de fala, como mulher brasileira, piauiense, teresinense, afrodescendente e professora que tenta pesquisar e escrever sigo em frente na tarefa de enfrentar as feridas silenciosas do epistemicídio e assim, escrevo como forma de apagar as mentiras inventadas sobre mim, sobre nós mulheres afrodescendentes latinas. Precisamos que o grupo dominante escute e veja nossas realidades, a grande maioria populacional do Brasil, como forma de construir saberes mais válidos, porque representam as ricas diversidades culturais-históricas desta sociedade. E assim, a partir das respostas de resistências de mulheres afrodescendentes editoras, escritoras, dançarinas (e tantas outras) cingimos novos diálogos, novas problematizações e ponderações necessárias e requisitadas. Visando desenvolver um Brasil mais humano e democratizante.

## RESUMO

Nessa parte do estudo discutimos a caminhada da pesquisa, desde o início até o presente momento. Pontuando principalmente os resultados advindos das falas das profissionais de edição das Editoras Mazza Edições e Pallas, bem como, dos seus *sites* e catálogos *online*. Mulheres incríveis e resistentes. Sou grata por toda a compreensão e colaboração com essa pesquisa. No movimento de ensinar-aprender tentamos evidenciar os objetivos alcançados, bem como, os ensinamentos trazidos com o estudo, à mensagem principal é: resistência e persistência. Sem despedidas conclusivas, deixo um até breve, pois pesquisas como essas devem continuar, ampliar e provocar mais e mais rachaduras.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuhW8>. Acesso: 09 abr. 2015.

AFROCONTOS LITERATURA NEGRA. **Início**. Disponível em: <http://afrocontosliteraturanegra.blogspot.com/>. Acesso em: 29 nov. 2018.

AGUIAR, Elenita Maria Dias de Sousa. **Práticas de avaliação da aprendizagem e questões raciais: experiências em uma escola municipal de Teresina – PI**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

ANDERSEN, Chris. **A cauda longa: do mercado de massa para o mercado de nicho**. Tradução: Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, ano 08, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/anzaldua.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2018.

\_\_\_\_\_. La Consciencia de la mestiza/Rumo a uma nova consciência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.13, n. 3, p. 704-719, Set./Dec. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300015>. Acesso em: 13 mai. 2017.

ARAÚJO, Pablo Guimarães de; PIAZZI, Giulia Sampaio. Das linhas do campo para as margens da página: o nicho editorial dos livros de futebol. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 37, 2015. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/trabalhos.htm>. Acesso em: 24 set. 2018.

ASSIS, Alessandro; SABINO, Janaina; MATOS, Juliano; FONSECA, Patrícia; RIBEIRO, Sibebe. Nandyala: nascida em tempo de fome. In: QUEIROZ, Sônia (org.). **Editores mineiros: panorama histórico**. Minas Gerais: FALE/UFMG, 2009.

BABÁS. Direção de Consuelo Lins. Brasil: 2010, DVCam (20 min), son., color. Disponível em: <http://portacurtas.org.br/filme/?name=babas>. Acesso em: 25 mar. 2018.

BACELAR, Rayane Gomes Abreu. **Mulheres brasileiras afrodescendentes de sucesso educacional: como a auto-estima influencia na identidade e no sucesso educacional de algumas mulheres do ensino médio**. Relatório de pesquisa (Iniciação Científica) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

BACELAR, Rayane Gomes Abreu. **Brasileiras/os afrodescendentes de sucesso educacional: comparando algumas experiências de mulheres e homens universitários**. Relatório de pesquisa (Iniciação Científica) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 515 p.

BATISTA, Ilanna Brenda Mendes. **Resistências em mulheres afrodescendentes organizadas: o que ensinam e aprendem em espaços não escolares?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BLOGUEIRAS NEGRAS. **Quem somos** – reinventando a tela. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/>. Acesso em: 29 nov. 2018.

BOAKARI, Francis Musa. Uma pedagogia interétnica para a educação brasileira: para não dizer que não tive sonhos realizáveis. **Linguagem, educação e sociedade**: revista do mestrado em Educação/Universidade Federal do Piauí. Teresina: EDUFPI, 1999.

BOAKARI, F. M. Noções de raça, racismo e etnicidade. In: BONFIM, Maria do Carmo Alves do; GOMES, Ana Beatriz Sousa; BOAKARI, Francis Musa; OLIVEIRA, Cleidinalva Maria Barbosa (orgs). **Gênero e diversidade na escola**. Teresina: EDUFPI, 2011.

BOTTO, Malena. 1990-2010: Concentración, polarización y después. In: DE DIEGO, José Luis. **Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2010)**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.

BRAGANÇA, Aníbal. Uma introdução à história editorial brasileira. **Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias**, v. XIV, II série, 2002, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa (Portugal), p. 57-83.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL, Presidência da República. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 10 abr. 2018.

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm). Acesso: 10 abr. 2018.

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 mar. 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm). Acesso: 10 abr. 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: SECAD/ME, 2004. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484184/Diretrizes+curriculares+nacional+para+a>

+educa%C3%A7%C3%A3o+das+rela%C3%A7%C3%B5es+%C3%A9tnico-raciais+e+para+o+ensino+de+hist%C3%B3ria+e+cultura+afro-brasileira+e+africana/f66ce7ca-e0c8-4dbd-8df3-4c2783f06386?version=1.2. Acesso em: 10 abr. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola/>. Acesso em 20 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional do Livro Didático**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld/>. Acesso em 20 nov. 2018.

CARNEIRO. Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2017.

COELHO, Raimunda Ferreira Gomes. **As educações escolar e social na formação da identidade racial de jovens nos quilombos de São João do Piauí**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

COELHO, Raimunda Ferreira Gomes; BOAKARI, Francis Musa. Por que afrodescendente? E não negro, pardo ou preto? In: I CONGRESSO SOBRE GÊNERO, EDUCAÇÃO E AFRODESCENDÊNCIA, CONQUISTAS, EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS, 1, 2013, Teresina. **Anais...** Teresina: UFPI, 2013. 1 CD-ROM.

CORONEL, Luciana Paiva. Literatura de periferia e mercado: reflexões acerca do caso Carolina Maria de Jesus. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v.15, n.2, p. 63-71, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/9-Literatura-de-periferia.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero**. 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

D'ANGELO, Helô. 2017. **Conheça a Africanidades, livraria especializada em autoras negras**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/livraria-africanidades-literatura-afro-brasileira/>. Acesso em: 12 mar. 2018.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016 [1981].

DICIO Dicionário online de português. **Trigueiro**. [S.l.: s.n.], [201-?]. Disponível em: [https://lume.ufrgs.br/handle/10183/104893?locale=pt\\_BR](https://lume.ufrgs.br/handle/10183/104893?locale=pt_BR). Acesso em: 26 jun. 2018.

DEBUS, Eliane Santana Dias. A literatura angolana para infância. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1129-1145, out./dez. 2013. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade). Acesso em: 10 dez. 2017.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e Literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, set./dez. 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300010>. Acesso em: 13 abr. 2018.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. **Terra roxas e outras terras**, Londrina, v. 17, p. 06-18, dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa>. Acesso em: 12 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Eduardo de Assis. Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção. In: AFOLABI, Niyi; BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda (Orgs.). **A mente afro-brasileira**. Trenton-NJ, EUA/Asmara, Eritreia: África World Press, 2007, p. 103-112.

EDITORA MAZZA EDIÇÕES. **Mazza Edições e Penninha Edições Pioneirismo e resistência**. Disponível em: [www.mazzaedicoes.com.br/](http://www.mazzaedicoes.com.br/). Acesso em: 01 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **Catálogo**. Disponível em: [www.mazzaedicoes.com.br/](http://www.mazzaedicoes.com.br/). Acesso em: 01 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **PNLD Literário 2018** - Download de Manuais do Professor. Disponível em: <http://www.mazzaedicoes.com.br/pnld2018/>. Acesso em: 12 dez. 2018.

EDITORA PALLAS. **A editora**. Disponível em: <http://www.pallaseditora.com.br/>. Acesso em: 01 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **Entrevista I**. [maio. 2018]. Entrevistadora: Emanuella Geovana Magalhães de Sousa. Teresina, 2018, 1 arquivo mp4 (1h: 15min).

\_\_\_\_\_. **Catálogo**. Disponível em: <http://www.pallaseditora.com.br/>. Acesso em: 01 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **PNLD 2018 Literário**. Disponível em: <http://www.pallaseditora.com.br/pnld2018/>. Acesso em: 12 dez. 2018.

ESCRITORAS NEGRAS DA BAHIA. **Sobre o projeto**. Disponível em: <https://escritorasnegras.com.br/>. Acesso em: 29 nov. 2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Gildásio Guedes. Educação à distância: uma modalidade aplicável à *Web*. In: SAID, Gustavo Forte [et al] (orgs.). **Gestão de redes educacionais na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2016.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, Marcus Vinícius. **A educação dos negros: uma nova face do processo de abolição da escravidão no Brasil.** Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Org). **Literatura Afro-Brasileira.** Centro de Estudos Afro-Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. Disponível em: [http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ceao-ufba/20170829041615/pdf\\_257.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ceao-ufba/20170829041615/pdf_257.pdf). Acesso em: 20 abr. 2014.

GALVES, Marcelo Cheche; COSTA, Yuri (Orgs.). **Maranhão: ensaios de biografia e história.** São Luís: Editora UFMA, 2011.

GELEDÉS. **Áreas de atuação.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>. Acesso em: 29 nov. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Leticia Santana. Da minha língua vê-se o mar: Os editores independentes e as imagens de si. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, INTERCOM, 40, 2017. **Anais...** São Paulo: INTERCOM, 2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017>. Acesso em: 24 set. 2018.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, p. 98-109, Jan/Abr. 2012. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/11/curr%C3%ADculo-e-rela%C3%A7%C3%B5es-raciais-nilma-lino-gomes.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul./set. 2012, Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302012000300005>. Acesso em: 20 jan. 2018.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HADDAD, Fernando. Desafios a vencer. In: MARQUES NETO, José Castilho (org.). **PNLL: textos e história.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 27-29.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis RJ: Vozes, 2014.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil.** Tradução: Maria da Penha Vilalobos, Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz e Edusp, 1985.

ISBN (International Standard Book Number). **Pesquisa no cadastro do ISBN.** Disponível em: <http://www.isbn.bn.br/website/o-que-e-isbn>. Acesso em: 20 jan. 2018.

JINKINS, Ivana. O golpe que tem vergonha de ser chamado de golpe. In: JINKINS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (orgs.). **Por que gritamos golpe?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Orgs.). **Literatura Afro-Brasileira.** Centro de Estudos Afro-Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. Disponível em:

[http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ceao-ufba/20170829041615/pdf\\_257.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ceao-ufba/20170829041615/pdf_257.pdf). Acesso em: 20 abr. 2014.

KILOMBA, Grada. The Mask. In: **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Tradução: Jessica Oliveira de Jesus. Münster: Unrast Verlag, 2010.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**, 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LITERAFRO - Portal da literatura afro-brasileira. **Quem Somos**. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/>. Acesso em: 10 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **Patrícia Santana**: dados bibliográficos. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/371-patricia-santana>. Acesso em: 04 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. **Nilma Lino Gomes**: dados bibliográficos. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/368-nilma-lino-gomes>. Acesso em: 04 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. **Madu Costa**: dados bibliográficos. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/575-madu-costa>. Acesso em: 04 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. **Kiusam de Oliveira**: dados bibliográficos. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/1055-kiusam-de-oliveira>. Acesso em: 04 dez. 2018.

LOPES, Luzia Bethânia da Silva. **Mulheres afrodescendentes de sucesso educacional: comparando algumas experiências**. Relatório de pesquisa (Iniciação Científica) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

LOPES, Luzia Bethânia da Silva. **Mulheres brasileiras afrodescendentes de sucesso educacional: quais os efeitos de apelidos no processo escolar?** Relatório de pesquisa (Iniciação Científica) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

LOPES, Luzia Bethânia da Silva. **Afrodescendentes de sucesso escolar: comparando experiências de mulheres e homens universitários/os em relação aos apelidos**. Relatório de pesquisa (Iniciação Científica) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

MACENA, Fabiana Souza Valadão de Castro. Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector: dois olhares sobre a mulher, a maternidade e a família. **Magma**, São Paulo, n.14, p. 45-64, dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1769.mag.2018.154404>. Acesso em: 02 fev. 2019

MACHADO, Raimunda Nonata da Silva. **Gênero e raça na educação à distância: há outras epistemologias na prática educativa de formação docente?** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

MAGALHÃES, Reia Silva Rios. Produção da pesquisa científica em redes digitais: o processo de midiatização da sociedade versus o processo de midiatização da produção acadêmica. In: SAID, Gustavo Forte [et al] (orgs.). **Gestão de redes educacionais na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2016.

MALTA, Renata Barreto; OLIVEIRA, Laila Thaíse Batista de. Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual. In: Dossiê Mulheres Negras: experiências, vivências e ativismos. **Revista Gênero**, Niterói, v.16, n. 2, p. 55-69, 2016. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/811>. Acesso em: 10 dez. 2018.

MARTINS, Lucienia Libania Pinheiro. **Aforresilientes: a resiliência de mulheres afrodescendentes de sucesso educacional**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Piauí, Teresina: 2013. Disponível em: [http://ufpi.br/arquivos\\_download/arquivos/ppged/arquivos/files/DissertaLUCIENIA%20jan%202013.pdf](http://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/ppged/arquivos/files/DissertaLUCIENIA%20jan%202013.pdf). Acesso em: 20 out. 2017.

MIGNOLO, Walter D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifesto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (orgs). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

MORAES, Dênis. Comunicação, Hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan./jun. 2010.

MOREIRA, Carlos André. Como a crise das grandes redes afeta o futuro do livro no Brasil. **Gauchazh**, Porto Alegre, 07. dez. 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2018/12/como-a-criese-das-grandes-redes-afeta-o-futuro-do-livro-no-brasil-cjpedl3bs0jte01pijvhfa3tb.html>. Acesso em: 11 mar. 2019.

MUNDO NEGRO. **Quem somos Mundo Negro** – Conteúdo, informação e entretenimento. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/>. Acesso em: 29 nov. 2018.

MUNIZ JR., José de Souza. **O grito dos pequenos: independência editorial e bibliodiversidade no Brasil e na Argentina**. São Paulo: Balão Editorial, 2010.

NEGRA E CRESPA. **Sobre**. Disponível em: <https://negraecrespa.com/>. Acesso em: 29 nov. 2018.

NEGRO BELCHIOR. **Sobre o Blog**. Disponível em: <http://negrobeltchior.cartacapital.com.br/>. Acesso em: 29 nov. 2018.

NÓVOA, António. **História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias**. São Paulo/Campinas: Cortez/Autores associados, 1992.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**, Minas Gerais, v. 26, n. 1, p. 15-40, abr. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982010000100002>. Acesso em: 13 abr. 2018.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de; RODRIGUES, Fabiane Cristine. Panorama editorial da literatura afro-brasileira através dos gêneros romance e conto. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, set./dez., p. 91-107, 2016.

OLIVEIRA, Sílvio. Séculos de arte e literatura negra. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Orgs.). **Literatura Afro-Brasileira**. Centro de Estudos Afro-Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. Disponível em: [http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ceao-ufba/20170829041615/pdf\\_257.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ceao-ufba/20170829041615/pdf_257.pdf). Acesso em: 20 abr. 2014.

PLATAFORMA BRASIL. **Sobre a Plataforma Brasil**. Disponível em: <http://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf>. Acesso em 01 fev. 2018.

PORTO, Leudjane Michelle Viegas Diniz. **Com a palavra, a/o mestra/e: a afrodescendência e a educação profissional tecnológica para as relações raciais**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento Justificando, 2017.

RIBEIRO NETO, Alexandre. O Fio do Novelo: processo de escolarização de crianças negras em Vassouras de 1889 a 1930. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, 26, 2011. **Anais...** São Paulo, 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300589310\\_ARQUIVO\\_OFIODO NOVE LO-textocompletoparaanpuh2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300589310_ARQUIVO_OFIODO NOVE LO-textocompletoparaanpuh2011.pdf). Acesso em: 20 out. 2018.

ROCHA, Meire Michele dos Santos. **Estórias de brasileiras afrodescendentes de sucesso: raça e gênero na educação**. Relatório de pesquisa (Iniciação Científica) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011.

ROCHA, Meire Michele dos Santos. **Experiências educacionais de mulheres brasileiras afrodescendentes** - construção e afirmação de sua identidade. Relatório de pesquisa (Iniciação Científica) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

ROCHA, Meire Michele dos Santos. **Questões de auto-estima** - mulheres afrodescendentes de sucesso educacional. Relatório de pesquisa (Iniciação Científica) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

RODA GRIÔ GEAFRO. Disponível em: <<http://rodagrioufpi.blogspot.com/>> Acesso em: 12 de abr. de 2018.

RODRIGUES, Cristiano Santos; PRADO, Marco Aurélio Máximo. Movimento de mulheres negras: trajetória política, práticas mobilizatórias e articulações com o estado brasileiro. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 445-456, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822010000300005>. Acesso em: 10 nov. de 2018.

RODRIGUES, Maria Mazarello. **Questionário I**. [jun. 2018]. Aplicado por: Emanuella Geovana Magalhães de Sousa. Teresina, 2018.

RODRIGUES, Poliana Rezende Soares. **Infância Negra: uma análise da afirmação da identidade racial a partir dos livros infantis**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. **Escritoras negras contemporâneas: estudo de narrativas: Estados Unidos e Brasil**. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

SANTANA, Letícia; PERREIRA, Alessandra; FREITAS, Gabrielle; FONSECA, Izabel (orgs.). **Maria Mazarello Rodrigues**. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos** – CEBRAP, n.79, p.71-94, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>> Acesso em: 10 fev. de 2017.

SANTOS, Débora Lopes dos. **Afrodescendentes de sucesso escolar: experiências de mulheres e homens universitários/os de cursos elitizados em universidades**. Relatório de pesquisa (Iniciação Científica) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

SAVIANI, Dermeval. História da história da educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. **EccoS Revista Científica**, São Paulo, v. 10, n. Esp., julho, p. 147-167, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71509907>. Acesso em: 10 nov. 2018.

SCHELLER, Fernando. O 'vale tudo' contra a crise das grandes livrarias. **O Estadão**, São Paulo, 25 nov. 2018. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,o-vale-tudo-contra-a-cri-se-das-grandes-livrar-ias,70002620154>. Acesso em: 10 mar. 2019.

SCHIFFRIN, André. **O dinheiro e as palavras**. Tradução: Celso Mauro Paciornik. São Paulo: BEI Comunicação, 2011.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. A presença europeia na África. In: **Memória D'África: a temática africana em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Alexandra Lima da. Caminhos da liberdade: os significados da educação dos escravizados. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, n. e230067, out., p. 01-27, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782018230067>. Acesso em: 10 mar. 2019.

SILVA, Ana Célia da. A Desconstrução da discriminação no livro didático. In: KABENGELE, Munanga (org.). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Elizete Dias da. **Povo bom da Cancela - identidade e afrodescendência: o que a escola tem com isso?** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

SILVA, Francilene Brito da. **Imagens de Mulheres e Crianças Afrodiáspóricas: Narrativas Piauienses para além do Museu Brasileiro**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, Geraldo da; ARAÚJO, Márcia. Da interdição escolar às ações educacionais de sucesso: escolas dos movimentos negros e escolas profissionais, técnicas e tecnológicas. In: ROMÃO, Jeruse (org.). **História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Haldaci Regina da. **Sabores da casa, sabedorias de terreiros:** práticas educativas e construção de saberes em um terreiro de Teresina. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

SORA, Gustavo. Tempo e distâncias na produção editorial de literatura. **Mana**, v.3, n.2, p.151-181, 1997. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131997000200005>. Acesso em: 24 abr. 2018.

SOUSA, Alessandra Raniery Araújo Alves de. **O poder de sentir a fala:** identidade racial de mulheres afrodescendentes lésbicas de sucesso educacional. Relatório de pesquisa (Iniciação Científica) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

SOUSA, Alessandra Raniery Araújo Alves de. **O poder de sentir a fala:** contribuições da educação escolar/universitária na construção da identidade racial de mulheres afrodescendentes lésbicas de sucesso educacional. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

SOUSA, Vicelma Maria de Paula Barbosa. **Rap de "quebrada":** construção de sentidos e saberes pelos grupos de Rap - "a irmandade" e "reação do gueto" de Teresina-PI. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

SOUZA, Elio Ferreira de. A carta da escrava ‘Esperança Garcia’ de Nazaré do Piauí: uma narrativa de testemunho precursora da literatura afro-brasileira. In: Encontro Internacional de Literaturas, Histórias e Culturas Afro-brasileiras e Africanas – África Brasil: Identidades e Diásporas. 4. **Anais...** Teresina: Universidade Estadual do Piauí (UESPI), 2015. Disponível em: [http://s3.amazonaws.com/nepa2015/ckeditor\\_assets/attachments/145/a\\_carta\\_da\\_escrava\\_esperanca\\_garcia\\_de\\_nazare\\_do\\_piaui\\_uma\\_narrativa\\_de\\_testemunho\\_precursora\\_da\\_literatura\\_afro-brasileira.pdf](http://s3.amazonaws.com/nepa2015/ckeditor_assets/attachments/145/a_carta_da_escrava_esperanca_garcia_de_nazare_do_piaui_uma_narrativa_de_testemunho_precursora_da_literatura_afro-brasileira.pdf). Acesso em: 01 jun. 2017.

SOUZA, Emanuella Geovana Magalhães de. **Mulheres brasileiras afrodescendentes de sucesso:** influências de atividades culturais. Relatório de pesquisa (Iniciação Científica) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

SOUZA, Emanuella Geovana Magalhães de. **Mulheres brasileiras afrodescendentes de sucesso escolar:** influência dos contos de fada na construção de suas identidades. Relatório de pesquisa (Iniciação Científica) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

SOUZA, Emanuella Geovana Magalhães de. **Contos de fadas para gerações diferentes:** construindo identidades das mulheres afrodescendentes de sucesso educacional. Relatório de pesquisa (Iniciação Científica) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

SOUZA, Emanuella Geovana Magalhães de. **No mundo encantado dos contos de fadas onde estão as princesas afrodescendentes?** Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

SOUZA, Emanuella Geovana Magalhães de; BOAKARI, Francis Musa. Resistindo ao epistemicídio: em busca de uma literatura infantil afro-brasileira, moçambicana e angolana. **Mulemba**. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 10, n. 19, p. 82-98, jul./dez, 2018.

SOUZA, Emilene Corrêa. **A questão da memória identitária afro-brasileira na poesia de Ana Cruz e Conceição Evaristo.** Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do

Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em:  
[https://lume.ufrgs.br/handle/10183/104893?locale=pt\\_BR](https://lume.ufrgs.br/handle/10183/104893?locale=pt_BR). Acesso em: 20 out. 2018.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIANNA, Eduardo Rodrigues. Este livro. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Jundiaí, SP: Cadernos do Mundo Inteiro, 2017.

VIEIRA, João Paulo Albuquerque. **Análise de Métodos de Extração de Aspectos em Opiniões Regulares**. Dissertação (Mestrado em Computação) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

**ANEXOS**

## ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA – UFPI



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** DA INVISIBILIDADE AO PROTAGONISMO: MULHERES AFRODESCENDENTES NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO

**Pesquisador:** EMANUELLA GEOVANA MAGALHAES DE SOUZA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 85157418.0.0000.5214

**Instituição Proponente:** FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

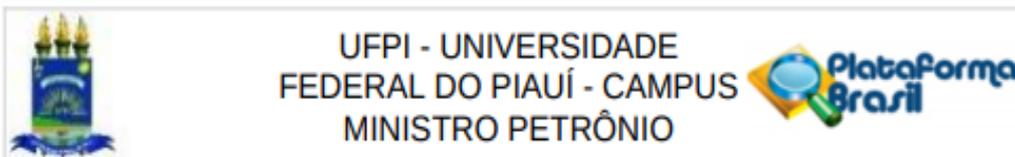
**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio  
FUND DE AMPARO A PESQ DO ESTADO DO PIAUI PROF. AFONSO  
SENAGONCALVES

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.602.052

#### Apresentação do Projeto:

Este projeto de pesquisa visa compreender a natureza das respostas de algumas editoras em relação às ausências e esquecimentos de meninas descendentes de africanas/os na literatura considerada infantil. E por isso, foram escolhidos oito editoras especializadas na afro descendência, a saber: Malê Edições; Selo Negro – Summus; Mazza Edições; Nandyala; Ciclo Contínuo Editorial; Pallas; Ogum's e Kapulana. Perguntas como: quais autores/as publicaram nessa editora? O que publicou? Quando? Quem são os/as protagonistas? Antes ou depois da Lei Federal 10.639? São algumas das indagações a serem respondidas no decorrer da pesquisa. Diante disso, optou-se pela pesquisa qualitativa de tipo explicativa, por se mostrar mais adequada para o objetivo proposto. Como instrumentos da pesquisa, serão realizadas entrevistas on line síncrona do tipo semiestruturada. Além disso, alguns livros publicados por essas editoras serão selecionados para análise, tanto no que se refere às mensagens como as imagens contidas nesses livros. Para a análise das informações obtidas através das entrevistas e também das mensagens e imagens contidas nos livros pré-selecionados, foi escolhido uso da análise de conteúdo. Essa escolha tem como principal motivação o fato de que esse tipo de análise leva em consideração a comunicação entre as pessoas, tendo como foco central o conteúdo das suas mensagens.



Continuação do Parecer: 2.602.052

#### **Objetivo da Pesquisa:**

- Identificar as publicações de literatura infantil afro-brasileira das editoras Malê Edições; Selo Negro – Summus; Mazza Edições; Nandyala; Ciclo Contínuo Editorial; Pallas; Ogum's e Kapulana no período anterior e posterior a lei 10.639 e lei 11.645.
- Identificar e analisar as atividades/medidas adotadas pelas editoras Malê Edições; Selo Negro – Summus; Mazza Edições; Nandyala; Ciclo Contínuo Editorial; Pallas; Ogum's e Kapulana em relação ao não tratamento/inclusão/participação de personagens femininas afrodescendentes na literatura infantil.
- Analisar algumas obras escritas por mulheres afrodescendentes sobre meninas descendentes de africanos/as protagonistas das editoras Malê Edições; Selo Negro – Summus; Mazza Edições; Nandyala; Ciclo Contínuo Editorial; Pallas; Ogum's e Kapulana, caracterizando as falas e imagens contidas nessas obras.
- Descrever/Caracterizar (as) possíveis contribuições da inclusão de personagens afrodescendentes, bem como da temática afrodescendência na literatura infantil produzida por estas editoras na educação escolar.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

##### **• Riscos**

Todas as medidas serão tomadas para garantir que nenhum/a participante seja exposto/a a nenhum perigo durante a entrevista. Existe um desconforto e risco mínimo para o participante da pesquisa, relacionados aos aspectos morais, psicológicos e culturais, como: intimidação, vergonha, constrangimento, medo, problemas de ordem emocional, moral e culturais, invasão de privacidade, exposição, ansiedade e receio. Como forma de superar ou amenizar possíveis riscos, daremos uma pausa para nossas entrevistadas se recompor, conversaremos sobre determinado assunto que ocasionou desconforto aos participantes de maneira mais sutil, caso permaneça o desconforto iremos respeitar sua decisão e envolvê-la com outras questões, outra alternativa é suspender a entrevista e realizá-la num outro dia ou até mesmo contar com a ajuda de outros profissionais como terapeutas ou psicólogos. O(s) pesquisador(es) irá(ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. A transcrição da entrevista, bem como, o resultado da pesquisa será enviada para o participante e permanecerão confidenciais. O nome ou o material que indique a participação não será liberado sem a permissão do participante. Uma cópia deste consentimento informado será arquivado no Curso de Pós Graduação em Educação – PPGED da Universidade Federal do Piauí e outra será fornecida ao participante. A participação no estudo não



UFPI - UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS  
MINISTRO PETRÔNIO



Continuação do Parecer: 2.602.052

acarretará custos para o participante e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

• Benefícios

As contribuições desta pesquisa advêm da pouca disseminação de imagens positivas e de sucesso das (os) afrodescendentes, favorecendo a perpetuação dos estereótipos negativos. O participante estará contribuindo para a reversão dessas imagens. Espera-se, ainda, que este estudo promova discussões e atividades em torno de uma melhor compreensão do mercado editorial brasileiro e das mulheres afrodescendentes na literatura. Caso o participante concorde em participar desta pesquisa, seu nome e identidade não serão divulgados. A menos que requerido por lei ou por sua solicitação, somente a equipe deste projeto terá acesso às informações.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa relevante.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os Termos de apresentação obrigatória foram anexados.

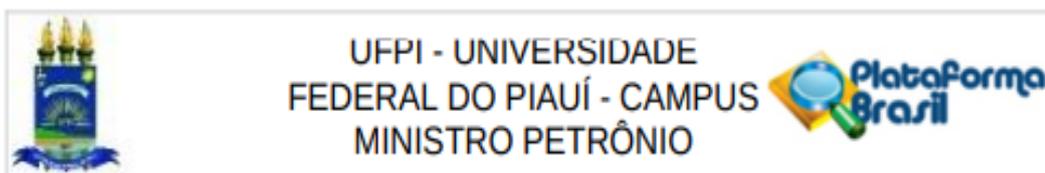
**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Projeto de pesquisa apto a ser desenvolvido.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1074883.pdf	10/04/2018 15:57:01		Aceito
Outros	CARTEIRADEANUENCIAETERMODEAUTORIZACAODEPESQUISA.pdf	10/04/2018 15:54:11	EMANUELLA GEOVANA MAGALHAES DE SOUZA	Aceito
Outros	ROTEIRODEENTREVISTA.pdf	10/04/2018 15:52:47	EMANUELLA GEOVANA MAGALHAES DE SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TERMODECONSENTIMENTOLIVREESCLARECIDOATUALIZADO.pdf	10/04/2018 15:51:44	EMANUELLA GEOVANA MAGALHAES DE	Aceito



Continuação do Parecer: 2.602.052

Ausência	TERMODECONSENTIMENTOLIVREES CLARECIDOATUALIZADO.pdf	10/04/2018 15:51:44	SOUZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOEMANUELLAGMSOUZA.pdf	08/03/2018 15:08:22	EMANUELLA GEOVANA MAGALHAES DE SOUZA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	08/03/2018 15:07:20	EMANUELLA GEOVANA MAGALHAES DE SOUZA	Aceito
Outros	CartadeEncaminhamento.pdf	08/03/2018 11:30:14	EMANUELLA GEOVANA MAGALHAES DE SOUZA	Aceito
Outros	Termodeconfidencialidade.pdf	08/03/2018 11:29:50	EMANUELLA GEOVANA MAGALHAES DE SOUZA	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	08/03/2018 11:25:15	EMANUELLA GEOVANA MAGALHAES DE SOUZA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaodopesquisador.pdf	08/03/2018 11:23:42	EMANUELLA GEOVANA MAGALHAES DE SOUZA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	08/03/2018 10:30:11	EMANUELLA GEOVANA MAGALHAES DE SOUZA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

TERESINA, 16 de Abril de 2018

---

**Assinado por:**  
**Herbert de Sousa Barbosa**  
**(Coordenador)**

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA

Sou Emanuella, mestranda em Educação pela Universidade Federal do Piauí, orientanda do prof. Francis Musa Boakari. Segue em anexo comprovante.

Venho neste presente e-mail realizar um convite:

Estou realizando uma pesquisa sobre as editoras com recorte específico na afrodescendência, como a Editora\_\_\_\_\_. Gostaria de realizar entrevistas *on line* com as pessoas responsáveis pelas decisões referentes à edição. A pesquisa em questão tem como objetivo principal compreender as respostas/medidas adotadas por algumas editoras em relação a não inclusão de meninas/mulheres afrodescendentes na literatura infantil. Para isso, procuramos entender o funcionamento das editoras; saber a opinião dos/as entrevistados/as sobre o mercado editorial brasileiro e livros sobre afrodescendência; compreender o sistema de vendas das editoras; conhecer os projetos vinculados a essas instituições; bem como, recolher informações referentes aos processos editoriais de suas instituições. Você será entrevistada/o a este respeito.

Estou enviando em anexo, dois documentos referentes à autorização da pesquisa. Caso decida participar da mesma, solicito a assinatura, depois digitalize os documentos (*scanear*) e posteriormente envie para este e-mail.

Espero uma resposta até dia 09/04/2018.

Desde já, agradeço a atenção,

Emanuella Souza

**APÊNDICE B – CARTA DE ANUÊNCIA****CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA**

Ilmo Sr. Prof.. Dr. Herbert de Sousa Barbosa.  
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa Humana da UFPI

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada “Da invisibilidade ao protagonismo: mulheres afrodescendentes no mercado editorial brasileiro” a ser realizada na empresa Mazza Edições pela discente de mestrado Emanuella Geovana Magalhães de Souza, sob orientação do Prof. Dr. Francis Musa Boakari, com o seguinte objetivo geral: compreender a natureza das respostas de algumas editoras em relação às ausências e esquecimentos de meninas descendentes de africanas/os na literatura considerada infantil, necessitando, portanto, ter acesso aos dados a serem colhidos no setor de edição, como arquivos relacionados à publicação, vendas e regulamento da empresa. Ao mesmo tempo, pedimos autorização para que o nome desta instituição conste no relatório final, bem como futuras publicações em eventos e periódicos científicos.

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS), que trata da pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados serão utilizados somente para a realização deste estudo.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta chefia, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais que se fizerem necessários.

Teresina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

***Emanuella Geovana Magalhães de Souza***  
**Pesquisador(a) Responsável pelo Projeto**

**Concordamos com a solicitação**

**Não concordamos com a solicitação**

---

***Maria Mazarello Rodrigues***  
**(Assinatura e Carimbo)**

## CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Ilmo Sr. Prof.. Dr. Herbert de Sousa Barbosa.  
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa Humana da UFPI

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada “Da invisibilidade ao protagonismo: mulheres afrodescendentes no mercado editorial brasileiro” a ser realizada na empresa Pallas pela discente de mestrado Emanuella Geovana Magalhães de Souza, sob orientação do Prof. Dr. Francis Musa Boakari, com o seguinte objetivo geral: compreender a natureza das respostas de algumas editoras em relação às ausências e esquecimentos de meninas descendentes de africanas/os na literatura considerada infantil, necessitando, portanto, ter acesso aos dados a serem colhidos no setor de edição, como arquivos relacionados à publicação, vendas e regulamento da empresa. Ao mesmo tempo, pedimos autorização para que o nome desta instituição conste no relatório final, bem como futuras publicações em eventos e periódicos científicos.

Ressaltamos que os dados desenvolvidos serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS), que trata da pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados serão utilizados somente para a realização deste estudo.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta chefia, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais que se fizerem necessários.

Teresina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

*Emanuella Geovana Magalhães de Souza*  
Pesquisador(a) Responsável pelo Projeto

**Concordamos com a solicitação**

**Não concordamos com a solicitação**

---

*Chefia de Edição*  
(Assinatura e Carimbo)

## CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Ilmo Sr. Prof.. Dr. Herbert de Sousa Barbosa.  
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa Humana da UFPI

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada “Da invisibilidade ao protagonismo: mulheres afrodescendentes no mercado editorial brasileiro” a ser realizada na empresa Ogum’s pela discente de mestrado Emanuella Geovana Magalhães de Souza, sob orientação do Prof. Dr. Francis Musa Boakari, com o seguinte objetivo geral: compreender a natureza das respostas de algumas editoras em relação às ausências e esquecimentos de meninas descendentes de africanas/os na literatura considerada infantil, necessitando, portanto, ter acesso aos dados a serem colhidos no setor de edição, como arquivos relacionados à publicação, vendas e regulamento da empresa. Ao mesmo tempo, pedimos autorização para que o nome desta instituição conste no relatório final, bem como futuras publicações em eventos e periódicos científicos.

Ressaltamos que os dados desenvolvidos serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS), que trata da pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados serão utilizados somente para a realização deste estudo.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta chefia, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais que se fizerem necessários.

Teresina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

*Emanuella Geovana Magalhães de Souza*  
**Pesquisador(a) Responsável pelo Projeto**

**Concordamos com a solicitação**

**Não concordamos com a solicitação**

---

*Chefia de Edição*  
*(Assinatura e Carimbo)*

### APÊNDICE C - ROTEIRO DE PERGUNTAS - ENTREVISTAS ONLINE SÍNCRONA

EIXO TEMÁTICO	TÓPICOS
Literatura e afrodescendência	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Escolha pelo segmento da afrodescendência e literatura infantil</li> <li>✓ Mercado editorial em geral e deste segmento em particular antes e após as leis 10.639 e 11.645</li> <li>✓ Mulher afrodescendente no mercado editorial brasileiro</li> </ul>
Relacionamento da Editora com o Mercado – avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Contato com os leitores – com leitoras/es</li> <li>✓ Contato direto nas escolas – direção – coordenação – professor/a</li> <li>✓ Público que deseja atingir</li> <li>✓ Desenvolve programas culturais e educacionais como cursos, orientação ao professor...</li> <li>✓ Participação em programas institucionais – exemplos:</li> </ul>
Seleção dos Títulos	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Critérios gerais</li> <li>✓ Descrição do processo</li> <li>✓ Quem participa</li> <li>✓ Avaliação sobre as representações de personagens afrodescendentes, em especial de meninas.</li> <li>✓ Há avaliações antes e/ou depois</li> </ul>
Autores/as e Ilustradores/as	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Critérios gerais</li> <li>✓ Renomados ou desconhecidos?</li> <li>✓ Contrato e remuneração das autoras/es (Ex.: Trabalho profissional remunerado ou não; Trabalho não profissional remunerado ou não; Trabalho amador voluntário)</li> </ul>
Perspectivas	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Quais planos e objetivos futuros?</li> </ul>

## **APÊNDICE D – ROTEIRO DE PERGUNTAS - ENTREVISTAS ONLINE ASSÍNCRONA**

Solicitamos que após leitura atenciosa das perguntas você as responda de maneira a evidenciar suas experiências e opiniões.

1. Conte sobre os motivos pela escolha do segmento da literatura infantil voltada para as questões da afrodescendência.
2. Comente sobre o Mercado editorial em geral e deste segmento em particular antes e após as leis 10.639 e 11.645.
3. Como você encara/percebe a mulher afrodescendente (enquanto autora e/ou ocupando a função de editora) no mercado editorial brasileiro? Existe resistência, barreiras, dificuldades?
4. Desenvolve programas culturais e educacionais como cursos, orientação ao professor... Conte um pouco sobre suas experiências.
5. Participou de programas institucionais? Conte um pouco sobre suas experiências.
6. Descreva e comente sobre a seleção dos títulos.
7. Quais os critérios gerais para seleção de autores/as, ilustradores/as?
8. Quais planos e objetivos futuros?

**APÊNDICE E- CARTA DE ENCAMINHAMENTO**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO - PRPG  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. MARIANO DA SILVA NETO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd  
MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO MINISTRO PETRÔNIO PORTELLA – ININGA  
64.049-550 – TERESINA–PIAUI

**Carta de Encaminhamento**

Ilmo Sr.

Prof. Dr. Herbert de Sousa Barbosa.

Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa Humana da UFPI

Caro Prof.,

Estou enviando o projeto de pesquisa intitulado “Da invisibilidade ao protagonismo: as mulheres afrodescendentes no mercado editorial brasileiro” para a apreciação por este comitê.

Confirmo que todos os pesquisadores envolvidos nesta pesquisa realizaram a leitura e estão cientes do conteúdo da resolução 466/12 do CNS e das resoluções complementares à mesma (240/97, 251/97, 292/99 e 340/2004).

Confirmo também:

- 1- que esta pesquisa ainda não foi iniciada,
- 2- que não há participação estrangeira nesta pesquisa,
- 3- que comunicarei ao CEP-UFPI os eventuais eventos adversos ocorridos com o voluntário,
- 4- que apresentarei relatório anual e final desta pesquisa ao CEP-UFPI,
- 5- que retirarei por minha própria conta os pareceres e o certificado junto à secretaria do CEP-UFPI.

Atenciosamente,

---

**Pesquisadora responsável**  
**Emanuella Geovana Magalhães de Souza**  
**CPF nº- 054.903.613-01**

**Instituição:** Universidade Federal do Piauí. **Área:** Educação

**Departamento:** Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEd

Centro de Ciências da Educação – CCE Campus Ministro Petrônio Portela – Ininga –  
Telefone: 3237-1277 CEP: 64049-550 – Teresina/PI

## APÊNDICE F – DECLARAÇÃO PESQUISADORES

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
 PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO - PRPG  
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. MARIANO DA SILVA NETO  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGED  
 MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO  
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO MINISTRO PETRÔNIO PORTELLA – ININGA  
 64.049-550 – TERESINA-PIAUÍ

### Declarações do(s) Pesquisador(es)

Ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP  
 Universidade Federal do Piauí

Eu (nós), **Emanuella Geovana Magalhães de Souza**- Mestranda e **Francis Musa Boakari** – Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> orientador, pesquisador(es) responsável(is) pela pesquisa intitulada –**Da invisibilidade ao protagonismo: mulheres afrodescendentes no mercado editorial brasileiro**, declaro (amos) que:

- Assumo (imos) o compromisso de cumprir os Termos da Resolução nº 466/12 de 12 de Dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e demais resoluções complementares à mesma (240/97, 251/97, 292/99 e 340/2004).
- Assumo (imos) o compromisso de zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações, que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa;
- Os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste trabalho serão utilizados apenas para se atingir o(s) objetivo(s) previsto(s) nesta pesquisa e não serão utilizados para outras pesquisas sem o devido consentimento dos voluntários;
- Os materiais e os dados obtidos ao final da pesquisa serão arquivados sob a responsabilidade de **Emanuella Geovana Magalhães de Souza** da área de Educação da UFPI; que também será responsável pelo descarte dos materiais e dados, caso os mesmos não sejam estocados ao final da pesquisa;
  - Não há qualquer acordo restritivo à divulgação pública dos resultados;
  - Os resultados da pesquisa serão tornados públicos através de publicações em periódicos científicos e/ou em encontros científicos, quer sejam favoráveis ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos sujeitos da pesquisa;
  - O CEP-UFPI será comunicado da suspensão ou do encerramento da pesquisa por meio de relatório apresentado anualmente ou na ocasião da suspensão ou do encerramento da pesquisa com a devida justificativa;
  - O CEP-UFPI será imediatamente comunicado se ocorrerem efeitos adversos resultantes desta pesquisa com o voluntário;
- Esta pesquisa ainda não foi total ou parcialmente realizada.

Teresina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

---

Emanuella Geovana Magalhães de Souza  
 CPF nº 054.903.613-01  
 Mestranda em Educação  
 Pesquisadora Responsável

---

Francis Musa Boakari  
 CPF nº 344.096.961-49  
 Professor Orientador

**APÊNDICE G - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

PROJETO: DA INVISIBILIDADE AO PROTAGONISMO: MULHERES AFRODESCENDENTES NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO

RESPONSÁVEL: Emanuella Geovana Magalhães de Souza

ORIENTADOR: Prof<sup>o</sup> PHD. Francis Musa Boakari

INSTITUIÇÃO: CCE – PPGED - UFPI – Teresina, Piauí.

TELEFONE: 86 99470 - 1379

Você está sendo convidado/a para participar, como voluntário/a, numa pesquisa científica de cunho qualitativo. Você precisa decidir se quer participar ou não. A sua decisão, qualquer que seja, não deveria lhe trazer nenhum prejuízo. Deste modo, por favor, não se apresse em tomar a sua decisão. Leia com todo o cuidado o que se segue, e quando tiver alguma dúvida, pergunte ao responsável pela pesquisa; deveria lhe responder com todo prazer. Após de ficar satisfeito/a com as informações e os esclarecimentos sobre o estudo, e então decidir participar voluntariamente no mesmo, assine em duas vias, a ficha no final deste documento, sendo que uma ficará com esta pesquisadora e a outra com você.

A pesquisa em questão tem como objetivo principal compreender as respostas/medidas adotadas por algumas editoras em relação a não inclusão de meninas/mulheres afrodescendentes na literatura infantil. Para isso, procuramos entender o funcionamento das editoras; saber a opinião dos/as entrevistados/as sobre o mercado editorial brasileiro e livros sobre afrodescendência; compreender o sistema de vendas das editoras; conhecer os projetos vinculados a essas instituições; bem como, recolher informações referentes aos processos editoriais de suas instituições. Você será entrevistada a este respeito.

A expectativa é que esta entrevista tenha uma curta duração, garantindo que a mesma será interrompida a qualquer momento se for necessário. Como as entrevistas serão realizadas no modo *on line* via *Skype*, para garantir reprodução fiel das entrevistas, solicitamos que cada uma, seja gravada, com os recursos do programa *Kazam*, ou seja, será salva/guardada em formato de vídeo. Se a entrevistada não concordar com a gravação, outras técnicas de registro das informações serão utilizadas. O importante é para os pesquisadores ficar sabendo das experiências e opiniões de cada participante. Todas as medidas serão tomadas para garantir que nenhum/a participante seja exposto a nenhum perigo durante a entrevista.

Existe um desconforto e risco mínimo para você ao participar das entrevistas, relacionados aos aspectos morais, psicológicos e culturais, como: intimidação, vergonha, constrangimento, medo, problemas de ordem emocional, moral e culturais, invasão de privacidade, exposição, ansiedade e receio. Como forma de superar ou amenizar possíveis riscos, daremos uma pausa para você se recompor, conversaremos sobre determinado assunto que ocasionou desconforto de maneira mais sutil, caso permaneça o desconforto iremos respeitar sua decisão e envolvê-lo/a com outras questões, outra alternativa é suspender a entrevista e realizá-la num outro dia ou até mesmo contar com a ajuda de outros profissionais como terapeutas ou psicólogos.

O (s) pesquisador (es) irá (ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. A transcrição da entrevista, bem como, o resultado da pesquisa será enviada para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Curso de Pós Graduação em Educação – PPGEd da Universidade Federal do Piauí e outra será fornecida a você.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

As contribuições desta pesquisa advêm da pouca disseminação de imagens positivas e de sucesso das (os) afrodescendentes, favorecendo a perpetuação dos estereótipos negativos. Você está

contribuindo para a reversão dessas imagens. Esperamos, ainda, que este estudo promova discussões e atividades em torno de uma melhor compreensão do mercado editorial brasileiro e das mulheres afrodescendentes na literatura.

Se você concordar em participar desta PESQUISA, seu nome e identidade não serão divulgados. A menos que requerido por lei ou por sua solicitação, somente a equipe deste projeto terá acesso às suas informações.

### CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, \_\_\_\_\_ RG N°. \_\_\_\_\_, abaixo assinada, CONCORDO EM PARTICIPAR do estudo **DA INSIBILIDADE AO PROTAGONISMO: MULHERES AFRODESCENDENTES NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO**. Tenho pleno conhecimento das informações que li sobre o citado estudo. Discuti com a equipe as minhas dúvidas, e ficaram claros para mim quais os propósitos, objetivos, procedimentos e garantias de confidencialidade. Ficou claro que a minha participação é uma decisão livre, isenta de despesas diretas. Concordo, voluntariamente, em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo. A retirada do consentimento da participação no estudo não acarretará em penalidade ou prejuízos para mim ou qualquer outra pessoa.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

NOME DA PARTICIPANTE:

\_\_\_\_\_

ASSINATURA DA PARTICIPANTE:

\_\_\_\_\_

**TESTEMUNHAS:**

**Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite dos participantes em colaborar com o estudo:**

NOME: \_\_\_\_\_

RG.: \_\_\_\_\_ ASSINATURA: \_\_\_\_\_

NOME: \_\_\_\_\_

RG.: \_\_\_\_\_ ASSINATURA: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE H – ANDAMENTO DA ACEITAÇÃO DAS/OS PARTICIPANTES DA PESQUISA****ANDAMENTO DE ACEITAÇÃO DAS/OS PARTICIPANTES DA PESQUISA**

**Título do Projeto:** Da invisibilidade ao protagonismo: mulheres afrodescendentes no mercado editorial brasileiro

**Pesquisador Responsável:** Emanuella Geovana Magalhaes de Souza

**Instituição/Departamento:** Aluna do Programa de pós-graduação em Educação – PPGEd

**Telefone para contato:** (86) 99470-1379

**Local da coleta de dados:** Teresina – Piauí

A seguir, apresento um quadro especificando o andamento de aceitação dos sujeitos da pesquisa. Como podemos observar apenas três (03) editoras aceitaram participar da investigação proposta, enviando os documentos – carta de anuência e termo de autorização de pesquisa – devidamente preenchidos e assinados. Tendo em vista que o projeto de pesquisa tinha como intenção investigar as oito (08) editoras aqui listadas, mas apenas três editoras se prontificaram a participar, **comprometo-me a realizar as entrevistas semiestruturadas com o software Skype apenas com essas três editoras (Mazza Edições, Pallas e Ogum's)**, asseguradas em seus aspectos físicos, psicológicos, éticos, morais e culturais como estabelecido pelo Comitê de Ética. Ressaltamos ainda que informações de domínio público das demais editoras (disponibilizadas em seus sites) serão utilizadas como dados secundários, por serem consistentes e de suma importância para esta pesquisa.

Nº	Editoras	E-mail de convite à pesquisa <i>Enviado:</i> 19/03/2018 (Prazo estabelecido para responder: 09/04/2018)	E-mail lembrete <i>Enviado:</i> 02/04/2018 (Prazo estabelecido para responder: 09/04/2018)	Enviou os documentos aceitando participar da pesquisa
		Respondeu?	Respondeu?	Respondeu?
1.	Mazza Edições	Não	Não	Sim – Aceitou Data de envio do e-mail: 05/04/2018
2.	Nandyala	Não	Não	Não
3.	Ciclo Contínuo Editorial	Não	Não	Não
4.	Selo Negro - Summus	Sim – Não aceitou o convite (Não edita literatura infantil)		
5.	Pallas	Sim	Sim	Sim – Aceitou Data de envio do e-mail: 03/04/2018
6.	Ogum's	Sim	Sim	Sim – Aceitou Data de envio do e-mail: 09/04/2018
7.	Malê Edições	Sim	Não	Não
8.	Kapulana	Não	Não	Não

Teresina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2018.

Atenciosamente,

---

**Pesquisadora responsável**  
**Emanuella Geovana Magalhães de Souza**  
**CPF nº- 054.903.613-01**

**Instituição:** Universidade Federal do Piauí. **Área:** Educação **Departamento:** Programa de pós-graduação em Educação – PPGEd Centro de Ciências da Educação – CCE Campus Ministro Petrônio Portela – Ininga – Telefone: 3237-1277 CEP: 64049-550 – Teresina/PI